UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALVICIO VICENTE DA ROCHA

"CONTENDA ESTULTA": AS CRÔNICAS DE RAUL GOMES E AS REPRESENTAÇÕES DE PONTA GROSSA- PR NO JORNAL O PROGRESSO (1912)

PONTA GROSSA
2019

ALVICIO VICENTE DA ROCHA

"CONTENDA ESTULTA": AS CRÔNICAS DE RAUL GOMES E AS REPRESENTAÇÕES DE PONTA GROSSA- PR NO JORNAL O PROGRESSO (1912)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de História, Cultura & Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves

PONTA GROSSA
2019

Rocha, Alvicio Vicente da
R672 "Contenda Estulta": as crônicas de Raul Gomes e as representações de Ponta Grossa- PR no jornal O Progresso (1912) / Alvicio Vicente da Rocha. Ponta Grossa, 2019.
122 f.

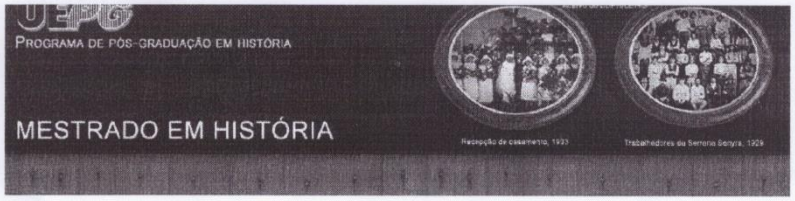
Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves.

1. Intelectual. 2. Imprensa escrita. 3. Discursos e representações. 4. Cidade. 5. Crônica. I. Chaves, Niltonci Batista. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 907

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos- CRB9/986



TERMO DE APROVAÇÃO

Alvicio Vicente da Rocha

"CONTENDA ESTULTA": AS CRÔNICAS DE RAUL GOMES E AS REPRESENTAÇÕES DE PONTA GROSSA-PR NO JORNAL O PROGRESSO (1912)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História - Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 20 de setembro, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. NILTONCI BATISTA CHAVES (UEPG)
(Orientador)

Prof. Dr. ERIVAN CASSIANO KARVAT (UEPG)

Prof. Dr. FABIO LUCIANO IACHTECHEN (UEL)

Ponta Grossa, 20 de setembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves, pela amizade, dedicação e esforço na condução dos trabalhos que resultaram nesta dissertação.

À minha esposa Patricia Camera Varella, pela iniciativa e pelo grande incentivo em toda a minha trajetória neste mestrado.

Ao Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat, pela amizade e colaboração nos meus estudos.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A todos os meus queridos amigos e amigas do curso de Mestrado.

Aos meus pais e sogros, que sempre torceram por este trabalho.

Às minhas irmãs e cunhados, que comemoraram cada passo por mim conquistado.

“Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai, que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre eles.”

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, 2017, p. 72).

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar um conjunto de crônicas intituladas *Ponta Grossa de hoje*, escritas por Raul Gomes e publicadas no jornal O Progresso em 1912. Esses textos são compreendidos como documento/monumento do discurso e da representação da cidade ponta-grossense, nos quais ela é apontada como uma cidade moderna, sendo que o cronista ainda a projeta, para um futuro próximo, como uma "cidade ideal". As crônicas foram produzidas pelo jornalista a pretexto de mediar uma possível disputa entre jornais da época sobre uma indicação de qual cidade, Paranaguá ou Ponta Grossa, seria a segunda em hegemonia no Estado, depois da capital Curitiba. Assim, surge a pergunta sobre se tais elementos que compõem as crônicas atestam, de fato, a representação de um processo de modernização da cidade de Ponta Grossa. Os textos abarcam componentes que visam descrever as impressões colhidas pelo autor, através do levantamento de dados como indústria, comércio, entretenimento, intelectualidade, geografia e economia. Há também transcrições de entrevistas com personalidades locais. Para o entendimento do conteúdo dos textos se faz necessário uma análise dos mesmos, assim como as representações da cidade empregadas pelo jornalista Raul Gomes através se suas considerações. Entre os autores citados para desenvolver o projeto estão Benjamin, Bourdieu, Capelato, Chartier, Chaves, Ginzburg, Le Goff e Pesavento.

Palavras-chave: Intelectual. Imprensa escrita. Crônica. Modernização. Cidade. Discursos. Representações.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze a set of chronicles entitled *Ponta Grossa hoje*, written by Raul Gomes and publish in the newspaper *O Progresso*, in 1912. These texts are understood as a document / monument of the speech and representation of the city of Ponta Grossa, in which it is appointed as a modern town, and the chronicler still projects it, for a near future, as an “ideal city”. Such these chronicles were written by the journalist with the pretext of mediating a possible disputed among the newspapers of that period, about what city, Paranaguá or Ponta Grossa, would be a second in hegemony in the Parana state, after the capital Curitiba. Thus, there is a question about the elements that make up these chronicles, certificate, in fact, a representation of the modernization process of the city of Ponta Grossa. The texts cover components that aim to describe the impressions collected by the author, using the survey of data such as industry, commerce, entertainment, intellectuality, geography and economy. There are also transcripts of interviews with local personalities. To understand the content of the texts, it is necessary to analyze them as well as the representations of the city applied by the journalist Raul Gomes, using his considerations. Among the authors cited to develop the project are Benjamin, Bourdieu, Capelato, Chartier, Chaves, Ginzburg, Le Goff and Pesavento.

Keywords: Intellectual. Written press. Chronicle. Modernization. City. Speeches. Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ficha biobibliográfica de Raul Gomes. Destaque para a relação de pseudônimos por ele utilizados..... 22

Figura 2 - Recorte de página do jornal mostrando publicação de folhetim publicado em 16 de dezembro de 1911..... 25

Figura 3 - Recorte da primeira página de *O Progresso*. A partir do segundo semestre de 1909 começa a circular com novo cabeçalho, confeccionado em xilografia do popularíssimo João do Padre (funcionário da estrada de ferro)..... 30

Figura 4 - Anúncio do surgimento de um novo jornal no Estado..... 32

Figura 5 - Anúncio de agente de jornais e revistas..... 33

Figura 6 - Publicação do diário carioca *O Imparcial*..... 34

Figura 7 - Fotografia de agente de jornais e revistas..... 35

Figura 8 - Caderno de clientes e serviços do ateliê Foto Bianchi. No destaque a descrição do cliente “Salvador Schiavo grupo”..... 37

Figura 9 - Rua Augusto Ribas (1911)..... 53

Figura 10 - Rua Augusto Ribas (sem data)..... 54

Figura 11 - Página de anúncios no jornal O Progresso de 4 jul. 1912..... 57

Figura 12 - Banco Francês e Italiano (sem data)..... 58

Figura 13 - Banco Francês e Italiano nova sede (sem data)..... 59

Figura 14 - Revista Folha Rosea..... 69

Figura 15 - Revista Folha Rosea 70

Figura 16 - Quadro de motores elétricos instalados..... 75

Figura 17 - Empresa Telefônica de Ponta Grossa (sem data)..... 77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 9

CAPÍTULO 1 - O DECANO DOS JORNALISTAS PARANAENSES: APONTAMENTOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE RAUL GOMES..... 15

1.1 RAUL GOMES: UM INTELECTUAL MULTIFACETADO..... 15

1.2 O CALEIDOSCÓPIO DOS PSEUDÔNIMOS..... 20

CAPÍTULO 2 - *O PROGRESSO*: UM JORNAL LONGEVO..... 23

2.1 O JORNAL COMO FONTE HISTÓRICA E LITERÁRIA..... 23

2.2 O PROGRESSO: A ESCRITA DE UM JORNAL PIONEIRO NA CIDADE DE PONTA GROSSA..... 28

CAPÍTULO 3 - PONTA GROSSA NAS CRÔNICAS DE RAUL GOMES NO JORNAL O PROGRESSO (1912)..... **40**

3.1 SOBRE AS CIDADES E A MODERNIDADE..... 40

3.2 AS CRÔNICAS *PONTA GROSSA DE HOJE*..... 41

3.3 O PROGRESSO DA CIDADE E A VONTADE DE UM POVO..... 42

3.4 ENTRETENIMENTO E RELIGIÃO..... 49

3.5 GEOGRAFIA E DESENVOLVIMENTO URBANO..... 51

3.6 A VIDA INTELECTUAL DE PONTA GROSSA..... 62

3.7 A ECONOMIA PONTA-GROSSENSE..... 71

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 78

FONTES..... 82

REFERÊNCIAS..... 85

ANEXO A - CRÔNICAS DE RAUL GOMES..... 88

ANEXO B - RECORTES DE CRÔNICAS DO JORNAL *O PROGRESSO*..... 121

INTRODUÇÃO

Italo Calvino (2017, p.12) cita em sua obra *As cidades invisíveis*, que o homem que cavalga por um longo tempo em terras selvagens sente o desejo de cidade. Talvez por esta satisfazer a necessidade de contato contra o isolamento que por vezes perturba o indivíduo. Os centros urbanos agregam e distraem. A convivência às vezes é algo que não se pode dispensar. Desta forma,

> A cidade, construída e habitada por seres humanos que partilham de um convívio social, não se resume somente às suas edificações, ruas, calçadas, praças e monumentos. Apesar de parecer, a priori, um "ser inanimado", ela também pode ser sentida, cheirada, abraçada, enfim, vivida. É através dela que projetamos o nosso ir e vir, o nosso trabalho, o nosso estudo, e o nosso lazer. Bem por isso, estamos sempre buscando entendê-la, melhorá-la, aperfeiçoá-la, torná-la melhor habitável e, por que não, contá-la (ROCHA, 2018, p. 143).

Para contar a história de uma cidade, por muito tempo se fez o uso do jornal, principalmente no final do século XIX e começo do XX, uma vez que ele era o meio de comunicação que alcançava uma boa parte da população urbana. "Esse alcance se dava não só pelos anúncios ou pelas notícias de destaque, mas também através da crônica, um gênero textual elaborado de forma subjetiva, com narrativa curta e relacionado ao cotidiano" (ROCHA, 2018, p.143).

A crônica, como gênero literário de estrutura curta, ganhou espaço de destaque nos jornais. Suas narrativas simples e objetivas traziam, geralmente, assuntos ligados ao cotidiano das cidades. Ela explorava temas relacionados à arte, política, meio ambiente, urbanização, etc. Podia fechar um tópico em apenas uma edição ou seguir em várias outras, como se fosse escrita em capítulos. Através desses textos é possível levantar dados que permitem explorar fatos que estariam de certa forma, contribuindo com a dinâmica da vida em uma dada localidade em uma determinada época.

O presente trabalho de dissertação tem como objetivo estudar as crônicas *Ponta Grossa de hoje*, escritas pelo jornalista Raul Gomes e publicadas no jornal ponta-grossense *O Progresso*, no ano de 1912. Esse trabalho do periodista surgiu depois de uma intriga provocada pelos colunistas de dois jornais: o já citado *O*

Progresso e o curitibano *Correio do Sul*[1]. Batizada como uma "contenda estulta" por um jornalista do *Diario do Commercio*[2], essa discussão tem como origem o grau de importância entre as cidades de Ponta Grossa, da região dos Campos Gerais e de Paranaguá, situada no litoral, ambas no estado do Paraná. Raul Gomes se propôs a mediar o embate. Para isso ele deveria fazer uma viagem às referidas cidades e realizar um levantamento sobre as mesmas, principalmente com relação aos aspectos de modernização, economia, cultura e urbanização.

Raul Gomes (1889 – 1975) nasceu na cidade paranaense de Piraquara, região metropolitana de Curitiba. Teve sua formação como professor e lecionou nas cidades de Morretes, Rio Negro e Curitiba. Além disso, foi escritor e jornalista, tendo atuado em vários jornais curitibanos como *Diário da Tarde*, *Folha da Manhã* e *Gazeta do Povo*. Também foi professor universitário. Sua intenção ao coletar suas impressões sobre as cidades era de publicar, posteriormente, um livro com a compilação destas pesquisas. O projeto não foi levado adiante, mesmo porque não foram encontrados indícios de que ele escreveu sobre Paranaguá.

As crônicas referentes à Ponta Grossa, em um total de quinze[3], foram publicadas na *Folha da Manhã*[4] e transcritas no *O Progresso* entre julho e setembro de 1912. Como mencionado, elas compõe o objeto de estudo dessa pesquisa.

Esses textos são compreendidos como documento/monumento[5] do discurso e da representação da cidade ponta-grossense. Embora eles tenham sido escritos a mais de um século, eles trazem uma percepção de como era o cotidiano da urbe naquela época. Segundo Le Goff (2013, p. 28) "O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história." Para ele, uma parte marcante de documentos do passado ainda está por se revelar através da evolução de técnicas e métodos de análise. Dessa forma,

> a arqueologia decorre sem cessar dos monumentos desconhecidos do passado; os arquivos do passado continuam incessantemente a enriquecer-

[1] O Correio do Sul foi um jornal que surgiu na cidade de Curitiba no ano 1912. (CARDOSO, 1969, p. 220).
[2] O Diario do Commercio foi um jornal que surgiu na cidade de Paranaguá também no ano de 1912. (CARDOSO, 1969, p. 220).
[3] As quinze crônicas estão transcritas nos anexos desta pesquisa, sendo utilizada mesma grafia da época em que foram publicadas. Os trechos ausentes que nas páginas do jornal estavam rasgados ou borrados estão marcados com "?" ou "[inelegível]".
[4] A Folha da Manhã foi um jornal que surgiu em foi um jornal que surgiu na cidade de Curitiba no ano 1911. (CARDOSO, 1969, p. 220).
[5] Para saber mais sobre documento/monumento consultar Le Goff (2013).

> se. Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevivência – ou melhor, uma vida –, que deixa de ser "definitivamente passado" (LE GOFF, 2013, p. 28-29).

Essas releituras permitem observar, por exemplo, qual era a noção do cronista de uma cidade moderna. Sobre esse gênero literário, Berberi (1996, p. 92) observa:

> Os temas das crônicas frequentemente se entrelaçam, ou ainda, são múltiplos os que se sugerem na leitura de um único texto. Por isso, muitas vezes, é difícil separar, por exemplo, um texto que aborde especificamente a técnica, o imigrante, o trabalho, entre outros. São poucas as crônicas, dentre o material selecionado, que se atêm a um único tema. Talvez isso seja pertinente ao próprio momento. De qualquer forma, é interessante perceber a quantidade de indícios, senão de informações, que se pode tirar de uma crônica se nos colocamos na posição de receptor, de ouvinte daquele cronista, e participamos da conversa que ele introduz. Os cronistas viam o todo, pensavam de acordo com o seu momento e, se fotografavam as partes, ainda assim dificilmente retratavam um único tema.

Em suas crônicas, além de Raul celebrar Ponta Grossa como uma cidade moderna, ele a projeta para um futuro próximo como uma “cidade ideal”. Na sua percepção, a cidade que já contava com uma indústria em plena formação, alavancada pela inovação da eletricidade, a construção civil em pleno desenvolvimento, a diversificação do comércio e a vontade laboral da população, alcançaria o seu apogeu com a simples melhoria do sistema de águas e esgoto, bem como da pavimentação de suas ruas.

Assim, o conteúdo das crônicas mostra como o município de Ponta Grossa era retratado pelo jornalista em 1912. Aqui utilizamos o conceito de representação de Chartier. Por meio da leitura dos textos podemos ver o objeto ausente (a cidade) através da sua substituição por uma imagem (CHARTIER, 1990, p. 20). Os discursos presentes nas colunas jornalísticas são apropriados pelo leitor que o levam a crer e a pensar no real a partir dos textos.

> No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria de leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo (CHARTIER, 1990, p. 24).

Desta forma, ao lerem-se os textos de Raul Gomes sobre Ponta Grossa, nota-se que o autor buscava enaltecer excessivamente a cidade em seus relatos. A

representação que ele conferia é de que o município caminhava a passos largos rumo à prosperidade. Até as críticas pela falta de alguma infraestrutura eram colocadas de forma amenizada, como se fosse um conselho que redundaria em mais progresso. Analisando o seu discurso, tem-se a impressão de que o autor tinha um projeto de elevar a autoestima da população.

Como o conjunto de crônicas foi publicado em 1912, o tempo de corte da pesquisa se dá no mesmo ano, porém, a mesma compreende a consulta de documentos elaborados em anos adjacentes, principalmente em jornais e revistas. O intuito é de se fazer um paralelo com os discursos presentes nas crônicas, principalmente na conferência da modernização propalada nas mesmas.

A problematização desta pesquisa de dissertação se dá na investigação sobre como Raul Gomes construiu a representação de Ponta Grossa, ou seja, como ele elaborou esta representação sob o viés de uma cidade moderna e seu progresso, bem como a sua projeção de "cidade ideal".

As fontes utilizadas são, majoritariamente, jornais da época, livros, catálogos e acervos iconográficos, além de outros trabalhos acadêmicos. A principal fonte jornalística é o jornal *O Progresso*, principalmente os editados em 1912, por abrigarem as transcrições das crônicas escritas por Raul Gomes. Estes periódicos encontram-se encadernados e arquivados na Casa da Memória Paraná, na cidade de Ponta Grossa. Os demais jornais foram pesquisados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A Casa da Memória Paraná também comporta o Fundo Foto Bianchi[6], de onde foi obtida a maioria das imagens aqui contidas. Os demais materiais foram consultados em bibliotecas, sites na internet e artigos acadêmicos, além de acervos pessoais.

Com relação às crônicas sobre a cidade de Paranaguá, apesar das pesquisas realizadas em várias instituições e bibliotecas, estas nunca foram encontradas. Nestas pesquisas, apenas foi localizado um único conjunto de exemplares de um jornal da época. Trata-se do *Diario do Commercio*, encadernados e armazenados no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Fotografados e pesquisados os periódicos, nenhuma transcrição de crônica foi obtida. Possivelmente nem tenham

[6] A produção fotográfica do Fundo foi concebida durante três gerações de fotógrafos, sendo o primeiro Luiz Bianchi, depois seu filho Rauly Bianchi e, por último, seu neto Raul Bianchi. [...] o FFB conta com 'aproximadamente 45 mil negativos de gelatina e prata sobre suporte de vidro (dry plates) e de acetato de celulose, além de documentos, objetos, revistas e cadernos de clientes.' (ROCHA, 2019, p. 55).

sido publicadas, uma vez que não existe nenhuma referência escrita em outras fontes sobre o assunto. Os jornais *Folha da Manhã* e *Correio do Sul* também não foram encontrados nos acervos pesquisados.

Faz-se necessário enfatizar que o uso do jornal como fonte histórica é relativamente recente na historiografia, ocorrendo de forma mais consistente a partir da Nova História. Como toda fonte, a sua utilização também demanda certas metodologias. Nesse sentido, tem-se que estudar sobre a sua produção, caracterizando seus principais atores, ou seja, a mídia, o cronista e a cidade (CAPELATO, 1988). Em seguida, busca-se identificar os elementos que dão corpo às crônicas, como indústria, comércio e cultura, bem como as práticas sociais de grupos ou de indivíduos, trazendo o questionamento da cidade como moderna. Ainda, de acordo com a historiadora, devem-se verificar no periódico os seus objetivos, intenções, proprietários, consumidores e o período de sua produção. Para compreender o jornal *O Progresso*, se faz necessária a consulta de pesquisas que se dedicaram à sua história e suas relações com o imaginário social, bem como as práticas culturais contextualizadas em seu tempo. Essas investigações podem ser encontradas em Chaves (2001), Bucholdz (2007), Holzmann (2004) e Pilotto (1973). Além da metodologia comunicada por ZICMAN (1985) para trabalhar as relações entre história e imprensa.

Para desenvolver a presente dissertação, a pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro deles, chamado “O decano dos jornalistas paranaenses: apontamentos sobre a trajetória de Raul Gomes” traz uma explanação sobre a vida profissional de Raul Gomes, discorrendo principalmente sobre as suas duas paixões: a educação e o jornalismo. A primeira mostra principalmente a sua carreira como educador e o seu empenho pela modernização do ensino, o que rendeu inúmeros trabalhos acadêmicos sobre ele nesta área. Já no segmento da imprensa, tem-se a descrição sobre sua atuação como jornalista e crítico literário em importantes jornais de Curitiba, bem como o uso de pseudônimos nas publicações.

O segundo capítulo, nomeado “O Progresso: um jornal longevo” apresenta o uso e a importância da imprensa como fonte histórica, bem como o seu tratamento adequado em pesquisas pelos historiadores. Na sequência tem-se a apresentação do jornal *O Progresso*, principalmente sobre o seu surgimento na cidade de Ponta Grossa e seus antecessores. Há ainda uma explanação sobre a circulação de jornais e revistas na cidade no ano de 1912.

Sobre este tópico, foi feita uma investigação minuciosa, a partir de uma fotografia do Fundo Foto Bianchi, sobre a identidade de um agente de jornais e revistas da época, o Sr. Salvador Schiavo. Tal investigação invocou Carlo Ginzburg (1989, p. 154) e seu paradigma indiciário, com o qual o autor relata que pistas, sintomas, indícios podem reconstituir a análise de casos individuais. Assim, o caso do agente reuniu pistas que foram colhidas a partir de uma imagem, passando por anúncios de jornais e um caderno de clientes do fotógrafo Luiz Bianchi. Finalizando essa parte, tem-se a explanação sobre a "contenda estulta" que deu origem às crônicas de Raul Gomes.

O terceiro capítulo, intitulado "Ponta Grossa nas crônicas de Raul Gomes no jornal O Progresso (1912)", disserta sobre o objeto de estudo em si, que são as crônicas. A introdução desta parte busca situar os processos de modernização das cidades para a época, citando autores como Walter Benjamin, Nicolau Sevcenko e Sandra Pesavento. Depois, utilizando-se de trechos de diversas crônicas, faz-se uma exposição da modernização de Ponta Grossa através dos discursos e representações contidas nos textos. Aqui são expostos elementos como o comportamento da população, entretenimento, geografia, intelectualidade e economia.

É importante ressaltar que alguns trechos das crônicas foram reproduzidos de forma fiel à gramatica da época. O intuito foi de realçar algumas passagens com o estilo de escrita de então. No entanto, a maior parte dos textos foi adaptada à gramatica atual, principalmente nas transcrições de algumas entrevistas feita pelo repórter junto a personalidades da cidade. Isso possibilita uma melhor compreensão do seu conteúdo. A reprodução das crônicas completas presentes nos anexos segue a grafia exata de suas publicações.

CAPÍTULO 1 - O DECANO DOS JORNALISTAS PARANAENSES: APONTAMENTOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE RAUL GOMES NA EDUCAÇÃO E NA IMPRENSA.

1.1 RAUL GOMES: UM INTELECTUAL MULTIFACETADO

O estudo sobre a trajetória de Raul Gomes pode ser abordado por diferentes perspectivas. Embora alguns pesquisadores que estudaram Raul Gomes na área de educação tenham preferido tratá-lo como um intelectual orgânico, na concepção gramsciana, nesta pesquisa optou-se por discorrer sobre a sua trajetória intelectual. Neste aspecto, deve-se ter o cuidado de se opor aos moldes biográficos da simples exposição dos acontecimentos cronológicos da vida do investigado. Segundo o posicionamento de Pierre Bourdieu,

> A análise crítica dos processos sociais mal analisados e mal dominados que atuam, sem o conhecimento do pesquisador e com sua cumplicidade, na construção dessa espécie de artefato socialmente irrepreensível que é a 'história de vida' e, em particular, no privilégio concedido à sucessão longitudinal dos acontecimentos constitutivos da vida considerada como história em relação ao espaço social no qual eles se realizam não é em si mesma um fim. Ela conduz à construção da noção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações (BOURDIEU, 2006, p. 189).

Raul Rodrigues Gomes nasceu em Piraquara (PR) em 02 de abril de 1889 e faleceu em Curitiba em 12 de novembro de 1975. Segundo sua ficha bibliográfica presente na Biblioteca Pública do Paraná, na Secção de Documentação Paranaense, ele era filho de Joaquim Rodrigues Gomes e de Guilhermina da Costa Lisboa, professora com quem iniciou os estudos primários. Diplomou-se como professor no Ginásio Paranaense no ano de 1906, tendo lecionado nos municípios de Morretes e Rio Negro. Ingressou no magistério secundário em junho de 1940 e em 1946 entrou para o magistério superior. De acordo com IORIO

> Raul Gomes formou-se professor no Ginásio Paranaense e foi professor normalista no município da Lapa. Retornou a Curitiba e ingressou nos Correios. Ao mesmo tempo, mantinha em sua residência uma escola de guarda livros. Na década de 1930 ingressou no curso de Direito da UFPR. Depois de formado, tornou-se professor e catedrático da Universidade e, segundo diversos depoimentos, suas aulas e seu método de ensino participativo marcaram época nessa Instituição. Foi contista, jornalista e crítico literário. Colaborou intensamente na imprensa curitibana. Possui diversos títulos publicados na área literária e de educação, entre eles

> destacam-se Histórias Rudes – contos (1915); O Desespero de Chan – romance (1926), Sugestões para a História Literária do Paraná (1936) (IORIO, 2003, p. 24).

Teve forte atuação no campo da educação, pregando uma reforma no ensino através do movimento “Escola Nova”, um conceito que surgiu na América do Norte e Europa e chegou ao Brasil na década de 20, como alternativa ao ensino tradicional (DENARDI, 2017, p. 28). No ensino superior promovia seminários, debates, mesas redondas e pesquisas. Tratava-se de atividades a que ele dava grande importância, como revelou em uma entrevista a Valfrido Piloto em 1975:

> Eram debates. Eu dava um tema, e os alunos discutiam. Eles próprios organizavam e dirigiam os debates, assumiam a presidência e a secretaria. Eu me sentava numa cadeira e pedia a palavra, respeitando o regulamento. Gostavam tanto desses debates, que mesmo alunos de outras disciplinas vinham assisti-los. Em resumo, o que fiz foi transformar uma aula morta, estagnada, como era antes, em coisa viva (PILOTO, 1977, p. 147).

Raul Gomes também participou como delegado oficial do Paraná em três congressos de educação realizados nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba e São Paulo (GOMES, 1969, p. 3). Entre as suas publicações para esta área destacam-se dois volumes do livro Prática de Redação, que depois foram renomeados para Redação sem Mestre, ambos publicados pela Companhia Editora Nacional (GOMES, 1969, p. 10).

A sua presença no campo educacional rendeu inúmeros trabalhos acadêmicos nesta área, dentre os quais se destacam O intelectual *Raul Gomes e suas práticas discursivas na imprensa: narrativas sobre educação, arte e cultura no Paraná (1907-1950),* dissertação de mestrado de Ana Carolina Brandalise (2016); *Entre teses: uma travessia pelas representações do professor Raul Rodrigues Gomes sobre a escola nova (Paraná, décadas de 1920 e 1930),* dissertação de mestrado de Vanessa Goes Denardi (2017). Além desses, pode-se ressaltar os artigos acadêmicos *Trajetória e discursos educativos do jornalista e professor Raul Rodrigues Gomes na imprensa paranaense (1907-1975)*, de Eliezer Félix de Souza (2012); Da historiadora Dulce Regina Baggio Osinski temos *Entre o sacerdócio e o ofício: Raul Gomes e o papel do professor (1914-1928*) (2013) e *Raul Gomes e o Dia do Professor: ações na imprensa em favor da valorização da profissão docente (1914-1970)* (2015). Neste último, Osinski descreve a atuação de Gomes nos jornais em prol da educação:

> Entre os intelectuais com presença constante por meio de artigos publicados nas páginas dos jornais em circulação no Paraná entre as décadas de 1910 e 1970 do século XX, a figura de Raul Gomes se destaca, não só pelo número de artigos, mas também pela eloquência na defesa de seus pontos de vista. Signatário do Manifesto dos Pioneiros pela Educação Nova e defensor de idéias de tendência renovadora para a educação, Raul Gomes teve participação marcante no cenário cultural e educacional paranaense, relacionando-se com intelectuais, educadores e artistas como Erasmo Pilotto e Guido Viaro, e sendo responsável pela criação de instituições culturais como academias de letras, escolas de arte, museus e bibliotecas. Publicados em jornais como o Diário da Tarde, O Dia, Gazeta do Povo, A República, Diário dos Campo e Diário de Notícias, no contexto paranaense, e Diário de São Paulo, O Globo e Folha da Manhã, em São Paulo e Rio de Janeiro, seus artigos versavam sobre os mais diversos assuntos, destacando-se aqueles dedicados à educação e especialmente à valorização do professor (OSINSKI, 2015, p. 23).

A historiadora também destaca o empenho do educador em destinar uma data comemorativa nacional para todos os professores:

> Porém, cabe observar que o engajamento de intelectuais em defesa da profissão docente antecede o marco de criação de uma data comemorativa, não se detendo tampouco aos limites geográficos de estados como São Paulo ou Rio de Janeiro. No contexto paranaense, a presença atuante de Raul Rodrigues Gomes (1889-1975) na grande imprensa, explorando temáticas da educação e da importância do professor no processo educativo, remonta às primeiras décadas do século XX, estendendo-se até o ano de sua morte. Entre as causas por ele defendidas, destaca-se a instituição de um dia dedicado ao professor, figura merecedora, em sua opinião, de culto e veneração (OSINSKI, 2015, p. 23).

No campo da imprensa, Raul Gomes atuou como jornalista e crítico literário. Destacou-se pelo trabalho nos principais jornais curitibanos, dentre os quais o *Diário da Tarde*, *Folha da Manhã*, *Diário do Paraná* e *Gazeta do Povo*, além de ser correspondente de jornais do interior e de outros estados. Por seu desempenho através de décadas a frente do jornalismo, ele foi conclamado como o “Decano dos Jornalistas Paranaenses”, título ratificado por Valfrido Piloto em sua obra *Jornadas do Redizer*, sendo esta transcrita no editorial da revista *Rumo Paranaense* de dezembro de 1975:

> Seus lances de inato educador, Raul Rodrigues Gomes os transladara, desde 1906, para o jornalismo, principalmente aí um inflexível, um lúcido condutor de gerações, e a sua persistência até os dias presentes, lhe valeria, com inteira propriedade, o título de Decano dos Jornalistas do Paraná. Pugnou ao lado dos maiores apóstolos regionais da pena, e rejeitou, por várias vezes, acenos e promessas para ir lutar no cenário nacional, porque estava num rutilante futuro para a terra e o povo

> paranaenses, o fulcro de suas ambições cívicas. Por estas permaneceu pobre, por estas amargou transes de ingratidão, por estas deixou em cada degrau das subidas do Paraná, as marcas de uma obstinação modelar, como homem de pensamento (RUMO PARANAENSE, 1975, p. 1).

Gomes possuía um forte propósito de enaltecer o Estado do Paraná, fato destacado em um artigo do jornalista Ali Bark, na mesma revista, quando diz que Raul Gomes, ao lado de Euclides Bandeira, ergueu as primeiras proclamações paranistas (BARK, 1975, p. 2).

De fato não há como se destacar a trajetória jornalística de Gomes sem mencionar Euclides Bandeira, uma espécie de mentor para ele. Em uma série de artigos publicados no jornal *Diário do Paraná*, intitulados “Agora é a vez dos jornalistas”, Gomes buscou falar sobre os jornalistas que ele considera como os principais expoentes da imprensa paranaense e, segundo suas palavras, utilizando “fonte apenas mnemotécnica” (GOMES, 1970, p.2). Ao escrever sobre Euclides, a quem ele se referia como um “paranaensista veemente e obstinado”, ele comenta:

> [...] o seu grande, mas perfeitamente disciplinado vício, era o jornalismo, porém jornalismo de letras maiúsculas e alta expressão social, combativo, mas dentro numa linha impecável e absolutamente livre de quaisquer interesses assim materiais como políticos (GOMES, 1970, p.2).

Ainda nesse artigo, Gomes ressaltou a honestidade e a isonomia política com que Bandeira sempre trabalhou na imprensa, principalmente sobre o seu compromisso com a verdade nas publicações e a lealdade para com seus companheiros de trabalho. Mais intensivamente, ele argumentou sobre o fascínio de Bandeira pelas artes literárias, o que o levou a fundar o *Centro de Letras do Paraná*. Gomes também parece ter trilhado a sua carreira na imprensa usando esta como uma ferramenta na sua defesa pela educação, principalmente no tocante à sua modernização.

Podemos observar essa postura em um longo artigo que ele publicou no periódico *A Escola: Revista do Gremio dos Professores Publicos*, então dirigida por Dario Vellozo, no qual defendeu a atualização do ensino público:

> O alumno da *Escola Moderna*, cujas virtudes não nos cansaremos de apregoar, será um ser forte, hercúleo — intelectualmente, pela acquisição racional e proveitosa de conhecimentos uteis; moralmente pelo rebustecimento e polimento de suas faculdades, na convivencia com os docentes, no seguir de exemplos bons; physicamente, pela continuidade de selecionados que revigorm seo organismo.

> Pudera o Paraná espalhar, pelo seo territorio, estabelecimento de instrucção modelares da *Escola Moderna!*
> Impossivel, porém, isso; a creação de uma Escola Moderna requer não pequenos dispendios e o nosso Estado não dispõe de meios para a consecução vantajosa desse desejo.
> Não quer dizer que nos deixemos ficar em inactividade.
> Não! Impõe-se a reforma de nossa Instrucção (GOMES, 1909, p.32, grifo do autor).

Continuando, ele ainda deixa claro a sua defesa do Estado, enfatizando que "O Paraná é parte do Brazil, o Brazil aspira um dia ser a primeira nação do mundo, portanto é de seo dever, como filho carinhoso, concorrer para que essa aspiração se realize." (GOMES, 1909, p.32). Finalmente, Gomes propôs que a imagem do professor fosse parte importante na modernização do ensino: "Convocaremos congressos; fundaremos sociedades; publicaremos nos jornaes, — emfim, propugnaremos, por todos os meios licitos, para melhorarmos de conceito na opinião geral." (GOMES, 1909, p.32).

Seguindo sua predileção pelo tema, o educador publicou no ano 1928, um livro de grande relevância para a classe professoral, intitulado *Missão, E Não Profissão!*, pela *Empreza Gráfica Paranaense*. Segundo Brandalise (2016, p. 89), Gomes teria escrito esse livro a partir da reunião de 29 artigos que publicara durante a década de 1920 nos jornais *O Dia*, *Diário da Tarde*, *Estado do Paraná* e *Commercio do Paraná*, conforme citado pelo próprio autor no prefácio da obra (BRANDALISE, 2016, p.89). Grande parte da produção de Gomes sobre o tema da educação foi veiculado nos jornais.

É importante ressaltar que outros assuntos também motivavam a pena do jornalista. O acontecimento da guerra Ítalo-turca, no ano de 1911, o fez questionar o porquê desses conflitos entre nações. Ele considerava o derramamento de sangue um sacrifício inútil. Neste mesmo texto Raul Gomes fez uma engajada defesa do socialismo:

> O socialismo é principalmente o operariado, e o operariado está sendo reivindicador do direito das gentes.
> Bastará para evitar a realização de uma guerra que o operariado ameace paralisar a vida de uma nação.
> E dentro de dez annos o que o socialismo é na França e na Allemanha, será em todo o mundo. Então a guerra não fará mais a humanidade voltar ao passado e reviver phases monstruosas de sua evolução (GOMES, 1911, p. 1).

Raul Gomes por diversas vezes se mostrou defensor da moral e dos bons costumes. Assim como ele defendia o esforço e o trabalho como elementos essenciais para o progresso em geral, ele também condenava tudo o que considerava obscenidades do ser humano. Em sua coluna no *Diário da Tarde*, ele emitiu a sua opinião contra os jogos de azar:

> O jogo se emparelha ao lado dos mais degradantes vicios. Não causa menos effeitos maus do que o alcoolismo e o fumo. Si estes influem directamente no organismo, intoxicando-o, aquelle cava profundamente no moral do individuo, molteando-o e tornando-o accecivel à toda a sorte de baixesas. Já se disse com razão: o jogo é a porta de todos os vicios. E não se encontra, por mais bem intencionados, uma justificativa para o jogador (GOMES, 1911, p. 1).

1.2 O CALEIDOSCÓPIO DOS PSEUDÔNIMOS

A dificuldade da pesquisa nos jornais pelas matérias assinadas por Raul Gomes, em 1912, ano em que ele escreveu as crônicas sobre a cidade de Ponta Grossa, revelou uma curiosidade: o uso excessivo de pseudônimos pelos jornalistas e escritores, utilizados tanto em jornais como em revistas. Sobre o tema escreveu Euclides Bandeira em um artigo na revista Fanal:

> A obrigação de assignar os artigos é sem duvida uma restricção de liberdade, sem suficientes compensações; em muitos casos si não se assigna o artigo não é por medo de responsabilidade, mas pelo desejo que produza mais effeito; é sabido que o nome do autor pode despertar prevenção desfavoravel naquelles que por inveja ou rivalidades não gostam do escriptor; muitas vezes não se lê o artigo porque o signatario é pessoa obscura; outras se lê com prevenção e só pelo desejo de refutar... (BANDEIRA, 1913, p.258).

Segundo Bandeira, essa prática também existia nas secções com títulos e assinaturas fixos dos jornais, como a *Semanal*, no jornal *Diário da Tarde*, no qual ele escrevia sob o pseudônimo de “Séptimo”, e que depois também foi utilizado pelos jornalistas Augusto Rocha, Raul Gomes, Zeno e Cyro Silva (BANDEIRA, 1913, p. 262). Foi justamente essa práxis de mais de um jornalista usar o mesmo pseudônimo que trouxe alguma dificuldade a essa pesquisa.

O jornal *O Progresso* citava Raul Gomes como seu colaborador nas edições de 1912; as colunas que ele escrevia nos curitibanos *Diário da Tarde* e *Folha da Manhã* eram transcritas no periódico ponta-grossense. Contudo, esses textos tinham

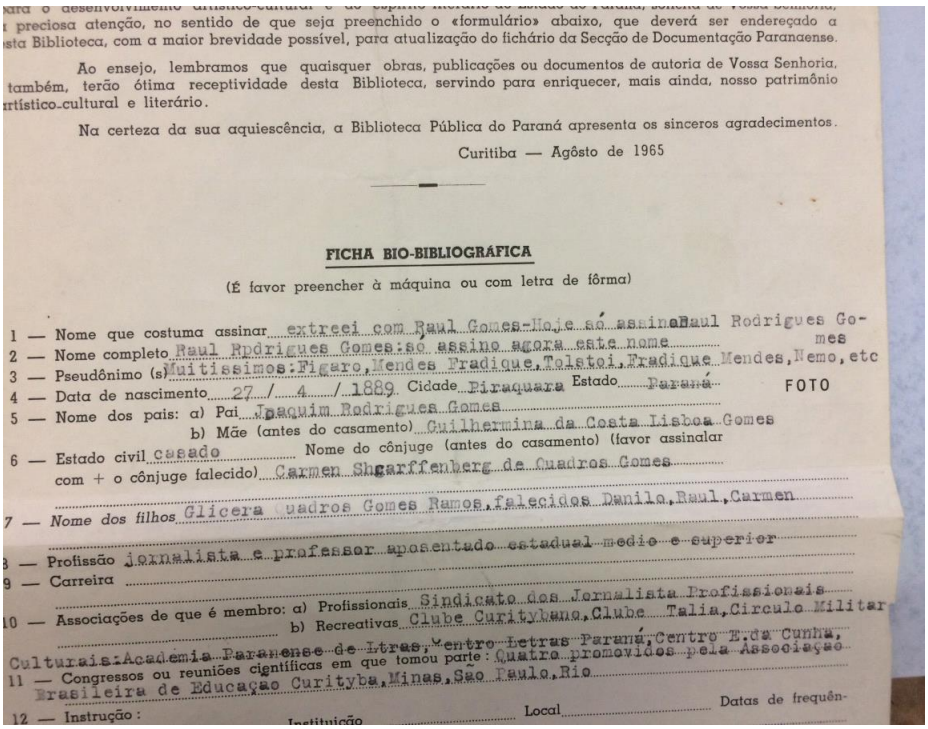
por autoria o nome “Glaucio”. De acordo com o *Dicionário Histórico-Bibliográfico do Paraná*, “Glaucio” era um dos vários pseudônimos utilizados por Euclides Bandeira (PARANÁ dicionário histórico-bibliográfico, 1991, p. 35).

A incógnita somente foi desvendada através de uma minuciosa pesquisa no jornal *O Progresso*. Durante uma contenda entre jornais, a qual será melhor detalhada no item 2.2, aparece na edição 571 de *O Progresso*, uma coluna assinada por *P. de Alencar* com o título *pingos nos ii*, que menciona de forma clara um trecho em que Raul Gomes faz uma defesa da intelectualidade da cidade de Ponta Grossa:

> E, ‘notai — disse Raul Gomes, brilhante redactor da Folha da Manhã e do Diario da Tarde — emquanto as demais cidades paranaenses dormem o somno burguez da indifferença pela arte ou emquanto outras se jogam aos embates dolorosos da politica, Ponta Grossa trabalha e mostra ao Estado a Via Lactea. Bem vindo sejas, ó escrinio de arte.
> Que fulgures sempre no ceu de tua terra. Que os annos passem e que cada um que cair para traz te deixe um pouco mais de brilho para argumento das estrellas que te compoem, ó Via Lactea’ (O PROGRESSO, 8 jun. 1912, p. 1).

Tal trecho é exatamente igual ao que aparece na coluna *A’s Pressas*, na edição 567, transcrita da Folha da Manhã e assinada por “Glaucio”. Isto demonstra que Raul Gomes também fazia o uso do pseudônimo utilizado por Euclides Bandeira. De acordo com a sua ficha bibliográfica, localizada na Biblioteca Pública do Paraná, Raul também assinava como Fígaro, Fradique Mendes, Mendes Fradique, Nemo, Tolstoi, etc., conforme mostra a figura 1.

FIGURA 1: Ficha Bio-biblioráfica de Raul Gomes. Destaque para a relação de pseudônimos por ele utilizados.



preciosa atenção, no sentido de que seja preenchido o «formulário» abaixo, que deverá ser endereçado a sta Biblioteca, com a maior brevidade possível, para atualização do fichário da Secção de Documentação Paranaense.

Ao ensejo, lembramos que quaisquer obras, publicações ou documentos de autoria de Vossa Senhoria, também, terão ótima receptividade desta Biblioteca, servindo para enriquecer, mais ainda, nosso patrimônio rtístico-cultural e literário.

Na certeza da sua aquiescência, a Biblioteca Pública do Paraná apresenta os sinceros agradecimentos.

Curitiba — Agôsto de 1965

FICHA BIO-BIBLIOGRÁFICA

(É favor preencher à máquina ou com letra de fôrma)

1 — Nome que costuma assinar extrei com Raul Gomes-Hoje só assino Raul Rodrigues Gomes

2 — Nome completo Raul Rodrigues Gomes:so assino agora este nome

3 — Pseudônimo (s) Muitissimos:Figaro,Mendes Fradique,Tolstoi,Fradique Mendes,Nemo,etc

4 — Data de nascimento 27 / 4 / 1889 Cidade Piraquara Estado Paraná FOTO

5 — Nome dos pais: a) Pai Joaquim Rodrigues Gomes

b) Mãe (antes do casamento) Guilhermina da Costa Lisboa Gomes

6 — Estado civil casado Nome do cônjuge (antes do casamento) (favor assinalar com + o cônjuge falecido) Carmen Shgarffenberg de Cuadros Gomes

7 — Nome dos filhos Glicera uadros Gomes Ramos,falecidos Danilo,Raul,Carmen

8 — Profissão jornalista e professor aposentado estadual medio e superior

9 — Carreira

10 — Associações de que é membro: a) Profissionais Sindicato dos Jornalista Profissionais

b) Recreativas Clube Curitybano,Clube Talia,Circulo Militar

Culturais:Academia Paranaense de Ltras,Centro Letras Paraná,Centro E.da Cunha,

11 — Congressos ou reuniões científicas em que tomou parte: Quatro promovidos pela Associação Brasileira de Educação Curityba,Minas,São Paulo,Rio

12 — Instrução: Instituição Local Datas de frequên-

FONTE: Biblioteca Pública do Paraná

Como curiosidade, vale ressaltar que o “nome” Fradique Mendes também foi uma personagem fictícia criada pelos escritores portugueses Antero de Quental, Eça de Queiroz e Jaime Batalha Reis, usado na revista *Cenáculo*. Fradique era descrito como um “homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, diletante e voluptuoso.” (FRADIQUE MENDES, 2019).

Assim terminamos essa breve explanação destacando a presença intelectual de Raul Rodrigues Gomes nos jornais. A sua obstinação pelo trabalho e a luta por uma sociedade melhor, mesmo que transmitidas na maioria das vezes pela escrita, deixou-nos um grande legado, tanto no jornalismo como na educação.

CAPÍTULO 2 - *O PROGRESSO*: UM JORNAL LONGEVO

2.1 O JORNAL COMO FONTE HISTÓRICA E LITERÁRIA

Diferentemente do contexto atual, nas primeiras décadas do século XX existia somente a imprensa escrita. Nem o serviço de radiodifusão era ainda explorado. Segundo José de Almeida Castro, fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), oficialmente o rádio nasceu no Brasil em 07 de setembro de 1922, fazendo parte das comemorações do centenário da Independência, e que contou com uma transmissão de um pronunciamento do presidente Epitácio Pessoa, justamente na inauguração da radiotelefonia brasileira. Contudo, o serviço somente começou a operar no dia 30 de abril de 1923 e foi totalmente homologado somente no ano de 1931, já no governo Vargas (CASTRO, [201-?]).

Portanto, os jornais e as revistas garantiam que a população – a que tinha acesso – ficasse informada sobre o que acontecia na sua cidade e, de um modo geral, através de correspondentes externos, o que era notícia além de suas fronteiras. Além disso, os impressos também traziam anúncios do entretenimento, do comércio e da indústria. Os acontecimentos políticos, policiais e sociais ganhavam destaque nas páginas dos jornais.

As mudanças do cotidiano das cidades eram noticiadas por diversos tipos de publicações, entre elas as revistas, almanaques, álbuns fotográficos e jornais. O historiador busca nessas publicações uma fonte relevante para perceber como e de que modo diversas transformações estavam ocorrendo em um determinado período. Pesavento (2002) observa que estudar o urbano é, para o historiador da cultura, uma tarefa estimulante. Contudo, ela nos alerta que:

> A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento.
> Nossa intenção é trabalhar a cidade a partir das suas representações, mais especialmente as representações literárias construídas sobre a cidade. Tal procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas formas arquitetônicas, aos seus personagens e à sociabilidade que nesse espaço têm lugar. Há, pois, uma realidade material — da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos

> tempos, derrubada e transformada em sua forma e traçado (PESAVENTO, 2002, p.10).

Tomando-se como exemplo os discursos produzidos pelos jornais, pode-se pressupor que eles estavam representando uma realidade do cotidiano da época em que foram elaborados. A pesquisa destas representações não implica em reescrever uma história tal qual ela aconteceu, mas sim resgatar as possíveis significações concebidas por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Como expressa Chartier,

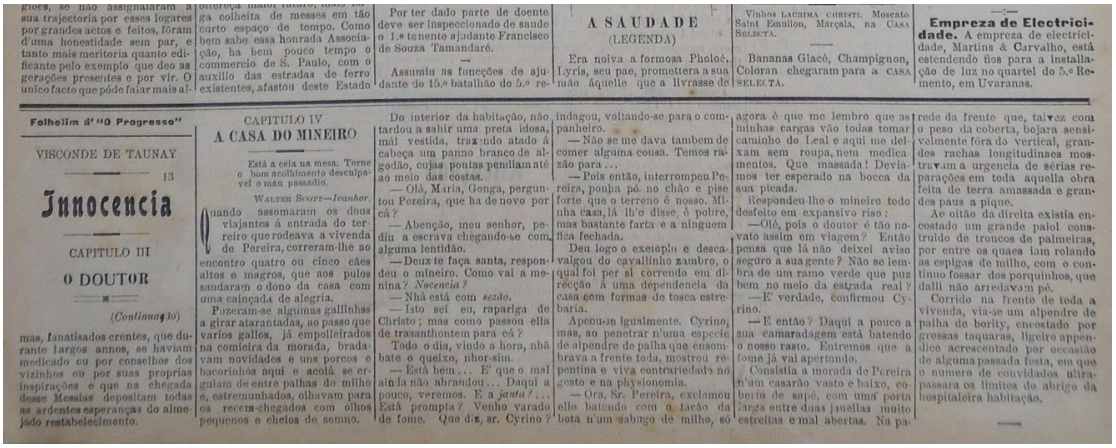
> A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 1990, p. 17).

No começo do século XX os jornais comunicavam tudo o que podia aguçar a curiosidade do leitor. Havia informações sobre as novidades na política, moda, arte e entretenimento. Preenchiam as páginas também os noticiários policiais, os anúncios comerciais e os comunicados de aniversário e falecimentos. Até o registro de chegada e partida de pessoas nas cidades não passavam despercebidas pelos redatores.

Dessa forma, pela sua capacidade de informação, o jornal igualmente estava inserido na sociedade como um elemento de modernidade, da mesma forma que outras atividades que operavam nos comportamentos socioculturais, como as fábricas, os clubes, os cinemas, os jogos e os esportes.

Além de ser um agente informativo, os jornais começaram igualmente um processo de interação para com o leitor. Muitos aceitavam cartas de reclamações ou sugestões, poesias para serem publicadas e comunicados sobre abertura ou fechamento de empresas. Conjuntamente, alguns periódicos começaram um processo de incentivo à leitura de livros, publicando em suas páginas obras de literatura em formato de folhetim (figura 2).

FIGURA 2: Recorte de página do jornal mostrando publicação de folhetim publicado em 16 de dezembro de 1911.



Folhetim d' "O Progresso"

VISCONDE DE TAUNAY

13

Innocencia

CAPITULO III

O DOUTOR

(Continuação)

mas, fanatisados crentes, que durante largos annos, se haviam medicado ou por conselhos dos vizinhos ou por suas proprias inspirações e que na chegada desse Messias depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento.

CAPITULO IV

A CASA DO MINEIRO

Está a ceia na mesa. Torne o bom acolhimento desculpavel o mau passadio.

WALTER SCOTT—*Ivanhoe.*

Quando assomaram os dous viajantes á entrada do terreiro que rodeava a vivenda de Pereira, correram-lhe ao encontro quatro ou cinco cães altos e magros, que aos pulos saudaram o dono da casa com uma cainçada de alegria.

Puzeram-se algumas gallinhas a girar atarantadas, ao passo que varios gallos, já empoleirados na comieira da morada, bradavam novidades e uns porcos e bacorinhos aqui e acolá se erguiam de entre palhas de milho e, estremunhados, olhavam para os recem-chegados com olhos pequenos e cheios de somno.

Do interior da habitação, não tardou a sahir uma preta idosa, mál vestida, trazendo atado á cabeça um panno branco de algodão, cujas pontas pendiam até ao meio das costas.

— Olá, Maria, Gonga, perguntou Pereira, que ha de novo por cá?

— Abenção, meu senhor, pediu a escrava chegando-se com alguma lentidão.

— Deus te faça santa, respondeu o mineiro. Como vai a menina? *Nocencia?*

— Nhá está com *sezão.*

— Isto sei eu, rapariga de Christo; mas como passou ella de trasanthontem para cá?

Todo o dia, vindo a hora, nhã bate o queixo, nhor-sim.

— Está bem... E' que o mal ainda não abrandou... Daqui a pouco, veremos. E a *janta?*... Está prompta? Venho varado de fome. Que diz, sr. Cyrino?

Por ter dado parte de doente deve ser inspeccionado de saude o 1.º tenente ajudante Francisco de Souza Tamandaré.

—

Assumiu as funcções de ajudante do 15.º batalhão do 5.º re-

A SAUDADE

(LEGENDA)

Era noiva a formosa Pholoé. Lyris, seu pae, promettera a sua mão áquelle que a livrasse de

indagou, voltando-se para o companheiro.

— Não se me dava tambem de comer alguma cousa. Temos razão para...

— Pois então, interrompeu Pereira, ponha pé no chão e pise forte que o terreno é nosso. Minha casa, lá lh'o disse, é pobre, mas bastante farta e a ninguem fica fechada.

Deu logo o exemplo e desceu do cavallinho zambro, o qual foi per si correndo em direcção á uma dependencia da casa com formas de toscа estrebaria.

Apeou-se igualmente. Cyrino, mas, ao penetrar n'uma especie de alpendre de palha que ensombrava a frente toda, mostrou repentina e viva contrariedade no gesto e na physionomia.

— Ora, Sr. Pereira, exclamou elle batendo com o facão da bota n'um sabugo de milho, so-

Vinhos LACRIMA CHRISTI. Moscato Saint Emulion, Marçala, na CASA SELECTA.

Bananas Glacé, Champignon, Coloran chegaram para a CASA SELECTA.

Empreza de Electricidade. A empreza de electricidade, Martins & Carvalho, está estendendo fios para a installação de luz no quartel do 5.º Regimento, em Uvaranas.

agora é que me lembro que as minhas cargas vão todas tomar caminho do Leal e aqui me deixam sem roupa, nem medicamentos. Que inasada! Deviamos ter esperado na bocca da sua picada.

Respondeu lhe o mineiro todo desfeito em expansivo riso:

—Olé, pois o doutor é tão novato assim em viagem? Então pensa que lá não deixei aviso seguro a sua gente? Não se lembra de um ramo verde que puz bem no meio da estrada real?

—E' verdade, confirmou Cyrino.

— E então? Daqui a pouco a sua camaradagem está batendo o nosso rasto. Entremos que a fome já vai apertando.

Consistia a morada de Pereira n'um casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janellas muito estreitas e mal abertas. Na parede da frente que, talvez com o peso da coberta, bojara sensivelmente fóra do vertical, grandes rachas longitudinaes mostravam a urgencia de sérias reparações em toda aquella obra feita de terra amassada e grandes paus a pique.

Ao oitão da direita existia encostado um grande paiol construido de troncos de palmeiras, por entre os quaes lam rolando as espigas de milho, com o continuo fossar dos porquinhos, que dalli não arredavam pé.

Corrido na frente de toda a vivenda, via-se um alpendre de palha de bority, encostado por grossas taquaras, ligeiro appendice acrescentado por occasião de alguma passada festa, em que o numero de convidados ultrapassara os limites do abrigo da hospitaleira habitação.

FONTE: Jornal O Progresso. Casa da Memória Paraná

Desta forma, muitos historiadores estão utilizando informações obtidas em periódicos como fonte de pesquisas. Cabe salientar que os jornais nem sempre foram considerados fontes confiáveis de consulta, conforme observa a historiadora brasileira Maria Helena Rolim Capelato:

> Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno do fato (CAPELATO, 1988, p.21).

Assim, compreender o uso de jornais como fonte de pesquisa é algo relativamente novo na historiografia. No continente europeu, nas primeiras décadas do século XX, houve uma insurgência com críticas à história tradicional pela chamada Nova História. Segundo Le Goff,

> A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e de Seignobos, essencialmente baseada em textos e documentos escritos, por uma história fundamentada numa ampla variedade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos iconográficos, resultados de escavações arqueológicas, documentos orais etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme ou quando se trata de um passado mais longínquo, vestígios pólen fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são documentos de primeira ordem para a história nova (LE GOFF, 2011, p. 133).

Este movimento foi inaugurado na França pela então Escola dos Annales. Existiram diversas fases desse movimento, visando justamente a ampliação de novas abordagens, bem como o diálogo com outras áreas de conhecimento (NOVAIS & SILVA, 2011).

Destarte, o jornal se constitui como uma importante fonte de pesquisa, oferecendo testemunho de acontecimentos de diferentes épocas. Nas palavras de Capelato:

> A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os 'ilustres' mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1988, p.20).

O historiador Marco Morel escreveu sobre a importância da imprensa como elemento de informação e o seu papel de fomentadora de progresso em uma sociedade.

> A imprensa surgiu no bojo do Humanismo da era moderna, mas a concepção de imprensa da Ilustração setecentista era predominante quando, em princípios do século XIX, os papéis impressos passaram a ser produzidos regularmente no Brasil. Tal perspectiva ilustrada definia a imprensa em duas instâncias devidamente interligadas: de um lado, a efetivação e o aprimoramento da técnica de imprimir e, de outro, sua dimensão cultural e esclarecedora, como propagadora das ciências das artes, do pensamento – do progresso humano, enfim. Desse modo, fosse pelo viés do desenvolvimento técnico e de sua expansão, fosse por seus conteúdos, a imprensa era entendida como construtora do progresso e da liberdade, ou seja, do esclarecimento (MOREL, 2009, p.154).

Contudo, faz-se necessário lembrar que a imprensa escrita, ao longo de sua existência, vem sofrendo constantes modificações. Há algumas décadas atrás o seu formato de circulação era, basicamente, encontrado em papel impresso. Nos tempos atuais, o formato eletrônico visto em plataformas de computadores vem crescendo vertiginosamente, ao ponto de muitos grandes jornais já não serem mais veiculados no formato em papel. Além disso, uma grande mudança ocorreu no passado com relação ao tipo de representatividade informativa ao qual o jornal se prestava. Sobre esta mudança, a historiadora Renée Barata Zicman assim apontou:

> Até 1945/50 a Imprensa Brasileira caracteriza-se por pequenas empresas com capitais e negócios limitados e gestão improvisada, primando por suas posições políticas: o que se costuma chamar de “Imprensa de Opinião”. Esta Imprensa tinha características claramente políticas e apaixonadas, ultrapassando a simples função de ‘espelho da realidade’ para tornar-se um instrumento ativo de opinião pública. Cada jornal parecia dirigir-se prioritariamente a um tipo de público e o jornalismo era quase que um exercício literário. Durante todo este período – principalmente durante a República Velha – a Imprensa Escrita Quotidiana desempenhou um importante papel na cena política (ZICMAN, 1985, p. 91).

Em seguida, descreve sobre qual seria esta mudança:

> A partir da década de 1950 (fenômeno presente já desde os anos 30) observamos algumas modificações na Imprensa Quotidiana: o tradicional ‘jornal de opinião’ vai sendo substituído por um novo tipo de Imprensa com o aparecimento da ‘Imprensa de Informação’, que nega as características políticas e ideológicas tão marcantes na Imprensa do período anterior. O julgamento crítico vai sendo substituído pela pretensa ‘objetividade’ (ZICMAN, 1985, p. 92).

Deste modo, o historiador deve ficar atento sobre a maneira com a qual o jornal buscava transmitir informar o leitor, observando em que época o mesmo foi escrito. Além do mais, existem outros fatores que são de extrema relevância para a análise do periódico como fonte de pesquisa, como, por exemplo, de que uma redação jornalística não se compõe de apenas uma pessoa.

Carlos Henrique Ferreira Leite cita Capelato em um artigo que ele escreve sobre a importância e a contribuição dos jornais no conhecimento histórico, alertando sobre tais fatores a serem considerados:

> As questões iniciais que se propõem a análise do periódico são fundamentais para o direcionamento da pesquisa. Quem são os seus proprietários? Quando foi produzido? A qual público é direcionado? Quais seus objetivos e intenções? Como se constitui enquanto força ativa no seu período de circulação? Como se constitui enquanto sujeito? Qual sua relação com as conjunturas de seu tempo e campos de atuação? Quais seus aliados e opositores? As respostas a esses questionamentos guiam o historiador para a metodologia de análise do jornal em suas diferentes partes, como os editoriais, as colunas sociais, classificados e propagandas, levando em consideração que a imprensa, não é o espelho da realidade, mas uma representação do real, de momentos particulares da realidade (LEITE, 2014, p. 825).

Estas são questões importantes para as pesquisas em que se utilizam periódicos como fonte histórica.

Outrossim, nesse processo de modernização o jornal se torna um produtor discursivo dentro da sociedade. Os textos dos editoriais, das notas e principalmente

das crônicas, tendem a levar a opinião do grupo responsável pela publicação aos leitores. As crônicas possuem um poder de encantamento ainda maior, uma vez que são publicações que geralmente retratam o cotidiano e normalmente abordam questões ligadas ao urbano. Pesavento assim define a crônica:

> Herdeira do folhetim, a crônica encontrou, no século XIX, seu veículo de difusão nos jornais, naquele momento em que a sociedade burguesa impunha ao mundo o ritmo do progresso e da busca incessante do novo. O desenvolvimento dos meios de comunicação e a velocidade da notícia imprimiam à vida urbana um padrão de consumo rápido das informações. Como mercadoria, a crônica veiculada pelo jornal ou pela revista não é feita para durar. Redigida para informar, chamar a atenção do leitor para detalhes da cotidianidade ou grandes eventos, a crônica aspira a ser comentada, mas não tem a força de permanência de um romance ou conto. Entretanto, para os fins a que nos propomos, esse gênero 'mais ligeiro' tira de sua 'leveza de ser' a própria força. Registrando o detalhe e captar do os valores de uma época, a leitura da crônica é, para o historiador, uma das formas pelas quais ele pode atingir, por outros meios que não os tradicionais, a representação do passado. E, por irônicos caminhos, dá 'permanência' àquilo que seria um produto 'descartável' (PESAVENTO, 2002, p.18).

Berberi (1996, p. 91), comentando sobre as crônicas no início do século XX, também fala sobre o estilo e o apreço que os jornalistas, desde jovens, tinham em utilizá-lo em seus artigos:

> Nesse período em que os jovens se formavam para suas profissões e para o meio jornalístico-literário, muitos seguiam os passos de seus mestres. Usando pseudônimos ou não, esses cronistas revelam, para o pesquisador de hoje, uma série de imagens, de expectativas e de ambições para com sua cidade e seu mundo, que são apreendidas em seus textos.

E é justamente esse gênero literário, com todas as suas nuances e com a sua narrativa cotidiana, que serve de alicerce para esse trabalho de dissertação.

2.2 *O PROGRESSO*: A ESCRITA DE UM JORNAL PIONEIRO NA CIDADE DE PONTA GROSSA

Valfrido Piloto (1973) escreveu que a Cidade de Ponta Grossa sempre tentou fazer jornalismo na esperança de que este perdurasse por longa data. Porém, com poucos recursos no meio e até de seus produtores, as publicações tinham vida curta. Mesmo assim alguns não desanimavam e tentavam a sorte com novas publicações. Piloto enumera alguns dos primeiros órgãos da impressa princesina:

Campos Geraes (1893); *Campos Geraes* (1900 - reabertura); O *Commercio* (1904); *Luz Essenia* (1905); *O Progresso* (1907); *O Escapello* (1908).

O jornalista e escritor Epaminondas Holzmann relata em seu livro *Cinco Histórias Convergentes*, o nascimento do primeiro jornal de longa duração em Ponta Grossa: tratava-se do periódico *O Progresso*, que circulou com esse nome até o dia primeiro de janeiro de 1913, quando passou a se chamar *Diário dos Campos*. Mesmo assim trouxe o subtítulo *Ex- O Progresso* por várias edições (HOLZMANN, 2004, p. 286). Jornal longevo, até os tempos atuais ainda é impresso na cidade de Ponta Grossa. Em outras palavras são mais de cem anos de circulação. A fundação do jornal foi obra de seu pai Jacob Holzmann que, dentre muitas profissões, era músico, regente, alfaiate e comerciante.

Epaminondas Holzmann cita, transcrevendo o pai, que o velho Jacob ficava constrangido quando, em suas viagens para fora da cidade, era questionado sobre o progresso e o futuro da cidade de Ponta Grossa:

> Quase sempre, no auge da conversação elogiosa, os que não conheciam a cidade perguntavam-me:
> - Temos Indústria?
> - Estão em formação.
> - Temos boa viação?
> - Temos as melhores do estado, além de outras que fatalmente virão.
> - Temos comércio?
> - Em franca prosperidade.
> - Quantos jornais há? São diários? (Aqui é que o Jacob embatucava...)
> - Não temos nenhum. Já tivemos, mas se acabaram.
> - Então não há progresso em sua terra.
> Assim, tinha eu de concordar, reconhecendo que numa terra sem imprensa não há, efetivamente, progresso (HOLZMANN, 2004, p. 264).

Corria o ano de 1907 e o único jornal da cidade, chamado *O Comércio*, estava fechando suas portas. No entanto, o que mais preocupava o maestro Jacob era perder o trombonista-cantante da sua orquestra, a *Lira dos Campos*, na figura de Jango Antunes. O instrumentista, que era também gráfico no jornal, ficaria sem o seu emprego e planejava deixar a cidade. Jacob, diante do dilema, não teve dúvidas e comprou a tipografia que pertencia ao Sr. Aldo Silva, fechando a publicação do antigo jornal *O Comércio*, para dar lugar a um novo órgão da imprensa princesina. Assim, no dia 27 de abril do mesmo ano, nascia o hebdomadário *O Progresso* (HOLZMANN, 2004, p. 265) (figura 3).

FIGURA 3: Recorte da primeira página de *O Progresso*. A partir do segundo semestre de 1909 começa a circular com novo cabeçalho, confeccionado em xilografia do popularíssimo João do Padre (funcionário da estrada de ferro).

O PROGRESSO

Orgam dedicado aos interesses do Municipio e do Estado

Redactor Chefe—João Dutra — Redactor Literario—Borja Reis

ANNO III — --Ponta Grossa--Terça-Feira 8 de Junho de 1909 --Parana--Brazil-- — NUMERO 154

Expediente

„O PROGRESSO"

Folha inyaerial

Publicação TRISEMANAL

Propriedade de Jacob Holzmann

Redacção e Officinas

Praça Floriano Peixoto Nº. 50

End. Tel.=PROGRESSO= telephone Nº. 1. Caixa postal nº. 27.

ASSIGNATURAS

Semestre 7$000

» Exterior 8$000

Numero avulso 100 rs.

» atrasado 200 rs.

Publicações linha 300 rs.

Annuncios a convencionar-se

Pagamento adiantado

vançado em annos, fragil physicamente.

Por ultimo, se patenteia a incorrecção criminosa da autoridade a quem competia evitar o attentado, é que, em vez de proceder com energia, applaude intimamente os perturbadores da ordem, facilita a execução de seus sinistros planos, mente a seu superior dizendo não se achar em Ponta Grossa no momento do crime e depois manda dizer que conseguio acalmar os animos!

Os animos se acalmaram porque, cumprido seu dever, resolvido a sua obra de reparação, depois de regar a victima da sanha dos selvagens no sanctuario de seu lar, dando o forum ir ao mar agitadas pelo delirio

consumidores muitas vezes indistinctos dos martes, não sendo de extranhar um bom consumo para outros fins que não roupas de baixo.

Os riscados, todas de padrões escolhidos, onde nenhuma tem probabilidades de encalhe, terão ao nosso ver o mesmo successo.

«O Progresso» que conta no numero dos seus amigos quasi todos os commerciantes de Guarapuava, garante-lhes aos poderosa excellencia dos productos que vão adquirir.

Para São Paulo e Rio de Janeiro seguiram os nossos amigos srs. Arthur Bindo e Exmo. familia e o sr. Athanagildo Amaral de Almeida. Augurando aos nossos turistas uma divertida via-

de pessoas, na insconsciencia da vida, no esquecimento das coisas, no aparvalhamento organico do pensamento embotado pelo desvairar das sensações supremas...

Só assim mudanc Policia pode andar de accordo com a imprensa...

***

Javert... passa, com o seu nariz de bull-dog soberano, altivo... carrancudo.

Gedeon Spilett, sorridente, entretanto o sumir das halas, o echo dos cahões, sorrateiramente pas sa para o canhenho as peripecias da lucta, porque, superior no brou-ha-ha da soldadesca, sor ri de manso, de fino sorri...

***

Javert vê tudo sob o pesado cassetête de autoridade sabu-

OPINIÃO DO SR. CAMILLE FLAMMARION, ASTRONOMO E ESCRIPTOR, ANTIGO DIRECTOR DO OBSERVATORIO DE MEUDON.

O progresso é lento, na humanidade terrestre. O systema de Copernico era ensinado por Aristarct, de Samos, no anno 280 antes de Jesus Christo. Os sabios dessa época não queriam acceital-o de maneira alguma, e, quatrocentos annos depois, Ptolomeu, continuando a tradição chasson, tratava essa hypothese de «perfeitamente ridicula». Da mesma maneira pensava ainda, no seculo XVII do nosso era, os juizes de Galileu. Hoje, todo o mundo acabou por admittir e por comprehender que a Terra não está no centro do Universo e que gravita em torno do Sol em com-

horas missa e sortio para as festividades do anno vindouro.

A's 4 horas da tarde subiu a grande procissão que foi brilhante e depois do *Te Deum* a entrega das bandeiras dos novos organizadores das festas futuras.

A festa realizou-se no parque do elegante Theatro Sant'Anna tendo sido soltos varios baloes com fogos cambiantes. Realisou-se egualmente o leilão de prendas offerecidas as festividades, cujas prendas foram disputadas por elevados preços pela selecta assistencia.

Foram festeiros do divino os srs. coronel Bonifacio Villela, capitão João Luiz de Oliveira, capitão Dagoberto Villela, major Manoel Dias Baptista, Ibrahim Neves, professor Jacobyn Wanderley, capitão Roberto Lobo, e João Hoffmann.

FONTE: Jornal O Progresso. Casa da Memória Paraná.

Para a compra do jornal, Jacob teve que fazer um empréstimo de um conto de réis. De início, constatou que o prelo “não prestava” (HOLZMANN, 2004, p. 267). Sobre o equipamento tipográfico, Epaminondas relembra como era a impressão do jornal:

> [...] era impresso numa prensa ridícula, das primeiras que surgiram no país e, por certo, aposentada desde os tempos de Gutemberg... A impressão, feita página por página, exigia dois operadores: um, munido de pequeno rolo, passava a tinta na página apertada contra a rama, enquanto o outro colocava o papel e descia a alavanca (HOLZMANN, 2004, p. 267).

No ano seguinte (1908) as condições do jornal começaram a melhorar, com a mudança para um novo prédio e a aquisição de um novo prelo, de marca alemã, adquirido de segunda mão na cidade de Curitiba. Isso permitiu uma melhora e ampliação do material gráfico, com o jornal sendo impresso com duas páginas de cada vez, em papel *Germânia* cor-de-rosa, importado da cidade alemã de Hamburgo. A tiragem passou a ser de três vezes por semana. Sobre o novo maquinário Epaminondas comentou:

> O novo prelo era de ação manual: uma manivela ligada em uma polia, que um gráfico fazia girar com esforço durante quase duas horas, sendo revezado por esse ou aquele colega. Como a tiragem tivesse sido aumentada (Jacob Holzmann resolvera percorrer todo o Estado à cata de assinaturas), foi contratado um homem só para fazer rodar o prelo, já que até ali o paginador vinha acumulando suas funções com as de impressor (HOLZMANN, 2004, p. 268).

Após algum tempo, foram importados prelos cilíndricos movidos a pedal, máquinas de cortar papel que permitiam um formato maior e novas fontes de tipos, sendo criada também uma seção de papelaria (HOLZMANN, 2004, p. 269). Claro que não era ainda a renovação tão sonhada pelos pequenos jornais, como a tecnologia de impressão por linotipo. Em seu trabalho sobre as memórias do jornal *Diário dos Campos*, a jornalista Alessandra P. Bucholdz enfatiza o frisson que a nova tecnologia causava nas tipografias:

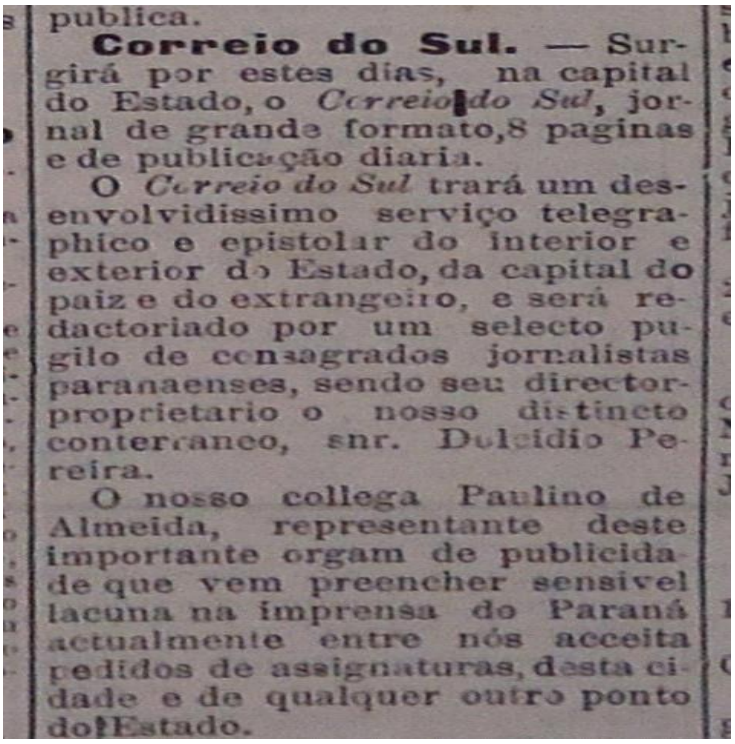
> Ela reinventou o trabalho do compositor. O profissional agora só precisava digitar o texto no teclado do linotipo, e então a máquina sozinha reunia as matrizes para fundir uma linha. E após o uso, o material era refundido, sem necessidade da separação dos tipos (BUCHOLDZ, 2007, p.27).

Contudo, o jornal precisava se manter financeiramente e, para isto, dependia quase que exclusivamente das receitas geradas pela venda de anúncios e assinaturas. Esta empreitada não se constituía em tarefa fácil. Como disse Epaminondas, em suas memórias, o velho Holzmann precisava percorrer o estado para amealhar novas assinaturas. No fim do ano de 1912 o jornal foi adquirido pela recém-criada *Companhia Tipográfica Pontagrossense*, passando a se chamar *Diário dos Campos*, continuando Jacob Holzmann a frente do jornal como gerente e o jornalista fluminense Hugo Mendes de Borja Reis como redator (HOLZMANN, 2004, p. 269).

Epaminondas relembra que Jacob e Hugo tiveram que lutar incansavelmente para segurar as contas do jornal. Os novos sócios logo viram que investiram dinheiro em um negócio que não era rentável. Basicamente a renda vinha apenas das assinaturas e dos anúncios, uma vez que a venda avulsa era quase nula. Os serviços de gráfica tinham apenas três clientes fixos: O Banco Francês & Italiano, o Cine Teatro Renascença, este de propriedade do próprio Jacob Holzmann e uma empresa pertencente ao Sr. Antônio Pedro Hoffmann. Hugo dos Reis se via obrigado a percorrer toda a cidade em busca de assinaturas e o gerente fazia o mesmo pelo interior do estado. Apesar das dificuldades, havia ainda alguns acionistas que não viravam as costas para o jornal, dentre eles o famoso médico local Dr. Francisco Burzio (HOLZMANN, 2004, p. 287).

Havia uma interação entre vários órgãos da imprensa de diferentes localidades do Estado. Era comum que as redações fossem presenteadas com publicações de outras cidades. Outra prática usual era a divulgação de novos títulos que estreavam no meio jornalístico. Um exemplo é a edição número 540, do dia 23 de março de 1912, conforme mostra a figura 4:

FIGURA 4: Anúncio do surgimento de um novo jornal no Estado.



publica.

Correio do Sul. — Surgirá por estes dias, na capital do Estado, o *Correio do Sul*, jornal de grande formato, 8 paginas e de publicação diaria.

O *Correio do Sul* trará um desenvolvidissimo serviço telegraphico e epistolar do interior e exterior do Estado, da capital do paiz e do extrangeiro, e será redactoriado por um selecto pugilo de consagrados jornalistas paranaenses, sendo seu director-proprietario o nosso distincto conterraneo, snr. Dulcidio Pereira.

O nosso collega Paulino de Almeida, representante deste importante orgam de publicidade que vem preencher sensivel lacuna na imprensa do Paraná actualmente entre nós acceita pedidos de assignaturas, desta cidade e de qualquer outro ponto do Estado.

FONTE: Jornal O Progresso. Casa da Memória Paraná.

Existiam também as “agências de jornais e revistas”, que comercializavam e representavam várias publicações de diversas partes do país. Esses agentes garantiam a circulação de diversos materiais produzidos pela imprensa. Essa prática vem dos séculos anteriores, como cita o historiador português Diogo Ramada Curto, sobre as observações do também historiador italiano Giuseppe Pecchio:

> A par das instituições, são numerosos os tipos de agentes identificados, por Pecchio, a começar pelos livreiros. De facto, esses são considerados equivalentes aos lojistas e revendedores que, sem produzir diretamente, animam a produção com a sua dedicação ao sector de vendas, fazendo com que os produtores se dedicassem à produção (CURTO, 2007, p.224).

Esses agentes publicavam anúncios dos seus serviços nos jornais. Também eram citados pelas publicações que eles representavam. Rocha (2019) em um artigo para o VII ENEIMAGEM da Universidade de Londrina discorre sobre um dos mais

conhecidos agentes na cidade de Ponta Grossa, na década de 1912: o senhor Salvador Schiavo. A figura 5 mostra o anúncio desse comerciante no jornal *O Progresso*, em seu número 537, de 16 de março de 1912:

FIGURA 5: Anúncio de agente de jornais e revistas.

Barbeiro — Salão de primeira ordem para barbear, cortar, frizar e pentear cabellos, annexo ao estabelecimento de Modas, Armarinho e Perfumarias finas. Rua Marechal Deodoro, nº. 6. Casa EGYDIO BRAGA.
Telephone n.º 144.

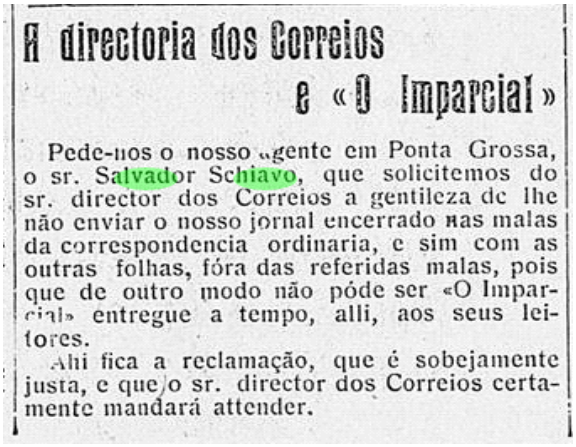
Agencia de jornaes e revistas. Rua 7 de Setembro, nº 66. — *Salvador Schiavo.*

Augusto Huebel — *Architecto* — Curityba. — Rua Marechal Floriano nº. 37, encarrega-se de fazer projectos para qualquer predio. 24-21

FONTE: Jornal O Progresso. Casa da Memória Paraná.

A figura 6 mostra uma solicitação do citado agente, publicada no diário ilustrado *O Imparcial*, número 144, impresso na cidade do Rio de Janeiro no dia 27 de abril de 1913:

FIGURA 6: Publicação do diário carioca *O Imparcial*.



A directoria dos Correios
e «O Imparcial»

Pede-nos o nosso agente em Ponta Grossa, o sr. Salvador Schiavo, que solicitemos do sr. director dos Correios a gentileza de lhe não enviar o nosso jornal encerrado nas malas da correspondencia ordinaria, e sim com as outras folhas, fóra das referidas malas, pois que de outro modo não póde ser «O Imparcial» entregue a tempo, alli, aos seus leitores.

Ahi fica a reclamação, que é sobejamente justa, e que o sr. director dos Correios certamente mandará attender.

FONTE: Diário Ilustrado O Imparcial. Biblioteca Nacional.

Na fotografia abaixo, pode-se entender a dimensão das publicações que circulavam na cidade de Ponta Grossa no início do século XX. O retrato foi tirado pelo fotógrafo Luiz Bianchi em seu estúdio no ano de 1912.

FIGURA 7: Fotografia de agente de jornais e revistas.

FONTE: Fotografia Luiz Bianchi. Fundo Foto Bianchi – Casa da Memória Paraná.

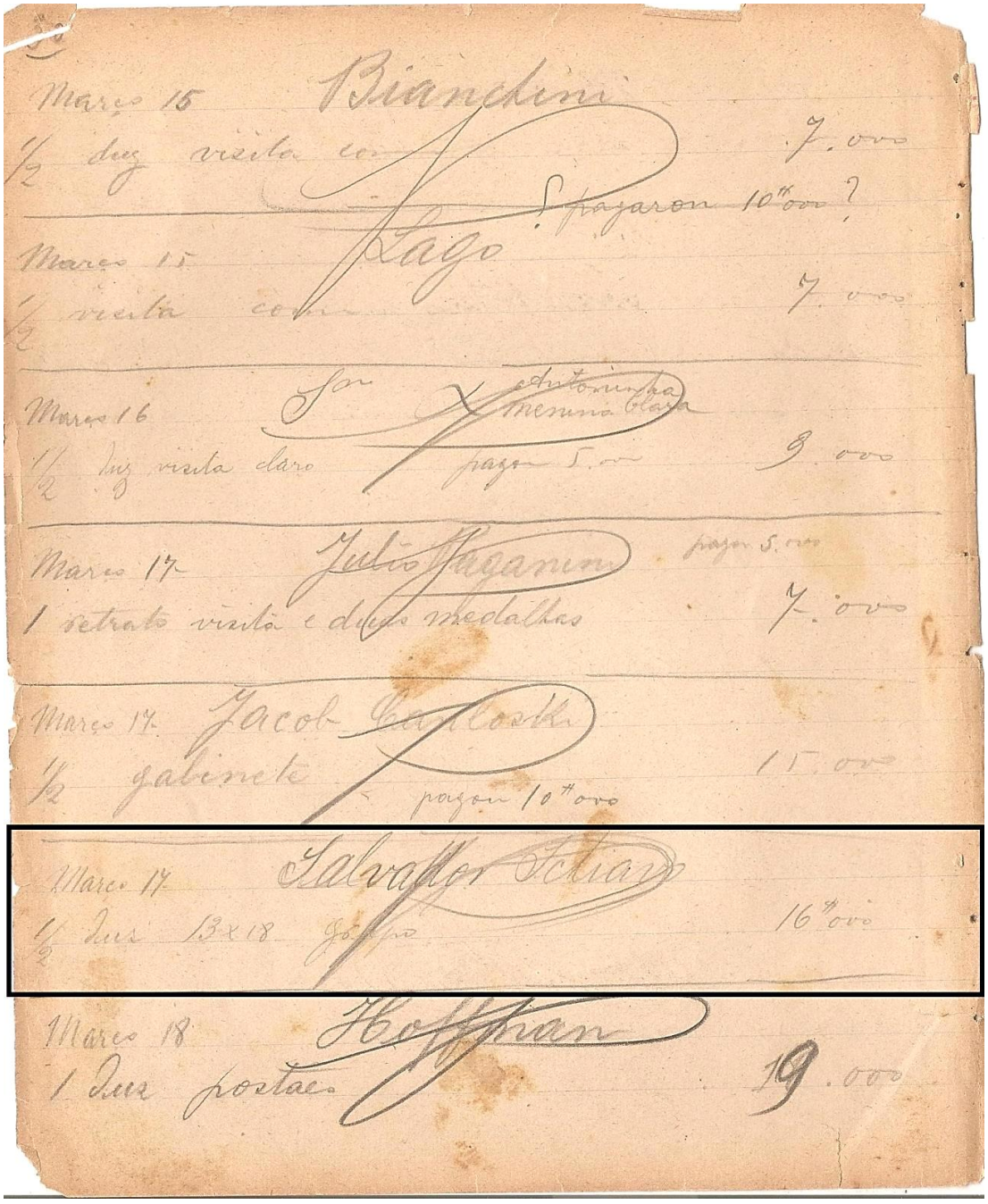
Pelo levantamento de elementos como texto, capa e diagramação, pode-se estabelecer a identidade de algumas das principais publicações expostas pelos “jornaleiros”:

- *Revista O Malho* - número 488, de 20 de janeiro de 1912 (Rio de Janeiro);
- *Revista Careta* – número 192, de 03 de fevereiro de 1912 (Rio de janeiro);
- *Almanach do Tico-Tico* – ano 1912 (Rio de janeiro);
- Jornal *O Estado de São Paulo* – de 15 de março de 1912 (São Paulo) e
- Jornal *Folha da Manhã* – sem data específica (Curitiba).

A investigação mais árdua se deu com a edição do jornal paulista. A imagem mostra apenas o texto “S. PAULO” como título do periódico. Uma pesquisa sobre quais os jornais que então circulavam na época e que continha em seu título uma grafia similar aponta somente para a presença de *O Estado de S. Paulo*. Em seu site na internet, o jornal apresenta para as pessoas não assinantes, apenas a primeira capa de cada edição digitalizada em seu arquivo digital. Assim, tomando como referência o período aproximado das outras publicações que são mais evidentes na foto, foram analisados os elementos textuais que utilizavam fontes de letras maiores, como títulos e subtítulos de matérias. Por comparação, descobriu-se a data exata da edição: 15 de março de 1912.

Nota-se pela imagem uma posição de hierarquia conferida ao homem que está sentado em meio aos outros que estão em pé, ocupando ali uma posição de destaque. Uma pesquisa nos cadernos de serviços do fotógrafo Luiz Bianchi, em que se buscou o filtro pelas datas aproximadas à das publicações elencadas acima, constatou-se o registro de uma anotação referente ao cliente Salvador Schiavo, na data de 17 de março de 1912, como podemos conferir na figura 8.

FIGURA 8: Caderno de clientes e serviços do ateliê Foto Bianchi. No destaque a descrição do cliente“Salvador Schiavo grupo” (1912).



FONTE: Fundo Foto Bianchi - Casa da Memória Paraná (grifo nosso).

No começo do século XX, no Brasil, a imprensa escrita era praticamente a única difusora de notícias nas cidades, pois, como vimos na seção 2.1, ainda não existiam os receptores de rádio instalados nas casas. Mesmo havendo uma parcela

considerável de pessoas que não tinham acesso ao jornal ou que não sabiam ler, os acontecimentos narrados neste causavam uma intensa euforia, uma vez que as mesmas eram comentadas e repassadas verbalmente pelo público. Isto é, era um ambiente perfeito para gerar polêmicas. Sobre isso escreveu Diogo Ramada: “As controvérsias e textos polémicos, cuja principal função era actuar sobre a opinião do momento e sobre os últimos acontecimentos, era inconcebível antes da invenção da imprensa” (CURTO, 2007, p. 200).

Foi justamente um fato polêmico, como já foi mencionado anteriormente, ocorrido no ano de 1912, que originou o interesse por realizar essa pesquisa de dissertação. Uma briga entre dois jornais. Algo que parecia insignificante e depois tomou proporções maiores, a ponto de ser classificada por um jornalista parnanguara como sendo uma “contenda estulta”. Tudo aconteceu com o recém-criado jornal curitibano *Correio do Sul* que publicou, através do seu jornalista Antônio Gomes, uma matéria em que comparava Paranaguá e Ponta Grossa, buscando um posicionamento de qual seria a segunda em importância estadual depois da capital. O texto supostamente favorecia a cidade litorânea. Mas, ao tomar conhecimento, os articulistas de *O Progresso* logo saíram em defesa da *Princesa dos Campos*, como é conhecida Ponta Grossa. O resultado disso foi uma série de artigos que promoveram o embate entre os colaboradores de cada um dos periódicos. O jornalista Raul Gomes, que escrevia para o jornal curitibano *Folha da Manhã*, resolveu encerrar o embate propondo que ele mesmo visitasse os municípios envolvidos. O intuito era colher suas impressões sobre os mesmos e transcrevê-las em forma de crônicas a serem publicadas nos referidos periódicos. Como citado, essa empreitada acabou sendo notícia até em Paranaguá:

> O talentoso jovem Raul Gomes, redactor da ‘Folha da Manhã’, tendo em vista a **contenda estulta** havida ha poucos dias, sobre o progresso desta cidade e o de Ponta Grossa, resolveu fazer duas interessantes enquetes que publicará em livro sob os títulos: Ponta Grossa de hontem e de hoje; Paranaguá de hontem e de hoje. Para isto o digno jornalista fará uma tournée pelas 2 cidades, colhendo informes exactos (DIARIO DO COMMERCIO, 23 jun.1912, p.1, grifo nosso).

O jovem jornalista se esforçou em sua missão. De sua visita à “cidade princesina” resultaram quinze crônicas transcritas para *O Progresso* entre meses de julho e agosto de 1912. Já na primeira delas, ele se apressou em explicar a maneira imparcial na qual se dispunha a levantar os seus dados:

> Há muitas maneiras de narrarmos impressões. Há formas diversas de contarmos aquilo que vimos, aquilo que ouvimos. Uns os observadores, colocam suas notas para digressionar formidavelmente, estudando na tercidez da prosa, o caráter e o costume dos povos. O que observaram é a matéria prima com que constroem os edifícios e de estrutura admirável dos seus escritos. Outros, espíritos ligeiros, sem preocupações, limitam-se a ver e a guardar na retina e reter na memória as aparências superficiais das coisas. Outros, artistas do lápis, embora sejam manejadores da pena, pegam tudo em dois traços, isto é, em dois períodos, caricaturam um povo, contudo o que ele tem de ruim, contudo que ele tem de bom. Nós nos comprometemos a publicar as impressões que recebemos na última visita à adiantada cidade dos campos. Temos que transportá-las para as colunas deste jornal. Como o fará? Pergunta o leitor, ávido de curiosidade (GOMES, 16 jul. 1912, p. 1).

Dessa forma, a pesquisa busca estudar e analisar essas impressões colhidas pelo jornalista, apontando e confrontando os conceitos de modernização e progresso que eram presentes naquela época, mesmo que eles estejam tão longe dos parâmetros de nossa atualidade. Chartier (2010) mobiliza alguns princípios para a análise histórica sobre os escritos, dos quais destaca-se um em particular:

> Um terceiro princípio de análise consiste em colocar as obras singulares ou os corpus de textos, que são objeto do trabalho, no cruzamento dos dois eixos que organizam todo procedimento de história ou de sociologia cultural. Por um lado, um eixo sincrônico, que permite situar cada produção escrita em seu tempo, ou em seu campo, e a coloca em relação com outras, contemporâneas dela e pertencentes a diversos registros de experiência. Por outro lado, um eixo diacrônico, que a inscreve no passado do gênero ou da disciplina. Nas ciências mais exatas, essa presença do passado remete geralmente a durações breves, por vezes muito breves. Não é o que ocorre com a literatura e com as humanidades, para as quais os passados mais antigos permanecem, de alguma forma, como presentes ainda vivos em que se inspiram as novas criações ou dos quais elas se desprendem (CHARTIER, 2010, p.26).

A problematização com essa ideia de uma *urbs* moderna em pleno começo do século XX sugere, já no levantamento dos primeiros materiais de pesquisa, uma viagem gratificante a um passado escondido em meio a fontes, principalmente jornalísticas, sobre o que se pode desvendar.

CAPÍTULO 3 - PONTA GROSSA NAS CRÔNICAS DE RAUL GOMES NO JORNAL O PROGRESSO (1912)

3.1 SOBRE AS CIDADES E A MODERNIDADE

A vida atribulada que marca o nosso dia a dia nos médios e grandes centros não nos permite pensar sobre a sua construção, sobre a sua existência e, acima de tudo, sobre a sua transformação. Lutamos diariamente para sobreviver em uma selva de pedra onde pegar uma condução, evitar o trânsito e chegar no horário são tarefas imperiosas a se cumprir. Assim, constantemente nos esquecemos de observar o lugar que habitamos.

Um excelente exercício para revisitar a nossa cidade seria a prática de caminhadas pelas suas ruas. Atividade de um “flâneur”, termo proferido pelo poeta Charles Baudelaire para designar alguém observador, que vaga pelas ruas a espreitar as novidades. A partir do estudo sobre Baudelaire, o filósofo Walter Benjamin também se pronunciou sobre a figura do “flâneur”:

> A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente. Que a vida em toda a sua diversidade, em toda a sua inesgotável riqueza de variações, só se desenvolva entre os paralelepípedos cinzentos e ante o cinzento pano de fundo do despotismo: eis o pensamento político secreto da escritura de que faziam parte as fisiologias (BENJAMIN, 2000, p. 35).

Essa observação remete a um transeunte que faz uma viagem de certo modo turística pela cidade, mas com um olhar mais atento para alguns detalhes que talvez ele nunca antes observara. Um edifício novo, no lugar de outro, que ele nem lembra como era; um comércio aberto recentemente; a calçada esburacada; a árvore arrancada; o macadame que antes parecia ser asfalto; o pedinte da porta do banco; etc.

Cada pessoa atenta para elementos que mais lhe chamam a atenção seja pela profissão, afinidade, preferência ou curiosidade. Para uns a arquitetura não é tão relevante quanto o paisagismo; para outros a mobilidade importa mais do que a diversidade comercial. Tudo se torna muito plural dentre as muitas opções no

ambiente urbano. Como bem observou Pesavento, “[...] a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros” (PESAVENTO, 2002, p.9).

Nas primeiras décadas do século XX as cidades brasileiras se viam eufóricas com seus processos de modernização. Nicolau Sevcenko descreve em seu livro *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*, as mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro após a troca de regime do governo brasileiro:

> O novo regime do país, a capital reformada, o janota engalanado são todos símbolos correspondentes de um mesmo conteúdo e decorrências similares de um processo único. O apelo premente para a reforma conforme o figurino europeu permeara todos os aspectos da vida urbana e era absoluto, pelo menos dentre as classes letradas. A Regeneração, portanto, tal como já vimos, não poderia ser considerada apenas a transformação da figura urbana da cidade do Rio de Janeiro. Analisamos como ela nasce em função do porto e da circulação das mercadorias, como subentende o saneamento e a higienização do meio ambiente, como se estende pelos hábitos, costumes, abrangendo o próprio modo de vida e as idéias, e como organiza de modo particular todo o sistema de compreensão e comportamento dos agentes que a vivenciam (SEVCENKO, 2003, p. 58).

3.2 AS CRÔNICAS *PONTA GROSSA DE HOJE*

A vinda do jornalista Raul Gomes à Ponta Grossa, como vimos no capítulo 1, se deu pelo motivo de o mesmo buscar compilar diversas informações sobre a cidade. Um processo semelhante deveria ser feito em Paranaguá. Ao final de tal estudo, os resultados deveriam ser divulgados em forma de crônicas a serem publicadas no jornal curitibano *Folha da* Manhã e, posteriormente, transcritos em jornais publicados na referidas cidades.

Como resultado foram escritas um total de quinze crônicas para a cidade de Ponta Grossa, publicadas no jornal *O Progresso* entre os dias 16 de julho de 1912 e 27 de agosto de 1912. Como introdução à primeira publicação, a coluna se iniciava com o título *Ponta Grossa de hoje, apreciação de nossa urbs*, tendo na abertura do texto a apresentação do jornalista pelo jornal:

> Raul Gomes, nosso colega da Folha da Manhã, que, como os leitores sabem, assumiu o compromisso de externar suas apreciações acerca da nossa urbs, encetou já, em primeira mão, pelas colunas daquele

> conceituado órgão da imprensa curitibana, a publicação desse útil e interessante trabalho. Abrindo hoje espaço para a transcrição de tudo que ele disser de Ponta Grossa, não precisamos encarecer a maneira porque o há de fazer, por isso que todos nós o conhecemos e sabemos o valor que ele dará ao seu trabalho (O PROGRESSO, 16 jul. 1912, p. 1).

Curiosamente, no mesmo ano o escritor paranaense Nestor Victor foi contratado pelo então presidente da Província do Paraná, Carlos Cavalcanti, para escrever um livro de impressões sobre o Estado. Para realizar essa empreitada, Nestor viajou desde o litoral paranaense, passando por Curitiba e terminando em Ponta Grossa. Utilizou-se de informações de amigos e de entrevistas para o levantamento de dados. Pelo empreendimento, ele teria recebido o valor de 3.000 contos de réis (VICTOR, 1996, p. xv). Os dois empreendimentos indicam que havia, na época, um esforço das autoridades e dos meios de comunicação para divulgar o processo de modernização pelo qual o Estado passava, principalmente no tocante ao desenvolvimento comercial e industrial dos seus maiores centros. Assim, por serem contemporâneos e apresentarem os mesmos objetivos, optou-se por comparar os dados levantados pelos dois autores sempre que necessário.

O objetivo principal desse capítulo é analisar as crônicas publicadas pelo jornalista Raul Gomes no que se refere aos principais eixos temáticos nelas presentes.

3.3 O PROGRESSO DA CIDADE E A VONTADE DE UM POVO

A crônica é um gênero textual que permite uma espécie de fotografia do cotidiano de uma cidade. Os relatos de acontecimentos e a descrição do dia a dia, abarcados em textos curtos, permitem ao leitor uma espécie de visualização do que está sendo narrado. A leitura de crônicas jornalísticas antigas permite criar um imaginário de como era um determinado lugar em uma determinada época. Isto é, uma representação do passado, porém, com o devido cuidado de não adotar essa representação como um acontecimento fiel deste passado. Segundo enfatiza Pesavento,

> É ingênuo pensar que o jornal possa apresentar como artigo, através da crônica, a vida como ela é, sem maquiagem alguma, sem criação ou elaboração. O artigo de jornal é uma representação que se propõe no lugar daquilo que se passou, apresentando uma imagem que, no mínimo, prenda a atenção, fazendo desaparecer a distância entre a representação e o

> representado. Ela vende um ‘pedaço’ do real manipulado e tendencialmente sedutor, por que há um público a captar (PESAVENTO, 2002, p. 336).

Raul Gomes exaltava, em várias de suas crônicas, o desenvolvimento de Ponta Grossa e a força laboral de seus habitantes. Buscava relembrar e fazia comparativos para registrar a evolução pela qual passou a cidade. “Um dos segredos do progresso local, que transformou o burgo apagado de há dez anos na ‘urbs’ agitada e triunfal de hoje foi, indubitavelmente, a vontade enérgica e indomável do povo ponta-grossense.” (GOMES, 20 jul. 1912, p.1). Em todos os seus textos ele buscava realçar através das palavras, principalmente dos adjetivos, o enaltecimento desse desenvolvimento, que por vezes beirava o ufanismo. A adjetivação enfática como “triunfal”, “agitada”, “indomável”, “vontade enérgica”, assim como o contraponto de “burgo apagado” ao “progresso local” exemplificam isso.

O jornalista, no seu objetivo de angariar dados sobre a cidade, visava principalmente à observação acerca da infraestrutura da mesma. Assim, logo ao chegar na “vitoriosa rainha dos campos”, notou que a gare da estação de trem era espaçosa e estava cheia. “Havia o movimento, a agitação, o barulho que se notam nas estações das grandes cidades. De outro lado, pregões diversos se faziam ouvir: Hotel Estrela! Hotel Biella: Hotel Guzzoni.” (GOMES, 16 jul. 1912, p.1). Nota-se aqui que a intenção do autor era retratar a diversidade de hotéis que a cidade oferecia além do hotel Palermo no qual ficaria hospedado. Ao chegar à praça principal onde se encontrava o seu hotel, impressionou-se com a quantidade de carros de praça e veículos de condução de bagagens, “dez ou doze”, que se deparavam no pátio em frente ao hotel (GOMES, 16 jul. 1912, p.2).

Raul Gomes empenhava-se em associar o processo de modernização da cidade com o ímpeto laboral da população. Deste modo, os habitantes convergiam para um “espírito associativo que se une sob um mesmo manto”, visando o progresso e a evolução social (GOMES, 27 jul. 1912, p.1). O jornalista prossegue:

> [...] E não poderia ser por menos porque o meio faz ou adapta o homem às suas circunstâncias. Um sábio que estudasse Ponta Grossa concluiria, sem conhecer o ponta-grossense, por gizar, em traços inapagáveis, o seu tipo inconfundível.
> [...] O povo moureja afanosamente. Uma ânsia de se tornar abastado o insufla dessa febre de atividade, desdobrada numa série de

> empreendimentos notáveis, desde que nos coloquemos num ponto de vista de relatividade (GOMES, 27 jul. 1912, p.1).

Novamente se pode perceber o esforço do autor em dar destaque ao seu discurso, colocando um “peso” nas palavras. Por ter o ponta-grossense esse perfil “inapagável” e “inconfundível” e “mourejar afanosamente”, uma “ânsia insufla” a sua “febre de atividade” que resulta em empreendimentos “notáveis”. Mesmo sendo o estilo de escrita do cronista e de sua época, percebe-se um exacerbamento maior no que permeia essa série de crônicas que Gomes publicou sobre Ponta Grossa.

Contudo, mesmo com todo esse enaltecimento, chama atenção a última frase da citação acima: “[...] desde que nos coloquemos num ponto de vista de relatividade”. Isso porque nem todo empreendimento se resulta triunfante em uma urbe que almeja o progresso. O jornalista citava que na cidade reinava a carestia. Os alugueis dos imóveis eram excessivamente caros, algo em torno de 40% a mais se comparados aos de Curitiba. Os gêneros de primeira necessidade possuíam preços elevados, devido ao fato de o município não os produzirem em quantidade suficientes para o consumo local. A compensação era que o trabalho seria bem remunerado. Na cidade a pobreza existia, mas, segundo Raul, era uma “pobreza laboriosa e limpa que tem o bastante para não passar fome nem pedir esmolas.” (GOMES, 27 jul. 1912, p.1).

Realmente o custo de vida parecia incomodar os habitantes da cidade. Nestor Victor, quando de sua estada em Ponta Grossa, perguntou ao Dr. Miguel de Quadros se era barata a vida ali, o qual lhe deu como resposta:

> Já está se tornado muito mais cara do que foi. Não temos os recursos da marinha, como é natural. A própria carne de vaca chega às vezes ao preço porque se vende lá no Rio. Nota-se no mercado a falta de legumes e hortaliças, devido à grande distância em que se acham as colônias existentes no município. Grande número de famílias comem de pensão, pela falta de criados que aqui também já se dá (Victor, 1996, p. 218).

Além dos preços altos, Raul Gomes apontava para problemas que eram, para a maioria dos moradores, cruciais para uma vida digna: A infraestrutura urbana. Pincipalmente ao estabelecimento urgente de um serviço de água e esgotos. “A cidade reclama higiene pública, que, nem em estado rudimentar existe.” (GOMES, 20 jul. 1912, p.1). Segundo o cronista, as ações deveriam se concentrar nas edificações, onde a higiene deveria intervir, “obrigando-as a um molde preconcebido

sob a orientação das determinações científicas da atualidade". Assim, Ponta Grossa começaria a usar medidas profiláticas de valor e utilidades incontestáveis e não mais se construiriam "casas condenáveis sob todos os pontos de vista". Segundo ele, na cidade se viam casas construídas em um padrão antiético, antiquado e anti-higiênico, pois não recebiam luz direta e não dispunham de drenagem adequada para imuniza-las da umidade (GOMES, 20 jul. 1912, p.1).

O jornalista observou também que o calçamento é um melhoramento imprescindível para acabar com a poeira. Na sua visão, com o tempo firme, o pó quase sufocava a população. "Ergue-se em ondas vermelhas, borra as paredes das casas, invade o interior das habitações, entra pelos estabelecimentos comerciais, causando graves estragos. Com as chuvas o pó se metamorfoseia em lama pegajosa." (GOMES, 20 jul. 1912, p.1).

Outra necessidade era a construção de um mercado para a normalização do comércio de gênero de primeira necessidade e que fosse regulado por leis. Assim como a edificação de um novo matadouro, pois no existente o abate era feito através de processos bárbaros. Além disso, o transporte de carne para corte era feito em carros pouco apropriados e sem o devido asseio. Depois de realizados todos esses melhoramentos, o cronista acreditava que não seria ousada a conquista de um eficiente meio de transporte através de bondes elétricos, que ligariam os bairros do subúrbio à cidade (GOMES, 20 jul. 1912, p.1).

Raul aproveitou para manifestar algo curioso sobre o comportamento do ponta-grossense: o fato do povo, que embora fosse tão manifestamente de espírito associativo, ser também um povo triste. Em seu relato, "no semblante do ponta-grossense, a par da cor e da robustez que se nota não se distingue o ar de alegria presumível." Reafirma ainda que "o ponta-grossense é um povo triste." Por isso mesmo "a gargalhada, larga, sonora, expansiva, prova de uma alegria natural, ele não a solta em momento algum." Seu "riso é apagado, forçado, com notas de tristeza e melancolia." (GOMES, 27 jul. 1912, p.1).

Não obstante, para Raul o maior valor do habitante dos Campos Gerais era a sua energia e disposição:

> Por isso aquele povo é vigoroso, forte, com tonalidades soberbas nas faces transbordadas de saúde. O corpo possante, espadaúdo, com músculos que parecem ferro nos dá a ideia do dos americanos do norte ou do dos paulistas (GOMES, 23 jul. 1912, p.1).

Nota-se aqui a comparação que ele faz do ponta-grossense com outros povos que ele considera de bastante vigor, como os americanos do norte (enfatizando o recorte somente ao povo estadunidense) e aos paulistas. A estes últimos, talvez, pela associação no seu imaginário à figura dos bandeirantes. O fato é que essa comparação dos naturais de Ponta Grossa com os nascidos em São Paulo não era inédita. Ela já havia sido feita por Nestor Victor em um diálogo com o Dr. Quadros em que este lhe explicava sobre a confiança que o homem de Ponta Grossa tinha sobre o futuro da sua cidade, ao que Victor sugestiona que faz lembrar o paulista (VICTOR, 1996, p. 215). O doutor concordou asseverando

> Justamente: é o tipo de que mais se aproxima. Ele sempre teve contato com S. Paulo, mas agora se tornou esse contato mais intenso, desde que começou a funcionar a Estrada de Ferro S. Paulo – Rio Grande. O comércio de Ponta Grossa tem relações mais importantes com S. Paulo do que com Curitiba.
>
> [...] Os produtos da indústria paulista tem igualmente procura na Capital do nosso Estado como em Ponta Grossa; dá-se, entretanto, a vantagem de serem muito menos caros os fretes para aqui... (VICTOR, 1996, p. 215-216).

Vê-se neste trecho uma explicação muito mais plausível dessa aproximação: o comércio mais fácil e intenso pelas duas cidades, favorecido pela estrada de ferro.

Outro ponto em comum dos relatos, tanto os de Raul Gomes quanto os de Nestor Victor, refere-se à hospitalidade do povo princesino. Escreveu o primeiro que “a hospitalidade sobreleva-a e a caracteriza. O povo é de uma nobre delicadeza para com os que o visitam. A sociedade abre-lhes as portas, cumulando-os de gentilezas.” Ele prossegue afirmando que “não ha ódios nem rivalidades, entorpecendo o desabrochar da vida local e embotando os bons sentimentos que palpitam no coração de cada cidadão”. Raul não via exagero no fato do povo ser bairrista, pois ele gosta de honrar e homenagear os feitos de seus filhos. Ele reconhecia que a solidariedade nas alegrias ou na dor é o “elo poderoso que explica a felicidade reinante na sociedade ponta-grossense.” (GOMES, 27 jul. 1912, p.1). Mais uma vez Gomes escrevia caprichando nos afagos à população. Por se tratar de um trabalho de “colher as impressões” sobre a cidade, ele sabia que seria lido depois. Talvez não quisesse comprometer a sua imagem perante o público.

Nestor Victor, ao contrário, delegava essa tarefa ao seu entrevistado, o Dr. Quadros, que ao se referir ao povo ponta-grossense disse:

> [...] E outra boa qualidade tem estes homens: não há quem seja mais hospitaleiro que eles, principalmente tratando-se de recém-chegados que aqui se vem instalar e cuja capacidade ou disposição prometa um elemento cooperador ao progresso da terra. Mais um motivo, por conseguinte, para a gente prender-se e apaixonar-se por ela (VICTOR, 1996, p. 217).

Faz-se importante lembrar que nesta época, a comunidade ponta-grossense já contava com uma grande quantidade de migrantes e imigrantes, o que poderia influenciar em um melhor comportamento social pela pluralidade de ideias. O Dr. Quadros relatou a Nestor Victor dessa forma: “encontram-se aqui paranaenses de quase todas as localidades do Paraná, brasileiros do Sul e do Norte, alemães, sírios, italianos, suíços, franceses, polacos, espanhóis, suecos, holandeses.” (VICTOR, 1996, p. 218).

Entre os enaltecimentos sobre a disposição e a receptividade dos moradores de Ponta Grossa, chama a atenção um fato descrito pelos dois viajantes: A ausência de mendigos no município. Raul, sustentando o seu discurso do “cidadão voluntarioso”, asseverava que esse fato se justificava “pois a vida forte e rija jamais origina vagabundos: o indivíduo cujo sangue é vermelho e quente não sofre da preguiça que é filha do linfantismo.” E, no mesmo tom, o jornalista arrematou: “Daí o fato que já registramos de ser quase nula vagabundagem em Ponta Grossa.” (GOMES, 23 jul. 1912, p.1).

Ao ser informado pelo Dr. Quadros de que “é quase completa a ausência de mendigos na cidade”, Nestor Victor perguntou a que se devia esse fato, ao que obteve como resposta:

> É devido em parte à ação da imprensa, que apela para a generosidade pública, sempre com bons resultados, em favor dos verdadeiros indigentes, permitindo assim que exerça a polícia vigorosa vigilância contra os exploradores, como de fato se dá. Estes são processados pelo delito de vagabundagem, de modo que se vai extirpando tanto quanto possível semelhante vício entre nós... (VICTOR, 1996, p. 219-220).

Esse policiamento sobre a mendicância não era novidade apenas em Ponta Grossa. Descrevendo os processos de trabalho no Rio Grande do Sul do final do século XIX, Pesavento comenta:

> Nas atividades de trabalho regular, sob a tutela de um patrão, como a condução de carros, os serviços de criadagem ou os trabalhos de balcão, o poder público procurou estabelecer seu controle através de cadernetas com registros. Mesmo os considerados inúteis para o trabalho e, portanto, marginais ao mercado, como os mendigos, eram alvo da fiscalização. Os pedintes, no caso, deviam portar licença para esmolar (PESAVENTO, 1989, p. 146).

Esse controle se estendeu por décadas em algumas cidades. Segundo Chaves (2001, p. 70-71) as chamadas “cruzadas morais” em Ponta Grossa, direcionadas “contra os falsos mendigos, vagabundos e vadios, foram lideradas pelo proprietário do Diário dos Campos”. Chaves transcreve uma nota publicada pelo jornal em 1938, segundo a qual o prefeito e o delegado da cidade estabeleciam que a mendicância somente fosse permitida com a devida licença da Regional. O descumprimento resultaria em prisão e processo.

Obviamente que, como na grande maioria das cidades, Ponta Grossa não era constituída apenas por cidadãos de bem, embora Raul Gomes se esforçasse em representar isso em suas colunas. Ele mesmo atestou, quando da sua visita ao cemitério local, um fato no mínimo intrigante. Chamava a atenção do jornalista uma tabuleta logo na entrada do campo-santo, que trazia a inscrição do seguinte aviso: “Aquele que escalar as paredes 20$ de multa ou 10 dias de cadeia. Destruir árvores, quebrar galhos, e aquele que cortar flores 3 dias de cadeia.” (GOMES, 25 jul. 1912, p.1). Isto é, na cidade onde quase não se via vagabundagem existia, como paradoxo, um certo padrão de vandalismo que justificava um artigo de lei.

Do mesmo modo eram frequentes as notícias nos jornais sobre roubos e assassinatos. Muito embora Raul não tenha compilado nenhum número de delitos em seus levantamentos de dados, uma rápida leitura nas páginas dos periódicos revela a existência de criminalidade na região, como se pode perceber nessas notícias:

> **Gatunagem.** — Sábado, à noite, os amigos do alheio penetraram na casa comercial do Sr. Antonio Santos, à Praça Floriano Peixoto, e de lá surrupiaram alguns objetos, importância em dinheiro e mais coisas. Havia gente na casa, porém não foi pressentido o roubo. O fato foi levado ao conhecimento da policia (O PROGRESSO, 28 mar. 1912, p.2, grifo original).

Notícia semelhante se achava comumente em outras edições:

> **Gatunagem.** — Audazes gatunos tentaram, sábado, à noite, o arrombamento da casa comercial desta praça ‘Ancora de Ouro’, à Praça

> Floriano Peixoto, não levando porém a efeito o roubo, por terem sido pressentido por pessoas que nessa ocasião que por ali passavam.
> — Também na noite de sexta-feira foi roubado o café 'Central' à rua 15 de Novembro. Os gatunos ali penetraram roubando, segundo dissera o respectivo proprietário, a importância de 960$000. A polícia tomou conhecimento desses fatos (O PROGRESSO, 9 abr. 1912, p.2, grifo original).

Os termos utilizados para descrever as ações dos bandidos parecem engraçados nos dias atuais, como "gatunagem" e "audazes gatunos". Contudo, pareciam comuns à época. Alguns deles ainda são empregados atualmente como "amigos do alheio" e "surrupiar".

3.4 ENTRETENIMENTO E RELIGIÃO

Raul Gomes descreveu como era um dia de domingo típico na cidade de Ponta Grossa. Apesar de ser um dia chuvoso, ele tomou um carro para percorrer as ruas da cidade. Encontrou no caminho um amigo, o qual não revelou o nome, para que o acompanhasse no passeio e comentasse sobre as atividades dos moradores aos domingos.

Ouviu, então, o relato de que nesses dias, as ruas da cidade perdiam o movimento tradicional dos fins de semana. À tarde, e não havendo chuva, as moças iriam às praças para flertar, namorar e conversar com os homens. Porém, em alguns domingos, ocorriam os "assustados". Gomes se surpreendeu com o termo e perguntou ao amigo do que se tratava o termo, ao que lhe foi respondido:

> 'Assustado é um sarau engendrado às presas, sem preparativos e onde se comparece sem trajes de rigor ou vestidos com apuro. Rapazes e moças vão a eles com as roupas domingueiras. Deixam de flanar nas ruas e atiram-se às danças nos clubes.' (GOMES, 3 ago. 1912, p. 1).

Outro tema era sobre as religiões praticadas na cidade. Raul foi informado que havia o predomínio do cristianismo, tanto pelo lado católico como pelo protestante, porém não existiam igrejas em número suficiente para a quantidade de habitantes. Um aspecto curioso se deu quando o amigo comentou que havia na cidade também a superstição, essencialmente entre as classes mais atrasadas, que acreditavam em bruxarias e feitiçarias e que tinham crenças em amuletos. Ele insistia que esse tipo de superstição era um mal endêmico que se encontrava em toda a parte, nos países adiantados e nos atrasados (GOMES, 3 ago. 1912, p. 1).

Durante as investigações desta pesquisa, não se conseguiu estabelecer se o referido seria algo relacionado às religiões de origem africana.

Raul foi também informado de que na cidade existiam pequenos oratórios, os quais surgiram muitas vezes de promessas ou de um fato sem importância. O mais famoso era a *Casa do Divino*, situada à Rua Santos Dumont. Era este muito frequentado, sendo que os devotos o procuravam frequentemente para ali fazer suas rezas e suas promessas. Sua origem seria a partir da descoberta de uma imagem dando início ao templo, conforme o transcrito pelo jornalista:

> O Santo foi achado em outubro de 1882, pela mulher Selvarina Julia Xavier, nos campos de Carambeí. Hoje o santo achado, julgado milagroso, está na casa de d. Selvarina.
> Existe ali uma pequena capela, onde num altar ajaezado, com toalhas, fitas, flores, está o santo. Junto à casa do divino constituiu-se uma espécie de museu. Em compridas montras e prateleiras vêm-se oferendas de todas as partes.
> São braços, cabeças, pernas, etc., uns em cera, feitas com certa arte, outras em madeira, pedra, etc.
> É um verdadeiro museu de uma serie enorme de objetos, que ali se foram acumulando em 30 anos de crenças piedosas.
> Ha sempre terços, rezados por diversos capelães. Acorre à Casa do Divino gente de toda a parte, que vem ali cumprir suas promessas.
> Esses romeiros trazem consigo alfaia, muitas ricas, que oferecem ao santo (GOMES, 3 ago. 1912, p. 1).

Sobre o tema do entretenimento, o jornalista observou que não existia em Ponta Grossa um convívio social. As visitas se davam apenas entre as famílias mais íntimas. “Os homens são comedidos e honestos. As mulheres recatadas e dignas.” (GOMES, 3 ago. 1912, p. 1). Os encontros familiares, dentro da comunidade, aconteciam nas festas e bailes que, segundo ele, eram produzidos com bom gosto nos diversos clubes. Raul elencou as sociedades então existentes na cidade:

- O *Club Litterario*, instalado em seis de fevereiro de 1896. Com sede à Rua 15 de novembro, contava com um grande número de sócios e realizava toda espécie de festividades literárias, recreativas, etc.;
- O *Club Pontagrossense*, fundado em 1897. Situado à Rua Augusto Ribas em um ótimo prédio e com vastos salões, contava com um avultado quadro social e grande serviços sociais prestados à cidade;
- O *Democratas*, sociedade recreativa e também de origem brasileira, encontrava-se situada em um prédio próprio na Rua General Carneiro;

- *Sociedade Lyra dos Campos*, que possuia uma banda musical regida pelo Sr. Jacob Holzmann;
- *Germania* e *Sociedade B. Germania*, ambas situadas à Rua Balduino Taques, sendo a segunda em prédio próprio;
- *Chrysalidas* e *Myosotes*, que eram grêmios femininos da elite;
- *Bouquet de Rosas*, que reunia moças “esforçadas e inteligentes”;
- As sociedades *28 de Setembro* e *13 de Maio*, que se compunham, nas palavras do jornalista, “de elementos operários e de homens de cor, gente toda do trabalho e da luta.” (GOMES, 3 ago. 1912, p. 1).

O Clube 13 de Maio foi fundado em 1890 e continua em atividade até os dias atuais.

3.5 GEOGRAFIA E DESENVOLVIMENTO URBANO

O cenário urbano em Ponta Grossa no ano de 1912 não era, aos moldes atuais, algo que se pudesse aclamar como plenamente desenvolvido. Contudo, naquela época as mudanças que ocorriam em qualquer escala já eram, aos olhos da população ou dos visitantes, um fator que indicava o progresso da cidade. E não seria diferente para Raul Gomes, que a comparava com a sua estrutura de um período anterior de dez anos, como ele mesmo citou. Deste modo, ele se sentiu a vontade para traçar as suas impressões:

> As grandes chácaras, vendidas a particulares em lote, se enchem de habitações e entram para o efetivo do quadro urbano. O desenvolvimento não se realiza somente na periferia: faz-se do centro para a periferia e da periferia para o centro. Está generalizado. As construções se erguem nos bairros novos e nas ruas velhas, cujos claros numerosos desaparecem continuamente (GOMES, 16 jul. 1912, p. 2).

Na visão do autor, até a topografia do município, constituída por ladeiras cortadas por várias ruas, estabeleciam um “elemento de beleza para a cidade”, em contraste com a monotonia das outras cidades “que se alastram, em quadrados perfeitos, nas planícies intermináveis”. Assim, “[...] Do largo da matriz, do alto do cemitério, de outro lugar qualquer se rasgam aos olhos de ‘turista’ espetáculos

inéditos e estupendos.” (GOMES, 16 jul. 1912, p. 2). Em seu levantamento de dados, o jornalista compilou as seguintes informações sobre o espaço urbano da cidade:

> Existem na cidade 74 ruas, retas, longas e largas, parecendo quase todas vastas avenidas; Há seis praças: Rio Branco, Floriano Peixoto, S. João, Largo Municipal, Santos Andrade e Benjamim Constante e três avenidas: comendador Bonifácio Villela, coronel Villela e Fernandes Pinheiros. Acha-se em construção a avenida Carlos Cavalcanti que ligará, em linha reta, a cidade ao bairro de Uvaranas, onde está o quartel do 5° regimento de infantaria (GOMES, 20 jul. 1912, p. 1).

E ele prossegue:

> Ponta Grossa conta com 3800 casas, sendo quase todas de tijolos e de feitura sólida e resistente. A população da cidade é calculada em 15200 almas e a do município em 20 mil espalhadas por uma extensão aproximada de 36 léguas quadradas. Ultimamente foram construídos e estão em construção 41 prédios, inclusive dois sobrados (GOMES, 20 jul. 1912, p. 1).

FIGURA 9 – Rua Augusto Ribas (1911).

FONTE: Fotografia Luiz Bianchi. Fundo Foto Bianchi – Casa da Memória Paraná.

A figura 9 mostra a Rua Augusto Ribas em 1911, a antiga Rua das Tropas, que recebia esse nome por ser o caminho por onde os antigos tropeiros passavam para fazer o comércio, o qual interligava as províncias de São Paulo e Rio Grande. Nota-se que, embora já possuísse construções modernas, como alguns sobrados em alvenaria, a rua não apresentava nenhum tipo de pavimentação.

FIGURA 10 – Rua Augusto Ribas (sem data).

FONTE: Fotografia Luiz Bianchi. Fundo Foto Bianchi – Casa da Memória Paraná.

A figura 10 mostra a mesma rua retratada no sentido contrário. Percebe-se aqui que ela já se encontrava em um processo de melhorias de infraestrutura, como arborização, pavimentação, calçamento e instalação de postes em um canteiro central.

Ponta Grossa estava situada em uma posição geográfica privilegiada naqueles anos. Construiu-se ali um entroncamento ferroviário que possibilitou a ampliação do comércio e o aumento da circulação de produtos na cidade. Segundo levantamento do geógrafo Leonel Brizolla Monastirsky (2001, p. 39), a implantação da ferrovia no estado do Paraná teve início em 1880, com a colocação do trecho entre a capital Curitiba e a cidade litorânea de Paranaguá. Posteriormente ocorreu o seu prolongamento até Porto Amazonas e depois à Ponta Grossa. Ainda no final do século XIX, ocorreu a ampliação da ferrovia em duas frentes: uma em direção à cidade paulista de Itararé e outra em direção ao rio Iguaçu, que depois se projetaria até o estado do Rio Grande do Sul. As linhas possibilitavam o afluxo de um grande

número de passageiros oriundos de diversas localidades, incluindo estrangeiros vindos de países como Uruguai e Argentina. Além do desenvolvimento da infraestrutura da cidade com a instalação de restaurantes, bares, hotéis, lojas, etc., também a sua população experimentava de maneira intensa a vida em público (MONASTIRSKY, 2001, p. 43). Para evidenciar a maneira como ocorrem estas transformações, Monastirsky invoca Lefebvre:

> Em seu plano específico, a cidade pode se apoderar das significações existentes, políticas, religiosas, filosóficas. Apodera-se delas para as dizer, para expô-las pela via – ou pela voz – dos edifícios, dos monumentos, e também pelas ruas e praças, pelos vazios, pela teatralização espontânea dos encontros que nela se desenrolam (MONASTIRSKY, 2001, p. 43).

Curiosamente Raul Gomes asseverou que, além das duas ferrovias mencionadas, Ponta Grossa preparava-se para “a execução de um plano formidável de desenvolvimento ferroviário” (GOMES, 20 jul. 1912, p. 1). No entanto, ele não detalhou que plano era esse. Consultando o livro de Nestor Victor sobre a sua viajem à cidade no mesmo ano, encontra-se uma conversa que o escritor teve com o coronel Firmino Rocha, que detalhou tal empreendimento. Tratava-se da construção de mais três linhas. A primeira, que já se encontrava em adiantado estudo, prolongaria a Estrada de Ferro do Paraná até a cidade de Guarapuava; a segunda, chamada de concessão Schamber, teria partida de Ponta Grossa até Sete Quedas; e, por último, a concessão Álvaro Martins, que partiria também de Ponta Grossa até a foz do Rio Tibagi (VICTOR, 1996, p. 233).

As linhas férreas contribuíram também para o crescimento da cidade em direção à periferia. Raul Gomes comentou que a cidade prosperava nos bairros, principalmente nos de Corrientes e Vila Madureira. Contudo, havia a possibilidade da instalação em um local das oficinas ferroviárias e, certamente, era para lá que a cidade aumentaria (GOMES, 20 jul. 1912, p. 1). De fato o jornal *O Progresso* já publicara, na sua edição de número 519, que ao Ministério da Viação já havia aprovado as plantas para a construção das oficinas da Estrada de Ferro Paraná, com um orçamento estimado em 126:117$263 réis (O PROGRESSO, 01 fev. 1912, p. 2). Nos arredores deste local floresceu a *Villa Officinas*, um dos maiores bairros da cidade e que existe até os dias atuais. Outros bairros foram estabelecidos a partir do loteamento de grandes chácaras como os da Ronda, Rio Branco, Ana Rita, Estrela e os já citados Corrientes e Vila Madureira.

Já na parte central da cidade, a modernização era enaltecida pelo cronista. Em suas observações, ele conta que as ruas tinham um intenso movimento, com um entra e sai de “cavalheiros e senhoras, azafamados e prestos”. As casas comerciais viviam abarrotadas de clientes, pois abasteciam todo o interior do estado. “À noite o povo flana nas ruas, penetra nas lojas, enche os três cinemas, frequenta os clubes” (GOMES, 20 jul. 1912, p. 1). Novamente aparece aqui o verbo flanar, que remete ao “flâneur” que Charles Baudelaire retrata em sua obra *O Pintor da Vida Moderna*, ou seja, aquele que vaga e observa as coisas encantado, no meio da multidão:

> Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, constitui um grande prazer fixar domicílio no número, no inconstante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e no entanto, sentir-se em casa em toda parte; ver o mundo, estar no centro do mundo e continuar escondido do mundo, esses são alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a língua não pode definir senão canhestramente (BAUDELAIRE, 2010, p. 30).

É assim, na visão do jornalista, que o ponta-grossense se sentia ao caminhar nas ruas, praticar o *footing*, fazer compras nas lojas, frequentar cinemas e teatros.

Realmente, ao consultar os anúncios nas páginas do jornal *O Progesso*, nota-se uma quantidade variada de propagandas de estabelecimentos comerciais. Havia anúncios de alfaiatarias, açougues, farmácias, tipografias, hotéis e bancos, entre outros. No ano de 1912 o estabelecimento bancário que mais aparecia, principalmente na página 4 do periódico, era o Banco Francês e Italiano. E é justamente nesse ano que Nestor Victor comenta que, do hotel onde se encontrava hospedado, via-se um recém-inaugurado escritório, de “elegante armação”, do referido banco. Além disso, a cidade contava ainda com agências do River Plate e do London Bank (VICTOR, 1996, p. 222-223). Sinal que o progresso financeiro também se firmava em Ponta Grossa.

FIGURA 11 – Página de anúncios no jornal *O Progresso* de 4 jul. 1912.

4 O Progresso, 4 de Julho de 1912

PHARMACIA ARRUDA
— DE —
A. BARBOSA DE ARRUDA
RUA DR. COLLARES
Sortimento completo de drogas, productos chimicos e pharmaceuticos
Depositario das Pilulas antisyphiticas do dr. Heinzelmann e do Iodolino de Ohr
Avia-se receitas a qualquer hora da noite
PREÇOS SEM COMPETENCIA
PONTA GROSSA — E. DO PARANA'
23

Livros escolares
NA
TYP. "BRASIL"

Banque Française & Italienne
pour l' Amerique du Sud.
— SOCIEDADE ANONYMA —
Capital FRANCOS 25.000.000
Sède Central-Paris
Com succursaes em S. Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Curityba.
AGENCIAS EM
Ribeirão Preto, São Carlos, Botucatú, Espirito Santo do Pinhal, Mocóca, S. José do Rio Pardo e Ponta Grossa — á rua 7 de Setembro n.º 17 (contigna á Antiga casa Bittencourt) e correspondentes nas principaes cidades da Europa e do Brasil.
Aceita-se cobranças para qualquer parte da Europa e America e saca-se sobre as principaes praças do Mundo.
Depositos em conta corrente e prazo fixo.
Para a classe operaria emitte-se cadernetas de conta corrente limitada juros de 4 % ao anno, contados semestralmente, sendo para isso especialmente autorisado pelo Governo Federal.
Endereço telegraphico «Sudameris». Caixa do correio n' 94. — Telephone n' 80.
PONTA GROSSA — PARANA BRASIL.

TAINHAS
ESCALADAS
Fresquinhas e por preços baratissimos, só em
CASA DE
Rua 7 de setembro n. 74 — Emilio Sigwaldt — Rua 7 de setembro n. 54.
PONTA GROSSA
13-4

PEÇAM E UZEM
Elixir Doria Estomacal
20 % curam-se com um 1/2 vidro
60 % curam-se com dois vidros
20 % curam-se com tres vidros
Illustrado com muitos attestados de illustres medicos.
Approvado pela Ex. Junta de Hygiene do RIO
NÃO TEMEM:
Encontra-se em todas as boas Pharmacias

LONDON & RIVER PLATE BANK L.d
ESTABELECIDO EM 1862
Capital auctorisado. . . L. 4.000.000
Capital realisado . . . . L. 1.800.000
Fundo de Reserva . . . L. 2.000.000
Caixa Matriz em Londres
Filiaes no Brazil:
Curityba, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará, Manáos, Victoria.
Filiaes no Estrangeiro:
Buenos-Aires, Rosario, Mendoza, Cordoba, Tucuman, Panamá, Concordia, Bahia Blanca, Montevidéo, Paysandú, Salto, Valparaiso, Paris, New-York.
Agencias nas principaes cidades do Brazil e do Estrangeiro.
Emitte-se saques, abre-se contas correntes, acceita-se Depositos á prazo fixo e com previo aviso.
Occupa-se de todos os negocios bancarios
Endereço telegraphico—RIOPLATA—Caixa Correio N. 21.
Telephone n. 87. — Rua 15 de Novembro esq. 1º. de Março
CURITYBA
Até 30-8-912.

Alfaiataria Popular
DE
ERNESTO MERLIN
Rua 15 de Novembro n. 36
Nesta alfaiataria é que o freguez com segurança pode ser bem servido: já pela esmerada confecção, elegancia e boa forma na roupa, já pelos preços razoaveis e activa prontidão.
Se o freguez quer ter a certeza de vestir com elegancia e bom gosto, se quer usar roupa de talho impeccavel e bem confeccionada, não deve esquecer que é nesta alfaiataria onde pode achar ainda vantagens. Além d'isso o freguez não terá a importunação de aguardar muito pela roupa, pois que esta officina executa o trabalho emprehendido dentro do espaço de tempo promettido ao freguez, o que geralmente não costuma ser em todas as alfaiatarias.
Uma visita a este estabelecimento é de muita vantagem
6—6
VISITEM POIS

Alfaiataria „Ribeiro"
— DE —
Pedro C. Ribeiro
Praça Floriano Peixoto nº. 56.
Bem escolhido sortimento de casemiras extrangeiras e nacionaes.
Brins, cortes de calças e colletes á phantasia.
Capricho e perfeição na confecção dos trabalhos concernentes a esta arte.
Preços sem competencia. 9

London & Brazilian Bank Limited
Capital subscripto Lib. st. 2.000.000
Capital Realisado 1.000.000
Fundo de Reserva 1.050.000
Caixa Matriz em Londres
Banqueiros: Glyn Mills Currie & C.
— FILIAES —
Rio de Janeiro, Manáos, Pará, Pernambuco, Bahia, São Paulo Santos, Curityba, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Montevideo Buenos Aires, Rosario de Santa Fé, Paris, Lisboa, Porto, New-York
CORRESPONDENTES
Em todas as praças mais importantes no Brasil e Europa
Letras emittidas sobre todas as praças acima e as cidades da França, Allemanha, Italia, Portugal, Hespanha, Turquia, Syria e outras.
Abrem-se contas correntes, acceitam-se depositos a prazo fixo e com aviso antecipado. E occupa-se de todos os negocios bancarios
Caixa do Correio N. 79 — Endereço teleg. „NEOPHYTE"
Telephone N. 404.
Sede Curityba: Praça Tiradentes n. 7.

CURSO DE MAGNETISMO PESSOAL OU A ARTE de TRIUMPHAR na Vida
Este livro constitue uma cuidadosa recapitulação do que de melhor se tem publicado sobre este assumpto no estrangeiro. Ensina como se adquire o dominio de si proprio e como se pode desenvolver o caracter. Está dividido em duas partes, contando 20 lições acompanhadas de exercicios e figuras explicativas. Traz um APENDICE sobre a influencia pessoal, por Jean Filatre.
Um volume encadernado. . . . 3$000. Pelo Correio, mais $500.
A' venda na TYPOGRAPHIA BRAZIL.
PRAÇA FLORIANO PEIXOTO
(Sobrado Naumann)
. . . . . PONTA GROSSA . . . . .
Nota: Acceitam-se encommendas de qualquer livro.

London And River Plate Bank, Limited
ESTABELECIDO EM 1862
Capital 4:000:000
Capital realisado 1:800:000
Fundo de reserva 2:000:000
Balancete da Caixa Filial nesta praça
Em 31 de Maio de 1912.
ACTIVO

Letras descontadas	1.982.400.990
Letras a receber	836.587.020
Emprestimos, contas caucionadas, etc.	2.922.414.230
Caixa matriz, Filiaes e Agencias	1.385.347.610
Diversas contas	79.682.840
Penhores de emprestimos de contas caucionadas, etc.	3.881.386.400
Caixa em moeda corrente no cofre do Banco	424.354.890
Rs.	11.512.206.980

PASSIVO

Capital declarado da Caixa Filial	500.000.000
Deposito a prazo fixo e com aviso	821.849.390
Contas correntes com e sem juros	1.908.858.730
Diversas contas	900.570.770
Titulos em caução e deposito	3.881.386.590
Caixa Matriz, filiaes e Agencias	3.439.581.490
Rs.	11.512.206.980

S. E. & O.
Curityba, 3 de Junho de 1912
Pelo London And River Plate Bank
Assignado — F. C. Morston — Gerente Interino
Assignado — E. E. Nicolls — Contador Interino
(11)

Pharmacia Solano
Rua 15 de Novembro n. 22
Este estabelecimento acaba de receber da Europa, muito especialmente da fabrica de Merck, em Alemanha, diversos medicamentos e bem assim accessorios para pharmacia como sejam: Cintos abdomenaes para senhoras, bandas hygienicas com cinto para manstruação, bandas simples e elasticas de gaze e cambraia para curativos etc. Sondas e algatias de varias qualidades, gazes esterilisadas e isdoformadas de Jhonson e Jhonson e de outros autores
Tem sempre em deposito preparados pharmaceuticos de Humphreys, Raulivelra, Knell, Elixir de Nogueira, Saude da mulher, Bromil, Vinol, Guderil, Araarço sulfuroso e muitos outros preparados nacionaes e estrangeiros, difficil de enumerar os quaes vende á preços reasumidissimos.
Pequena fabrica de Elixir odontalgico, Elixir de velame canella o tayuya composto, Tonico brasileiro para hygiene da cabeça e de diversos comprimidos como antipyrina, pyramidon, phenacetina etc. para os quaes dispõem de machinismos apropriados para esse fim
Avia-se receitas com promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.
PREÇOS MODICOS
Gratis aos indigentes
(13)

O Bromil é o grande remedio para as molestias do pello, MAIS DE 400 MEDICOS attestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.
O Bromil é o melhor calmante expectorante
A Saúde da Mulher
é o regulador do utero: facilita as regras, atenúa as colicas, combate as hemorrhagias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da edade critica.
Laboratorio Daudt & Lagunilla, Rio de Janeiro

FONTE: Casa da Memória Paraná.

FIGURA 12 – Banco Francês e Italiano (sem data).

FONTE: Fotografia Luiz Bianchi. Fundo Foto Bianchi – Casa da Memória Paraná.

FIGURA 13 – Banco Francês e Italiano nova sede (sem data).

FONTE: Fotografia Luiz Bianchi. Fundo Foto Bianchi – Casa da Memória Paraná.

A figura 12 mostra a agência antiga do Banco Francês e Italiano, enquanto que a nova (figura 13) já retrata o novo escritório, situado na esquina das atuais ruas Quinze de Novembro e Sete de Setembro. A julgar pelos algarismos romanos no topo desta última edificação, a mesma sofreu uma reforma no ano de 1921. Nota-se que as ruas estavam bem pavimentadas, tendo em vista que tratar-se do centro comercial da cidade.

Partindo da premissa que Raul Gomes estava em Ponta Grossa para realizar um levantamento de dados a cerca da cidade, sendo visivelmente preocupado em mais enaltecer do que constranger, era natural que ele usasse um estilo de escrita mais adulador em referência à população. Não é de se admirar que ele comece uma de suas crônicas desse modo:

> Quem visita Ponta Grossa, ao mesmo tempo que sente a impressão nítida de se encontrar numa cidade onde o trabalho é uma verdade e onde a vida intensa se manifesta sob formas diversas, percebe, com alguma satisfação que, servindo e dirigindo um povo ordeiro e incansável, está um governo municipal ativo e empreendedor (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1).

Obviamente que ele não poderia deixar de fazer o mesmo com as autoridades locais, a quem seguia elogiando: “À perspicácia, à inteligência e ao patriotismo dos próceres da administração local jamais escapou a compreensão da imprescindibilidade de certos melhoramentos.” (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1). O cronista ainda justifica que, se alguns dos empreendimentos ainda não tivessem sido realizados, era porque o governo tinha por norma agir com prudência, para não sacrificar o futuro da cidade (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1). Raul relembrou que no ano de 1908 houve uma divergência política no estado do Paraná e que acabou influindo na administração pública de Ponta Grossa.

> Prefeito e Câmara, de começo, não viam as coisas do mesmo ponto vista. Por um apaixonado partidarismo, subsequente á formação da coligação paranaense, os dois poderes foram forçados a rumarem para orientes diversos (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1).

Entretanto, ele relatou que quando os interesses eram locais, os dois grupos rivais permaneciam unidos em prol da administração, “ambos sob a égide da bandeira da felicidade, do engrandecimento e, portanto do progresso ponta-grossense.” (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1).

Em encontro com o prefeito José Bonifácio Guimarães Vilella, o repórter analisou a planta para a construção de um mercado público na cidade, confeccionada pelo próprio mandatário. Raul Gomes ficou admirado e assegurou que o edifício seria, em seu gênero, o mais grandioso do sul do país. Chegou a fazer comparações com outras cidades, citando que nem São Paulo ou Porto Alegre apresentavam mercados similares. O fato é que o mercado não foi construído em seu mandato, uma vez que artigos de jornais publicados no ano de 1914 ainda reivindicavam essa benfeitoria (SOBRINHO, 1914, p.1).

O intuito desse encontro foi de realizar uma entrevista com o então prefeito. A conferência mostra, em sua transcrição, que o objetivo tratava-se exclusivamente de mostrar as realizações do gestor, sendo que as perguntas do repórter, em sua maioria, limitavam-se apenas a uma espécie de "gancho" para a próxima fala do prefeito. Seguem alguns exemplos da referida entrevista:

> Ao lhe tocarmos em programa ele nos disse:
> — Sim tinha um programa, que representava a bandeira de um partido. Eleito atravessei uma época de luta. A crise política que sobreveio entorpeceu de alguma forma a minha ação.
> **— Contudo...**
> — Trabalhei. Convencido da esterilidade da luta política resolvi iniciar uma obra de conciliação e de harmonia visando os altos interesses municipais. Se por um lado os partidos talvez lucrassem com a guerra, por outro o município perdia o perdia imensamente (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1, grifo do pesquisador).

A palavra "contudo" trata-se de uma conjunção adversativa, sinônimo aqui de "porém" ou "entretanto", sendo que ela poderia perfeitamente ter sido usada pelo entrevistado, e não pelo entrevistador, que assim continua:

> **— De modo que...**
> — Achei e comigo o pensaram os nossos correligionários, que devíamos empregar todos os esforços para findar a luta, principalmente, entro os poderes executivo e o legislativo. Dessa forma não foi longo o período da luta (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1, grifo do pesquisador).

Mais uma vez Gomes faz o elo entre as falas do prefeito, o que faz pensar em uma entrevista com um texto pronto. Ele repete a estratégia quando, no meio da conversa, pergunta:

> **— Que diz s. s. sobre o calçamento?**

> — Que é um problema essencial e de necessidade a ser levado a efeito após a solução do problema da água e do esgoto.
> **— Com isso tudo...**
> — Nessa cidade, incontestavelmente, se tornará uma cidade ideal sob o ponto de vista higiênico, dadas as suas magnificas condições próprias (GOMES, 18 jul. 1912, p. 1, grifo do pesquisador).

As reticências fazem parte da transcrição, o que demonstra claramente como o entrevistado ficava plenamente à vontade para conduzir o seu discurso. Em outra passagem o jornalista questiona o prefeito se o povo era trabalhador, como se o chefe do executivo, em uma entrevista que posteriormente seria publicada, tivesse o desatino de falar mal dos habitantes da cidade.

Nem o clima de Ponta Grossa escapava aos elogios de Raul Gomes. Discorrendo sobre o tema, ele ressaltava que este era um dos mais salubres do Estado, já que a posição geográfica em que está situada a cidade, no segundo planalto, fazia com que ela fosse “beijada por ventos contínuos” e apresentasse também um clima muito estável, onde mesmo o inverno rigoroso produzia um “frio seco, bom e saudável”. Raul complementa em sua descrição que o ar puro presente nos campos gerais tonificava o pulmão das pessoas, fazendo com que a voz do ponta-grossense se distinguisse onde quer que fosse ouvida (GOMES, 23 jul. 1912, p. 1).

O verbo beijar tenta romantizar os ventos frequentes que ocorrem na região, principalmente na estação do inverno. Em seu livro *Passeio à minha terra*, o viajante Salvador José Correia Coelho relata, em sua passagem por Ponta Grosa no ano de 1845, a seguinte menção sobre o clima:

> De dentro da povoação, cujos edifícios são vulgares goza-se de bela e muita extensa vista do campo; mas o vento que aí de contínuo sopra não cessa de incomodar ao viajante que não está habituado a sentir os seus ásperos afagos (COELHO, 1995, p. 93).

Diferentemente Coelho não ameniza sobre o clima, mesmo utilizando a expressão “ásperos afagos”; pelo contrário, isso soa como uma ironia.

3.6 A VIDA INTELECTUAL DE PONTA GROSSA

Nesta seção destaca-se sobre o principal motivo da viagem de Raul Gomes à Ponta Grossa. Em uma cafeteria com um amigo, ele o questionou, de uma maneira

bem sutil e cheia de meandros, sobre a intelectualidade ponta-grossense. Vale assim repetir o discurso apresentado pelo jornalista no capítulo 1, para que se enfatize a linha condutora do seu objetivo:

> Vamos, neste artigo, tocar na parte mais notável, no ponto culminante, daquilo que vimos escrevendo sobre a cidade de Ponta. Grossa. Foi talvez isso que provocou a ideia de irmos à Ponta Grossa. Foi talvez isso que nos levou ao compromisso de dizermos o que é a rainha dos campos, na atualidade (GOMES, 3 ago. 1912, p. 2).

Ele prosseguiu dando ênfase na cautela que deveria tomar para continuar o assunto:

> Assim, mister cuidado, mister atenção, ao traçarmos estas linhas. Rigor; rigor na expressão, rigor na frase, e cautela na emissão da nossa opinião sobre o assunto. Sim! Perguntamos: em Ponta Grossa existe um meio literário? (GOMES, 3 ago. 1912, p. 2).

Essa preocupação na forma de se fazer a pergunta talvez tenha origem justamente em toda a celeuma que causaram os embates entre os articulistas dos jornais, conforme citado no capítulo 1. Ele pondera:

> É certo que temos de perguntar dum ponto de vista de relatividade, de complacência. Mas essa relatividade que não ascenda ao extremo; que essa complacência não ultrapasse o limite riscado pelo bom senso. Relatividade, porque em Ponta Grossa nunca houve séria dedicação pelas letras (GOMES, 3 ago. 1912, p. 2).

Faz-se interessante notar que o próprio Raul, neste comentário, põe em dúvida a capacidade literária da cidade. Isto leva a crer que talvez tenha havido de fato, naquela “contenda estulta”, certa artimanha para gerar todo aquele imbróglio. Na continuação, o amigo se pôs a respondê-lo:

> A mocidade desviava-se para carreiras práticas, de utilidade imediata. O povo não se preocupava muito pelas coisas de arte. Liam, gostavam das emoções vulgares da arte: uma boa leitura, um bom momento musical e só. Daí o não se citar facilmente um nome ponta-grossense no seio das velhas gerações Paranaenses. De anos a esta parte começou uma reação. Alguns talentos se revelaram, algumas inteligência se mostraram, apaixonando-se, pela literatura, compreendo-a, assimilando e produzindo alguma coisa, modesta, simples, mas que é o produto de um esforço e de um trabalho (GOMES, 3 ago. 1912, p. 2).

Apesar de todo o cuidado dispensado por Gomes, o seu interlocutor parecia saber exatamente o que lhe foi perguntado, justificando a baixa projeção estadual dos ponta-grossenses na esfera intelectual. Ele prosseguiu falando sobre alguns trabalhos que apareciam em jornais por jovens ponta-grossenses. Assim, na sua visão, “iniciava-se o labor literário que ameniza a rudez da existência.” Para isso,

> A mocidade uniu-se, ao lado dela colocaram-se alguns velhos e todos entregaram-se ao trabalho, com vontade, numa ânsia de aprender, de produzir. E surgiram revistas, fizeram-se conferência, publicaram-se folhetos. Agora tudo isso constituiu um ‘meio’ (GOMES, 3 ago. 1912, p. 2).

O amigo prosseguiu dizendo que esse meio intelectual é modesto se comparado aos outros centros, mas que no futuro poderá alcançar grande reconhecimento no Estado. Para ele,

> A carência de literatos ponta-grossenses notada nos catálogos de nomes ilustres do Estado, em breve desaparecerá. Os claros reservados a Ponta Grossa serão preenchidos. Não por nomes de um valor extraordinário, capaz de sobrelevar ao dos demais municípios. Não! Mas quando o Paraná começou sua vida literária quem ele contava como poeta ilustre? Fernando Amaro. Este poeta, para o seu tempo e para as circunstâncias em que viveu merece distinção; em relação aos poetas coevos que viviam nos demais Estados ele desaparecia, como um fazedor vulgar de versos. Hoje, o Paraná orgulha-se do nobre vate paranaguense e com justo motivo. O mesmo sucede a Ponta grossa. Ali apareceram alguns talentos. Estão se formando. São os primeiros e o meio que eles constituíram não pode ser adiantado, mas existe, de fato e prometedor (GOMES, 3 ago. 1912, p. 2).

Curiosamente ele cita Fernando Amaro como referência, um poeta nascido em Paranaguá, justamente a cidade que estava na origem da disputa hegemônica abordada no primeiro capítulo.

Torna-se interessante notar o tom do discurso do entrevistado. É de uma natureza deveras humilde, mas com uma promessa de projeção para o futuro, sempre respeitando a inexperiência na produção literária. É o tom da relatividade e da complacência, e que esta última não ultrapasse o tal limite riscado pelo bom senso, como foi sentenciado pelo próprio entrevistador. Não seria de se admirar que os interlocutores fossem uma só pessoa, ou seja, o próprio Raul Gomes.

Na sequência de seus levantamentos, Raul fez uma exposição das publicações produzidas em Ponta Grossa. Existiam na cidade dois jornais:

O *Correio dos Campos*, de propriedade do Sr. Claudio Madureira e que tinha como redator o jornalista Hugo dos Reis. Classificado por ele como um semanário

independente e que lutava “desassombradamente pelos interesses populares”. Mantinha suas colunas abertas a quem desejasse participar de discussões. Possuía um grande corpo de colaboradores e correspondentes na capital e em outras cidades do Estado (GOMES, 6 ago. 1912, p. 1).

O mais antigo era *O Progresso*, de propriedade e direção do Sr. Elyseu de Campos Mello e que foi fundado em maio de 1907. Possuía formato grande e tinha circulação trissemanal. Dizia-se imparcial e dedicado aos interesses municipais. Contava com um distinto e numeroso corpo de trabalhadores, entre os quais se encontravam os nomes dos drs. Flaviano Silva, Octavio Toledo, Oliveira Ramos, Paula Braga, Jeronymo Cabral – “que o dirigiu por muito tempo, com brilho e superioridade”; Alcidio Ribeiro, Costa Faria, Cardoso de Menezes, José Pedro Trindade, Annibal Noronha, Modesto Bittencourt, Mario Xavier de Barros, Anísio Müller, Affonso Wanderley, Affonso Correia, Irineu Cunha e a senhorita Zaida Zardo, entre outros. Raul Gomes enalteceu que o jornal *O Progresso* “tem um passado de lutas e agitações. Sempre foi um franco atirador e um campeão independente.” Ele também citava que, por ter esse jornal uma vida mais longa, suas colunas sempre foram abertas para os jovens que ali “começaram a exercitar suas penas com produções literárias” (GOMES, 6 ago. 1912, p. 1).

Além dos periódicos citados, o jornalista escreveu que a cidade possuía uma revista que era essencialmente dedicada às letras: a Via-Lactea, sendo seus redatores os “inteligentes e esforçados moços” Craveiro de Sá, Wanderley Junior e Costa Faria. Raul ainda comentou que a revista era mantida “por um grupo entusiasta de moços e moças e nas suas páginas têm sido insertos bons trabalhos em prosa e verso, da lavra de jovens ponta-grossenses” (GOMES, 6 ago. 1912, p. 1).

Em sua redação, o cronista se esforçava em exaltar a lavra de jovens promissores como os expoentes da intelectualidade de Ponta Grossa, buscando enfatizar a pouca experiência da cidade neste campo. Dentre esses novatos, ele entrevistou Anita Philipovsky[7], uma jovem que já despontava como uma grande promessa nas artes literárias da época. Nas palavras de Raul, uma moça que, “vivendo num meio acanhado, mostra-se senhora, no entanto, de talento e clarividência.” (GOMES, 6 ago. 1912, p. 1).

[7] Para saber mais sobre Anita Philipovky ver SANTOS, L. C. dos. Anita Philipovky: a princesa dos campos. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2002.

A diferença da entrevista conduzida por Raul para com Anita em relação à realizada com o prefeito Vilella é desmedida. Com ela as perguntas ganharam um tom mais acadêmico, como se pode notar nessa sequência:

- Há em Ponta Grossa um meio literário?

- Existem como parte integrante elementos femininos?

- Esses elementos femininos são muitos?

- Podeis citar os nomes que vos ocorrem?

- Essas senhoritas estudam, leem, preocupam-se bastante com as letras?

- Achas que há entre elas talentos prometedores?

- Há tempos que escreveis?

- Possuis muitos trabalhos inéditos?

- Das vossas amigas que escrevem qual a que produz mais?

- Já se nota desenvolvido o gosto artístico no grosso da sociedade feminil ponta-grossense? (GOMES, 6 ago. 1912, p. 1-2).

Nota-se aqui a preocupação do entrevistador com o afloramento da intelectualidade no meio feminino. Para o ano de 1912, esta inserção nas atividades literárias era difícil para as mulheres. Esse tipo da segregação de uma participação mais ativa das mulheres era algo que incomodava Anita. Basta observar algumas falas dela em outra parte da entrevista:

> Nós moças de Ponta Grossa, que fontes tivemos e temos para saciar nossa sede de saber? Em uma escola de primeiras letras recebíamos o ensino das matérias elementares, e este mesmo frequentemente interrompido pelos impedimentos da professora, e nada mais. Para frequentar o curso secundário na capital poucos pais podem arcar com as despesas (GOMES, 8 ago. 1912, p. 1).

Para ela, a formação das moças, além de específica, era bem limitada: “A escola normal prepara as moças especialmente para professoras, porém poucas são as que têm vocação e a indispensável dedicação para esta carreira, e por este motivo vem a ser, quase todas, mestras bem medíocres.” (GOMES, 8 ago. 1912, p. 1).

Desta forma, ela lutava com veemência por uma melhor capacitação para as mulheres:

> Quando se abriu o instituto o instituto ‘Dr. João Candido’, em nossa cidade podia estabelecer-se também um curso secundário para meninas ensinando com especialidade geografia geral, eletricidade, escrituração mercantil, contabilidade, taquigrafia e uma das línguas mais geralmente faladas como a francesa, inglesa ou alemã. Ficariam, com o preparo nessas matérias, habilitadas para ocuparem cargos no correio, telégrafo, telefone, ou como guarda livros e correspondentes comerciais (GOMES, 8 ago. 1912, p. 1).

O que mais impressiona era o seu discurso feminista para a época. Anita cobrava uma posição de igualdade da mulher, posicionando-se contra a opressão e a favor da independência feminina:

> Ponta Grossa; porém, a segunda cidade em população e progresso comercial e industrial, já devia ter um estabelecimento de ensino secundário para meninas, que as preparasse para a luta, pela vida, porque aquela de entre nós que quiser, abandonando a rotina comum, sair desse circulozinho estreito e opressor, adquirir, os meios para se lançar numa esfera mais ampla, para levar uma vida menos dependente; enfim, ha de recuar vencida ante a impotência de ver realizada a sua elevada aspiração na falta de uma escola que lhe faculte para esse fim o saber necessário. (GOMES, 8 ago. 1912, p. 1).

Na posição de educador, Raul Gomes observou que dois são os fatores para a evolução rápida de um meio: a instrução pública e a existência de bibliotecas. Para ele o Instituto João Candido não bastava, fosse pelo seu programa, fosse pela sua organização.

Completando os comentários acerca da vida intelectual ponta-grossense, Raul ressaltou sobre a primeira livraria aberta na cidade, em 1904, na Rua Quinze de Novembro. Foi fruto da vontade de José Costa Faria, o popular Casusa. O estabelecimento se tornou pouco a pouco um ponto de encontro literário onde se promoviam conversas, discursões e troca de ideias, além da venda de livros, revistas e jornais.

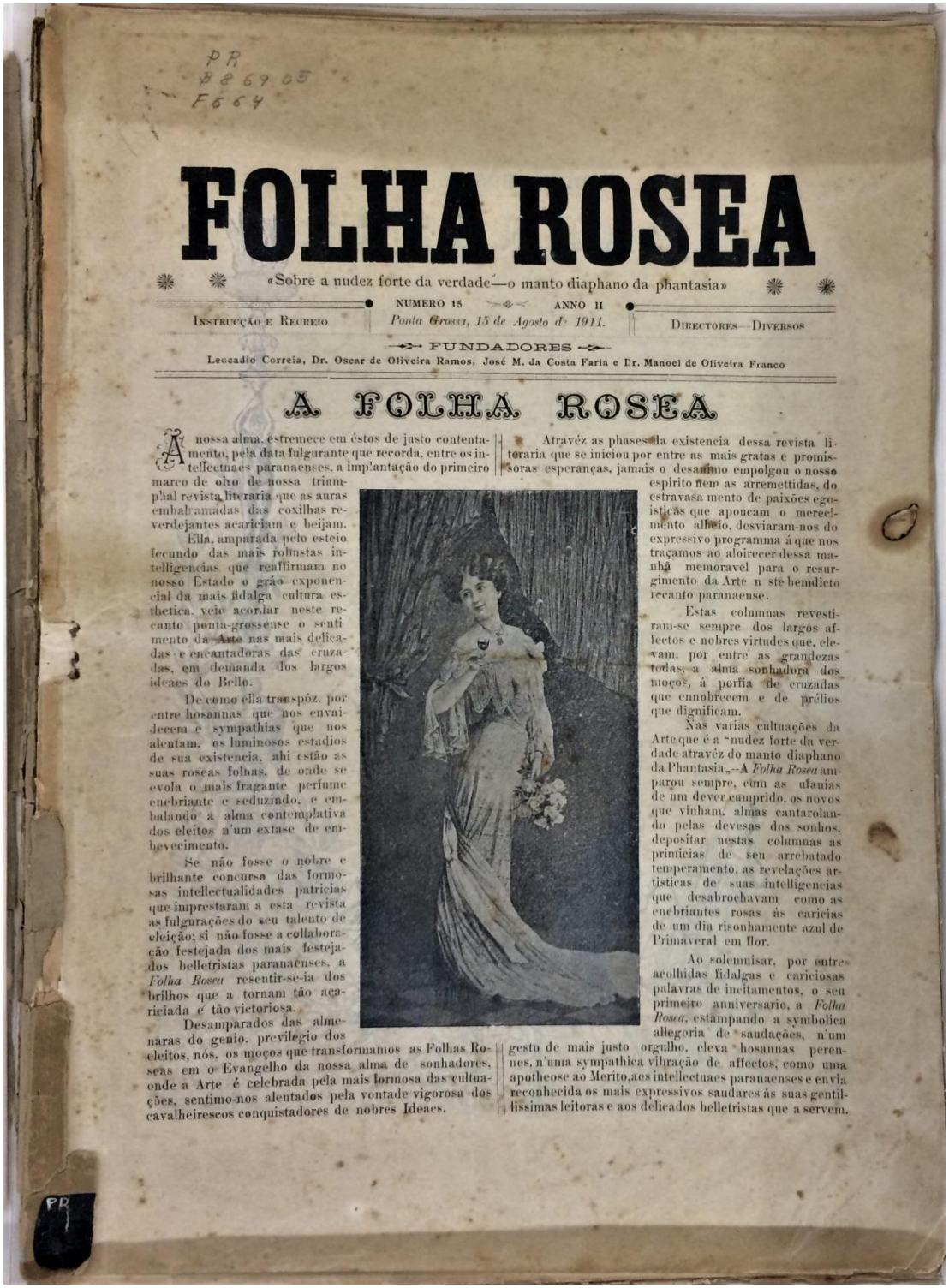
No ano de 1912 a livraria já era bem mais próspera, sendo que possuía escritório, mesas, estantes e sala de oficinas, além de contar com tipógrafos, guarda-livros, etc. Raul Gomes comparava que, na capital, somente um estabelecimento do gênero poderia se comparar a ela: a matriz da casa, a Livraria Econômica de propriedade do Sr. Leopoldino Rocha.

Na livraria do Casusa nasceu outra renomada revista da cidade: a *Folha Rosea*. Segundo Valfrido Pilotto, em seu artigo *Ideais de ontem, da* c*idade sempre jovem*, o periódico foi fundado por Leocádio Cysneiros Correia, Oscar de Oliveira Ramos, José Costa Faria (Casusa) e Manoel de Oliveira Franco. Sua primeira

edição foi publicada em 15 de agosto de 1910, em pequeno formato, contendo seis páginas impressas em papel de linho. Apresentava conteúdo literário e contava com a participação de diversos colaboradores. Leocádio Correia se mudou para Curitiba em 1912 e para lá a revista foi transferida. Na capital, ela ainda teve alguns números editados, porém, a sua publicação se encerrou no mesmo ano (PILOTTO, 1973, p. 4).

A revista tinha distribuição gratuita e, na comemoração do seu primeiro aniversário, foi realizada uma grande festa nas dependências do Clube Literário, com direito a danças e champanhe. Para a ocasião, o maestro Jorge Holzmann, da banda Lira dos Campos, compôs uma valsa intitulada “Folha Rosea” (PILOTTO, 1973, p. 4).

FIGURA 14 – Revista Folha Rosea.



PR
B869.05
F664

FOLHA ROSEA

«Sobre a nudez forte da verdade—o manto diaphano da phantasia»

INSTRUCÇÃO E RECREIO | NUMERO 15 — ANNO II — *Ponta Grossa, 15 de Agosto de 1911.* | DIRECTORES—DIVERSOS

FUNDADORES

Leocadio Correia, Dr. Oscar de Oliveira Ramos, José M. da Costa Faria e Dr. Manoel de Oliveira Franco

A FOLHA ROSEA

A nossa alma, estremece em éstos de justo contentamento, pela data fulgurante que recorda, entre os intellectuaes paranaenses, a implantação do primeiro marco de oiro de nossa triumphal revista litteraria que as auras embalsamadas das coxilhas reverdejantes acariciam e beijam.

Ella, amparada pelo esteio fecundo das mais robustas intelligencias que reaffirmam no nosso Estado o grão exponencial da mais fidalga cultura esthetica, veio acordar neste recanto ponta-grossense o sentimento da Arte nas mais delicadas e encantadoras das cruzadas, em demanda dos largos ideaes do Bello.

De como ella transpóz, por entre hosannas que nos envaidecem e sympathias que nos alentam, os luminosos estadios de sua existencia, ahi estão as suas roseas folhas, de onde se evola o mais fragante perfume enebriante e seduzindo, e embalando a alma contemplativa dos eleitos n'um extase de embevecimento.

Se não fosse o nobre e brilhante concurso das formosas intellectualidades patricias que imprestaram a esta revista as fulgurações do seu talento de eleição; si não fosse a collaboração festejada dos mais festejados belletristas paranaenses, a *Folha Rosea* resentir-se-ia dos brilhos que a tornam tão acariciada e tão victoriosa.

Desamparados das almenaras do genio, previlegio dos eleitos, nós, os moços que transformamos as Folhas Roseas em o Evangelho da nossa alma de sonhadores, onde a Arte é celebrada pela mais formosa das cultuações, sentimo-nos alentados pela vontade vigorosa dos cavalheirescos conquistadores de nobres Ideaes.

Atravéz as phases da existencia dessa revista litteraria que se iniciou por entre as mais gratas e promissoras esperanças, jamais o desanimo empolgou o nosso espirito fiem as arremettidas, do estravasamento de paixões egoisticas que apoucam o merecimento alheio, desviaram-nos do expressivo programma á que nos traçamos ao aloirecer dessa manhã memoravel para o resurgimento da Arte n'ste bemdicto recanto paranaense.

Estas columnas revestiram-se sempre dos largos affectos e nobres virtudes que, elevam, por entre as grandezas todas, a alma sonhadora dos moços, á porfia de cruzadas que ennobrecem e de prélios que dignificam.

Nas varias cultuações da Arte que é a "nudez forte da verdade atravéz do manto diaphano da Phantasia„—A *Folha Rosea* amparou sempre, com as ufanias de um dever cumprido, os novos que vinham, almas cantarolando pelas devesas dos sonhos, depositar nestas columnas as primicias de seu arrebatado temperamento, as revelações artisticas de suas intelligencias que desabrochavam como as enebriantes rosas ás caricias de um dia risonhamente azul de Primaveral em flor.

Ao solemnisar, por entre acolhidas fidalgas e cariciosas palavras de incitamentos, o seu primeiro anniversario, a *Folha Rosea*, estampando a symbolica allegoria de saudações, n'um gesto de mais justo orgulho, eleva hosannas perennes, n'uma sympathica vibração de affectos, como uma apotheose ao Merito, aos intellectuaes paranaenses e envia reconhecida os mais expressivos saudares ás suas gentilissimas leitoras e aos delicados belletristas que a servem.

PR

FONTE: Biblioteca Pública do Paraná.

A figura 14 mostra a primeira página da revista *Folha Rósea* de sua edição número 15, de 15 de agosto de 1911. A revista literária trazia, logo abaixo do seu

título, o anúncio “Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia.”[8] Além disso, enfatizava os seus fundadores Leocádio Correia, Dr. Oscar de Oliveira Ramos, José M. da Costa Faria e Dr. Manoel de Oliveira Franco. Essa edição era comemorativa ao seu primeiro ano de circulação.

FIGURA 15 – Revista Folha Rosea.

PARANA'
BRAZIL
FUNDADA EM 15-8-1910

Folha Rosea

REDACTORES — DIVERSOS
Instrucção e Recreio
«SOBRE A NUDEZ FORTE DA VERDADE — O MANTO DIAPHANO DA PHANTASIA»
Anno III ✠ CORITIBA, Junho 1912 ✠ Numero XXVII

Nova Cruzada

Uma noite, á meza de um café, reuniram-se quatro moços sonhadores, cheios de fé na Arte, transbordantes de uma alegria ruidosa em que a mocidade explodia galharda e franca. A palestra era viva e desordenada porque todos falavam ao mesmo tempo, e a ironia, o paradoxo e a anedocta floresciam ali a todo instante.

Quando mais animado chegava ao seu auge o enthusiasmo dos *causeurs* alguem expoz a ideia de se publicar uma revista literaria que fosse orgam do grupo e desenvolvesse em Ponta-Grossa o gosto pelas letras. Era uma distracção e era tambem um passo dado em prol do progresso local. A ideia foi immediatamente acceita. Assim surgio a «Folha Rosea». De victoria em victoria, não é jactancia dizel-o, a revista impôz-se com um brilhante corpo de collaboradores, foi querida de todos os que amam a literatura, e progredindo sempre não deixou de sair uma só vez, attestando os esforços e a vontade teináz de todos os que nella labutam.

Hoje a «Folha Rosea», que veio a lume no meio ainda rudimentar de pequena cidade provinciana, em que tão difficil é a manutenção de uma revista do seu genero, passa a ser orgam da imprensa da capital. Haverá adquirido novos elementos e dando assim mais um gigantesco passo no curso da sua evolução. — As pennas mais dextras e consagradas, assim como outras ainda hesitantes, do nosso mundo literario abrilhantarão as suas columnas em que, nunca fugindo ao seu lemma, ver-se-á sempre estendido «sobre a nudez forte da verdade — o manto diaphano da phantasia».

Grupo de litteratos paranaenses

FONTE: Biblioteca Pública do Paraná.

[8] Subtítulo do romance A Relíquia, de Eça de Queirós.

A figura 15 é um exemplo da edição de número 27, de junho de 1912, que marca a sua primeira publicação na cidade de Curitiba, para onde foi transferida no mesmo ano. Com o título de “Nova Cruzada”, o artigo comentava sobre a fundação da revista que se deu em uma noite, em uma mesa de café, por “quatro jovens sonhadores.” Anunciava, também, a transferência da revista de uma “pequena cidade provinciana” para a capital. Trazia na primeira página, como uma espécie de homenagem, uma fotografia de um grupo de literatos paranaenses.

3.7 A ECONOMIA DA PONTA-GROSSENSE

Raul Gomes via Ponta Grossa como um centro eminentemente industrial. Ele não enxergava elementos que demonstrassem uma avançada produção agrícola. Destacava ainda que a cidade não possuía campos grandes o suficiente para a criação de gado em larga escala. Essa observação do cronista permite a constatação de uma mudança na atividade pecuária da cidade, que foi predominante no século XIX, como apontam os relatos de alguns viajantes.

Em sua passagem pela região no ano de 1845, Salvador Coelho observou que a maioria dos habitantes vivia da “cria de suas estâncias”, além de serem “muito dados aos jogos de cartas e às corridas de cavalos.” (COELHO, 1995, p. 93). Essa mesma apreciação foi feita por Auguste de Saint-Hilaire, em sua estada nos Campos Gerais, mais precisamente na cidade de Castro, onde verificou que uma das profissões mais exercidas era a dos seleiros, justificando assim: “o que não é de se admirar numa região onde os homens passam a maior parte do tempo em cima de um cavalo” (HILAIRE, 1995, p. 76). Sobre as atividades comerciais, o escritor complementa:

> Os arredores da cidade de Castro produzem milho, feijão, arroz e trigo, com o qual se faz um pão branco e muito saboroso; mas os habitantes das terras vizinhas se dedicam menos à agricultura do que à criação de bois e cavalos, e nos cuidados pouco variados que exigem esses animais se concentram todos os pensamentos dos camponeses (HILAIRE, 1995, p. 76-77).

Raul Gomes avaliou que a posição geográfica de Ponta Grossa permitia um ponto de destaque nas atividades industrial e comercial. Porém, o município sofria competição por todos os lados. Ao norte estava São Paulo, que derramava no Sul

sua produção industrial e sua importação de produtos. Ao sul se deparava com o Rio Grande que disputava em todas as áreas. E, no próprio Estado, enfrentava Curitiba, que como capital procurava elevar-se frente ao interior. Em sua opinião, a cidade princesina buscava ser competitiva e desta forma o fazia através do “espírito inteligente do seu valente povo” (GOMES, 13 ago. 1912, p. 1). Sobre o tema, Raul transcreveu uma entrevista com um moço, o qual ele não revela o nome, em que este comentou sobre a vocação fabril do município:

> A cidade já é mais ou menos industrial. Será o 2° centro industrial do Estado porque esse título e essa designação caberão a Guayra. Um dos fatores do rápido desenvolvimento das indústrias, aqui é a força elétrica, gerada nas importantes usinas do rio Pitanguy. Dentre em breve a cidade procurará chamar a si o fornecimento de todos os mercados do interior. Há de se fabricar aqui o que importamos de S. Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul (GOMES, 13 ago. 1912, p. 1).

Para o entrevistado, a indústria ali somente não se desenvolvia plenamente devido ao alto custo com a carga tributária, que atingia não somente a matéria prima, como também incidia sobre a exportação, dificultando o comércio dos produtos nos mercados. Ele alertava que esse problema afligia toda a indústria paranaense, devido à diferença de legislação entre os estados. Assim, se fossem estabelecidas igualdade de condições, o Paraná poderia até sobrepujar os seus coirmãos (GOMES, 13 ago. 1912, p. 1).

Efetivamente a tributação castigava a cidade na época. Em uma matéria intitulada “Impostos Exorbitantes”, publicada em junho de 1914 no jornal curitibano *Diário da Tarde*, trazia-se a informação de que os comerciantes de Ponta Grossa agitavam-se contra os altos impostos que lhe eram cobrados; sugeriam ao então governador Carlos Cavalcanti que contornasse a crise do estado não pelo aumento tributário, mas pelo corte em despesas nas repartições e nas obras adiáveis (DIÁRIO DA TARDE, 12 jun. 1914, p. 1). Mesmo assim, o moço seguiu esperançoso na entrevista sobre o futuro da manufatura da região:

> Por aí vão surgindo fábricas. Estão em formação grandes sociedades para fundação de estabelecimentos manufatureiros. Breve aí virá uma fundição importante. Não demorará a aparecer uma moderna fabrica de papel, aproveitando como matéria prima a celulose. Cogitam da instalação de lacticínios. Tudo isso a eclosão de forças latentes duma cidade cuja sensacional guerra em prol de sua grandeza se travará no terreno industrial (GOMES, 13 ago. 1912, p. 1).

Faz-se interessante observar o vaticínio do rapaz. Ponta Grosa e a região dos Campos Gerais conta, atualmente, com importantes metalúrgicas e indústrias de laticínios. Dispõe também de duas grandes fábricas de papel instaladas nas cidades de Telêmaco Borba e Jaguariaíva.

Continuando com a exposição sobre a indústria ponta-grossense em suas crônicas, Raul Gomes apresentou um enfoque sobre a empresa de eletricidade, a Martins & Carvalho, sendo gerente desta o engenheiro brasileiro Dr. Alvaro Martins. Raul descreveu a biografia do Sr. Alvaro detalhadamente, do seu nascimento à sua formação. Em entrevista para o jornalista, o engenheiro detalhou minuciosamente as condições de contrato com o município, firmado em março de 1909, bem como os equipamentos disponíveis na empresa. Seguindo o padrão elogioso que Raul utiliza nos seus textos, ele enaltece prontamente a empresa: “Trata-se de uma empresa modelo. A rede é soberba, a fonte de produção poderosa, as instalações são magníficas e a luz ótima.” (GOMES, 17 ago. 1912, p. 1). De fato as expectativas sobre a companhia eram boas, uma vez que a sua antecessora foi alvo de inúmeras críticas pelos usuários. O historiador Edson Armando Silva, em um artigo sobre a energia elétrica em Ponta Grossa, assinala que a transferência da empresa foi bem recebida pela sociedade, já que o sistema antigo era ineficiente e obsoleto, o que exigiu uma completa remodelação:

> Logo ao assumir a responsabilidade pela distribuição da energia elétrica, a Empresa Martins & Carvalho passa a investir na remodelação do sistema. O primeiro passo foi a aquisição do material necessário à reforma das instalações existentes que se encontravam em situação precária. Depois, estabeleceu-se um plano de maior alcance que envolvia a remodelação de todo o sistema, visando a substituição da força a vapor pela força hidráulica em quantidade suficiente para possibilitar a utilização da energia elétrica como força motriz (SILVA, 2001, p. 97).

Deste modo, a instalação da usina hidrelétrica foi considerada uma grande obra de engenharia. Silva revela que o período de existência da companhia, entre 1907 e 1923, foi de relativa tranquilidade no setor, sendo que foram registrados apenas dois casos de interrupção de energia (SILVA, 2001, p. 99).

Raul Gomes utilizou duas crônicas para uma descrição minuciosa da usina do rio Pitangui. A primeira trazia uma riqueza de detalhes sobre a sua construção. Destacam-se aqui alguns pontos. O rio Pitangui nasce na região do Tronco, no município de Castro, distante 40 km de Ponta Grossa. Em um trecho de mil metros,

onde o fluxo do rio atinge a vazão de 5200 litros por segundo, instalaram-se todas as obras para o seu aproveitamento. Em um lugar pitoresco foi construída a represa, sendo para isso gastos 2100 m^3 em argamassa de cimento e alvenaria de pedra, sobre um bloco de rocha compacta. A usina tem três divisões internas: a primeira o comprimento de entrada; o segundo compreende a sala das máquinas; o terceiro a sala de alta tensão. Há ainda a descrição das tubulações, alicerces, canal de fuga, etc.

A segunda crônica especificava os segmentos mais técnicos da usina, como as partes mecânicas e elétricas, quadro de distribuição, quarto de alta tensão, linha de transmissão, linha telefônica e subestação. Ela apontou até o comprimento da linha de transmissão como sendo de 8300 metros, constituída de três cabos rígidos de cobre nu (GOMES, 27 ago. 1912, p. 1). Ele enumerou ainda alguns equipamentos como servomotores, turbinas, protetores, etc. A riqueza de detalhes como as descritas nessas duas crônicas demonstra que Raul Gomes teve acesso aos documentos e plantas diretamente na empresa Martins & Carvalho.

O fornecimento de uma boa energia elétrica e em quantidade suficiente para suprir as demandas dos usuários propiciou o crescimento da indústria na cidade. A modernização industrial era então medida através da quantidade de motores elétricos que eram instalados em diversas fábricas nos mais variados seguimentos. O primeiro motor elétrico instalado em Ponta Grossa foi na Cervejaria Adriática, no dia 23 de setembro de 1911. O jornal *O Progresso* noticiou o evento em um artigo na primeira página, intitulado “Motores electricos e Industriaes”. O texto fala que o motor estaria funcionando em modo experimental, após a ligação da “corrente” com a Usina Pitanguy. “O seu funcionamento foi silencioso, sereno e preciso como o de todas as máquinas e aparelhos desta importante empresa, hoje considerada a primeira potência industrial de Ponta Grossa.” (O PROGRESSO, 26 set. 1911, p. 1).

Raul Gomes, através de seu levantamento de dados, buscou enfatizar esses números em forma de tabela. Ele apresentou no jornal um quadro com a quantidade de motores elétricos instalados, em quais estabelecimentos e qual a aplicação.

FIGURA 16 – Quadro de motores elétricos instalados

Demonstração da applicação de Motores electricos ás industrias em Ponta Grossa:

Motores installados e funccionando nos estabelecimentos seguintes:	Energia dos motores em H. P.	Applicação ás industrias	EM 29 DE JUNHO DE 1912 — Epocha da installação	OBSERVAÇÕES
Henrique Thielen	10—	Cervejaria	Setº. de 1911	—
» »	0,68	Elevação d'agua	»	Acciona 1 Bomba p. elv. dagua
J. Cardozo de Oliveira	1,50	Torrefação	Outº. de »	—
Holzmann & Comp.	5—	Cinematographo	» »	—
Hospital da S. Paulo-Rio Grande	1,50	Elevação d'agua	Novº. de »	Acciona 1 Bomba p. elv. dagua
Madureira Branco & C.	3—	Fabrica de palhões	»	—
G. Marques & Comp.	16—	Fabrica de pregos	Dezº. » »	—
Vicente Motti	5—	Fabrica de massas	Fevº. de 1912.	Tem tambem estufas para seccar as massas
Eduardo Richter	3—	Fabrica de salsich.	»	—
Manente & Celli	10—	Carpintaria	Março » »	—
Peixoto & Silva	1,50	Torrefação	»	—
João Krygerowsky	1,50	»	»	—
H. Madureira	20—	Fabrica de meias	»	Tem ferros de engommar
Lysandro Antunes & C.	10—	Serraria	Abril » »	—
G. Hagemeier	1,50	Fabrica de salsich.	»	—
Quartel do 5.º Regim.	0,68	Elevação d'agua	»	Acciona 1 Bomba p. elv. da agua
TOTAL em HP, dos Motores installados:	90.86	—	—	Os Motores trabalham em geral 10 horas diarias.

Motores já contractados e por installar-se nos estabelecimentos abaixo:

H. Thielen	25	Fabrica de gelo	Julho de 1912	
J. Jacob Bührer	3	Offic. Mechanica	» » »	
Roberto Lobo	5	Fabr. de Cigarros	Agosto » »	
Eugenio Gambassi	5	Idem Caramellos	» » »	
Germano Schuleter	3	» de moveis	» » »	
José Krocawskay	1.6	Torrefação	» » »	
A. Sant'Anna	10	Moinho de Centeio	Setembro »	
Th. Klüppel & Filho	20	Serraria	Ontubro »	
TOTAL em HP, dos Motores por installar:	72.50	—	—	

FONTE: Jornal O Progresso - Casa da Memória Paraná.

Raul aproveitou a crônica para traçar um panorama industrial da cidade. Para isso, ele elaborou uma lista com as suas principais fábricas. Essa enumeração é importante para definir em que patamar de modernização se encontrava a urbe. A relação não segue ordem alguma:

- sabão e vellas de Eugênio Bóchi & Cia;
- sabão, vellas, verniz, tintas, etc., de Hoffmann & Dõtzel;
- pregos de G. Marques & C.;
- macarrão de Vicente Motti;

- macarrão de Dante Mansani;
- caramellos e bombons de Alcebiades Guimarães;
- caramellos e bombons de Eugênio Gambassi;
- palhões de Madureira & Faria;
- cerveja de Henrique Thielen;
- cerveja de Guilherme Metzentin;
- cerveja de João Baptista & Comp;
- cerveja de Mathias Kurcheidt;
- cerveja de Baer &' Filhos;
- cerveja de Frederico Lampe;
- gazoza de Paulo Canto;
- gazoza de Francisco Teinel;
- moveis de Frederico & Cª;
- bebidas: capilé,groselha etc.de João Brandalisi;
- tecidos de Guimarães, Villela & Almeida;
- meias e tecidos de malha, de Heitor Madureira.

Nota-se que na época havia um grande número de fábricas de bebidas, principalmente de cervejas. A única cervejaria que prosperou foi a Adriática, de propriedade de Henrique Thielen. Atualmente ela faz parte da Cervejaria Ambev e possui uma fábrica próxima ao rio Tibagi.

Segundo a pesquisa do jornalista, existiam ainda oito olarias, cinco fábricas de cal localizadas no distrito de Itaiacoca, nove de farinha de mandioca, oito de vinho, além de outras que produziam salsicha, banha e presunto (GOMES, 22 ago. 1912, p. 1).

Outro fator importante foi o advento da instalação da telefonia em Ponta Grossa. O jornal *O Progresso* anunciava que os primeiros postes com linhas telefônicas, que deveriam estabelecer a comunicação da cidade com a capital Curitiba, já estavam sendo instalados em setembro de 1911, durante a gestão de José Vilella. O jornal cita também que a comunicação telefônica já estava estabelecida com as localidades de Ipiranga, Castro, Conchas, Santa Rita e Entre Rios (O PROGRESSO, 5 set. 1911, p. 1).

FIGURA 17 – Empresa Telefônica de Ponta Grossa (sem data).

FONTE: Fotografia Luiz Bianchi. Fundo Foto Bianchi – Casa da Memória Paraná.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi elaborada a partir da pesquisa sobre quinze crônicas escritas pelo jornalista Raul Gomes sobre a cidade de Ponta Grossa no ano de 1912. Essas crônicas tiveram início em uma intriga criada entre os colunistas de dois jornais: *O Progresso*, de Ponta Grossa e o *Correio do Sul*, de Curitiba. A briga, apelidada de "contenda estulta" por um jornal de Paranaguá, envolvia uma discussão de qual seria a segunda maior cidade em importância no estado do Paraná depois da capital Curitiba: se Ponta Grossa ou Paranaguá. Depois de muita repercussão até em outros órgãos de imprensa, Raul se propôs a visitar as duas cidades e fazer um apanhado sobre a evolução de cada uma, que seria traduzido em forma de crônicas. Como proposta da pesquisa de dissertação, foram analisados apenas os textos referentes à Ponta Grossa.

Para uma melhor compreensão da pesquisa, foi necessário um levantamento biográfico de Raul Gomes, para que se pudesse determinar que fatores pudessem tê-lo levado a tal empreitada. Contatou-se que o escritor, que tinha como primeira formação a profissão de professor, sempre foi obstinado por melhoramentos na área de educação. Desta maneira, quando passou a exercer também o jornalismo, buscou registrar na imprensa a sua obsessão pelo tema. Juntamente a isso, percebeu-se na pesquisa que o seu desejo se estendia também pelo progresso do Estado. Mais do que isso, ele tinha a necessidade de fomentar e divulgar este progresso.

Raul foi discípulo do jornalista Euclides Bandeira, por quem nutria uma grande admiração. Alardeava sobre a sua conduta correta frente à imprensa e, acima de tudo, o seu engajamento para com o desenvolvimento do Paraná. Usando o pseudônimo "Glaucio", também utilizado por Bandeira, Raul se posicionou contra aquela contenda entre os periódicos. Isto leva a crer que o jornalista pode ter instigado a intriga para depois se oferecer como mediador. O intuito seria fazer reportagem para promover a divulgação das melhorias que por ventura estivessem sendo conquistadas em algumas regiões do Estado.

A proposta do jornalista era de viajar para as cidades envolvidas e fazer um levantamento sobre o processo de modernização destas, colhendo suas impressões para que fossem transcritas em alguns jornais. As crônicas sobre a cidade de Paranaguá não foram encontradas durante as pesquisas, mesmo com intensas

buscas em bibliotecas e outros acervos. Em visita ao município litorâneo, o único jornal preservado da época, o *Diario do Commercio*, não trazia nenhum texto referente a esse empreendimento do cronista com relação à cidade.

Assim este trabalho de dissertação buscou conferir, através das crônicas de Raul Gomes, se existia de fato um fator de modernização na cidade de Ponta Grossa. Para isso, foram analisadas as quinze crônicas transcritas no jornal *O Progresso*, que foram publicadas entre julho e setembro de 1912.

As representações detectadas através dos textos deixam claro que o autor se esmerou em elogiar a infraestrutura da cidade, embora ele mesmo tenha constatado que ainda havia muito por fazer para atender as necessidades básicas de urbanização. Além do ufanismo em dados momentos, com enaltecimentos até mesmo ao vento que “beija” os Campos Gerais e purifica a terra, o cronista utilizou de uma “linguagem poética” em grande parte dos textos.

Dessa forma ele procurou arrefecer as mazelas e enaltecer as virtudes do município. Assim, é possível constatar que o intuito maior era de fazer propaganda e disseminar alguma euforia e orgulho aos cidadãos pela tal modernização, não somente de Ponta Grossa, como também de todo o estado do Paraná.

Percebeu-se isso na entrevista com o prefeito José Bonifácio Vilela, a que Raul não poupou encômios. As perguntas foram nitidamente conduzidas para que o mandatário fizesse publicidade do seu governo. Apesar disso, as respostas foram bem condizentes para se constatar que de fato a cidade progredia. O progresso era medido por unidades de motores elétricos instalados e a quantidade de pontos de luz espalhados pela cidade, entre outras benfeitorias. A maior agrura do município era de não ter ainda um sistema de saneamento básico. Porém, apesar da gravidade que isso representa nos tempos atuais, para a época era apenas um detalhe que, se estivesse pelo menos sendo estudado a sua implementação, já se configurava como um processo de modernização.

Os levantamentos feitos e publicados pelo jornalista já apontavam Ponta Grossa como uma cidade bem avançada. Conforme demonstram as suas anotações, a cidade se encontrava no meio de um entroncamento ferroviário em que, por uma linha, ligava a cidade até o litoral, passando pela capital Curitiba; por outra linha, posicionava-se como passagem entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Havia também o projeto para a construção de mais dois ramais. O mais avançado ligaria Ponta Grossa à Guarapuava.

O grande fluxo de pessoas vindas de muitos lugares fazia o comércio aumentar. Para Raul, o fato de as pessoas flanarem pelas ruas, em um entra e sai de lojas, simbolizava uma evolução para o “pequeno burgo” que ele conhecera dez anos antes. Levando-se em consideração a quantidade de cinemas, teatros e clubes por ele citados em seus levantamentos, pode-se considerar a cidade como moderna para o começo do século XX.

Contudo, para Raul algo era ainda mais caro em termos de modernização: a intelectualidade. Aliás, este foi um dos fatores principais que provocou a contenda entre os jornais. Os colunistas consideravam que o número de poetas, escritores, intelectuais e publicações eram pontos importantes para se determinar o grau de evolução de uma cidade. O articulista fez questão de elencar em suas crônicas toda a vida intelectual da Princesa dos Campos. Além dos jornais existentes, ele fez reverência às revistas *Via Láctea* e *Folha Rosea*, ambas conhecidas até na capital. Citou a primeira livraria da cidade elogiando o seu proprietário, O Sr. José Costa Faria, o popular Casusa. Entrevistou a jovem Anita Philipovsky, que mais tarde se tornaria uma importante poetiza da cidade. Embora o jornalista tenha achado meio acanhado este meio literário na época, ele comentou que, num futuro próximo, a cidade não deveria nada a nenhuma outra nesse campo.

O levantamento efetuado por Raul sobre as diversas indústrias de Ponta Grossa, bem como do crescimento da construção civil e a expansão da cidade para as áreas periféricas, por vezes por ele comparadas à Curitiba, não deixavam dúvidas sobre a modernização da cidade interiorana.

Alguns aspectos foram omitidos ou suavizados pelo cronista. Dessa forma, essa pesquisa procurou mostrar também alguns contrapontos dos dados levantados pelo jornalista. Para isso, foram utilizadas publicações do próprio jornal *O Progresso* como referência. Situações como a sugestão de tranquilidade no meio da comunidade são desmentidas através de inúmeras notícias sobre roubos, por exemplo. Pobreza e vandalismo também são relatados pelo próprio autor em suas observações. De toda forma, isto também configura as adversidades de uma cidade que estava crescendo.

A descrição minuciosa da construção e do funcionamento da usina hidrelétrica do rio Pitangui, a Martins & Carvalho, corrobora o avanço tecnológico pelo qual passava a cidade de Ponta Grossa. Isso possibilitou a instalação de motores elétricos em indústrias de vários seguimentos, que também foram

minuciosamente citadas pelo cronista. Tal modernização contribuiu de forma preponderante para o progresso da cidade, cujo comércio de produtos era facilitado pela ferrovia.

Situada em uma posição estratégica na região dos Campos Gerais, com a indústria e o comércio em pleno crescimento, conforme atestado pelas crônicas de Raul Gomes e de publicações em vários veículos da imprensa paranaense, pode-se afirmar que Ponta Grossa já despontava como a segunda cidade em importância no Paraná.

FONTES

A MORTE de um grande paranaense: Raul Rodrigues Gomes. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano 2, n. 24, p. 1, dez. 1975. In: Biblioteca Pública do Paraná [pasta]. RAUL Rodrigues Gomes, 1889-1975. Divisão de Documentação Paranaense

ALENCAR, P. de. Pingos nos ii. **O Progresso**, Ponta Grossa, 8 jun. 1912. p.1.

ANÚNCIOS. O Progresso, Ponta Grossa, p. 4, 4 jul. 1912.

BANDEIRA, Euclides. Pseudonymos. Revista Fanal: Orgam do Novo Cenaculo, Curitiba, ed. 15-17, p. 229-327, abr./mai./jun. 1913. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766003&pasta=ano%20191&pesq=. Acesso em : 25 mar. 2019.

BARK, A. O adeus ao mestre. Rumo Paranaense, Curitiba, ano 2, n. 24, p. 1, dez. 1975. In: Biblioteca Pública do Paraná [pasta]. RAUL Rodrigues Gomes, 1889-1975. Divisão de Documentação Paranaense.

CASTRO, J. A. História do rádio no Brasil. Disponível em: https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

DADOS Biográficos de Raul Rodrigues Gomes. Acervo Biblioteca Pública do Paraná. – Seção Paranaense.

Diario do Commercio. Paranaguá, p.1, 23 jun.1912.

FRADIQUE MENDES. Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$fradique-mendes. Acesso em 28 ago. 2019.

FUNDO FOTO BIANCHI. Caderno de clientes e serviços Foto Bianchi. Ponta Grossa: Acervo da Casa da Memória Paraná, 1912.

GLAUCIO . A's Pressas. **O Progresso**, Ponta Grossa, p.1, 30 mai. 1912.

GOMES, R. R. Agora é a vez dos jornalistas. **Diário do Paraná**, Curitiba, p. 2, 15 out. 1970.

GOMES, R. R. Assumptos pedagógicos. **A Escola**: Revista do Gremio dos Professores Publicos. Curitiba, ed.1, tomo IV, p. 23-34, abr./mai.1909.

GOMES, R. R. Notas do dia: a guerra. **Diário da Tarde**, p. 1, Curitiba, 30 set. 1911.

GOMES, R. R. Notas do dia: o jogo. **Diário da Tarde**, p. 1, Curitiba, 30 set. 1911.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 16 de jul. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 18 de jul. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 20 de jul. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 23 de jul. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 25 de jul. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 27 de jul. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1-2, 3 de ago. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 6 de ago. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 8 de ago. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 13 de ago. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 17 de ago. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 22 de ago. de 1912.

GOMES, R. R. Ponta Grossa de hoje. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 1, 27 de ago. de 1912.

IMPOSTOS exorbitantes. **Diário da Tarde**, Curitiba, p. 1, 12 jun. 1914. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pasta=ano%20191&pesq=impostos%20exorbitantes. Acesso em: 11 mar. 2019.

INTERESSANTE enquete: impressões de um jornalista. O que ele vai fazer. A sua obra. Os capitulos. Os titulos dos assumptos. O Progresso, Ponta Grossa, 29 jun. 1912. p.1.

JUNTA Commercial - contactos. **A República**, Curitiba, p. 1, 3 set. 1909. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=215554&pesq=possidonio%20da%20cunha&pasta=ano%20190. Acessado em: 23/08/2019.

MOTORES electricos e Industriaes. O Progresso, p. 1, 26 set. 1911.

NOTAS. Diario do Commercio. Paranaguá, p.2, 23 jun. 1912.

O IMPARCIAL - Diário Ilustrado do Rio de Janeiro. 27 abr. 1913, p. 10. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>, Acesso em: 23 abr. 2019.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 1, 09 jun. 1909.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 1, 5 set. 1911.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 2, 16 mar. 1912.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 2, 28 mar. 1912.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 2, 9 abr. 1912.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 2, 8 jun. 1912.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 2, 4 jul. 1912.

O Progresso. Ponta Grossa, p. 2, 16 jul. 1912.

OFFICINAS. **O Progresso**, Ponta Grossa, p. 2, 1 fev. 1912.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Trabalho livre e ordem burguesa: Rio Grande do Sul - 1870-1900. Revista de História, São Paulo. n. 120, p. 135-151, jan/jul. 1989. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i120p135-151.

PILOTO, V. Raul Rodrigues Gomes e seu legado Humanístico. Separata do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, vol. 32, 1977.

PONTA GROSSA. Prefeitura Municipal. Fundação Municipal de Turismo. **Casa do Divino**. Disponível em: http://www.pontagrossa.pr.gov.br/casa-do-divino. Acessado em: 15/07/2019.

PONTA GROSSA de hoje: apreciação de nossa urbs. O Progresso, Ponta Grossa, p. 1, 16 jul. 1912.

GOMES, Raul Rodrigues, 1889-1975 [pasta]. Biblioteca Pública do Paraná – Divisão de Documentação Paranaense.

ROCHA, A. R. O povo flana nas ruas: tensões discursivas na busca por uma identidade (Ponta grossa / Paranaguá 1910-1920). Revista ateliê de história – UEPG. Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 143-149, 2018. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/9786/209209211266. Acesso em: 28 ago. 2019.

ROCHA, A. V. O negativo como objeto de investigação: o retrato do agenciamento e da circulação de jornais e revistas em Ponta Grossa (1912). **Anais do VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem [e do] IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem**. Londrina, v. 12, p. 54-62, 2019. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2019/index.php/anais/. Acesso em: 24 ago. 2019.

SOBRINHO, E. O Mercado. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 1, 28 ago. 1914.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Org. Jerôme D.; Tomaz T. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BENJAMIN, W. Paris do Segundo Império. In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. **Obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 2000.BERBERI, E. **Impressões:** a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba, 1996. 193 f. Dissertação (Mestrado em História) — Setor de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-192.

BRANDALISE, A. C. **O intelectual Raul Gomes e suas práticas discursivas na imprensa**: narrativas sobre educação, arte e cultura no Paraná (1907-1950). Curitiba, 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BUCHOLDZ, A. P. **Diário dos Campos: memórias de um jornal centenário**. Ponta Grossa, UEPG, 2007.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, R. de S. et al. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 3.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010.

CHAVES, N. B. **A cidade civilizada**: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos na década de 1930. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

COELHO, S. J. C. **Passeio à minha terra**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 110 p. (Farol do Saber).

CURTO, D. R. **Cultura escrita séculos XV a XVIII**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2007.

DENARDI, V. G. **Entre teses**: uma travessia pelas representações do professor Raul Rodrigues Gomes sobre a escola nova (Paraná, décadas de 1920 e 1930). Florianópolis, 2017. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOLZMANN, E. **Cinco histórias convergentes**. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

IORIO R. E.S. **Intrigas & novelas**: literatos e literatura em Curitiba na década de 1920. Tese de doutorado. Pós-graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

LE GOFF. A História Nova. IN: NOVAES, F. A.; SILVA, R. F. (Org). **Nova história em perspectiva**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011.

LE GOFF. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2013.

LEITE, C. H. F. História e imprensa: a importância e a contribuição dos jornais no conhecimento histórico. IN: XIV Encontro Regional de História, 2014, Campo Mourão. **1964-2014: 50 Anos do golpe militar no Brasil**. Campo Mourão: Universidade Estadual do Paraná.

MACHADDO, V. M. **Diatribes viperinas e digressões quixotescas**: debates intelectuais e projetos educacionais na década de 1950. Curitiba, 2009. 212f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MONASTIRSKY, L. B. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: DITZEL, C. H. M.; SAHR, C. L. L. (Orgs.) **Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 37-51.

MOREL, M. Da gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil. IN: Lúcia M. B. P. das Neves (Org.). **Livros e impressos retrato do setecentos e do oitocentos**. Rio de Janeiro: ED. 01, 2009. parte 2, p. 153-184.

NOVAES, F. A.; SILVA, R. F. (Org). **Nova história em perspectiva**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011.

OSINSKI, D. R. B. Entre o sacerdócio e o ofício: Raul Gomes e o papel do professor (1914 – 1928). In: **Educação no Brasil e na Argentina: escritos de história intelectual**. SUASNÁBAR, Claudio. CAMPOS, Nevio (org.). Ponta Grossa: Editora UFPG, 2013.

OSINSKI, D. R. B. Raul Gomes e o Dia do Professor: ações na Imprensa em favor da valorização da profissão docente (1914-1970). In: VIEIRA, C. E.; OSINSKI, D. R. B.; BENCOSTTA, M. L. A. **Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

PARANÁ. Dicionário histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Livraria Editora do Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2002.

PILOTTO, V. **Ideais de Ontem da Cidade Sempre Jovem**. Caderno em homenagem à cidade de Ponta Grossa em comemoração ao sesquicentenário do Decreto nº 15 que criou a freguesia. Ponta Grossa, 1973.

SAINT - HILAIRE, A. **Viagem pela comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. 182 p. (Farol do Saber).

SANTOS, L. C. dos. **Anita Philipovky**: a princesa dos campos. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 2. Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.SILVA, E. A. Energia Elétrica em Ponta Grossa . In: DITZEL, C. H. M.; SAHR, C. L. L. (Orgs.) **Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 91-107.

SOUZA, E. F. de. Trajetória e discursos educativos do jornalista e professor Raul Rodrigues Gomes na imprensa paranaense (1910-1975). In: IX Seminário em Pesquisa da Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul. **A Pós-Graduação e suas interlocuções com a educação básica**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.

VICTOR, Nestor. **A terra do futuro**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996. 307 p. (Farol do Saber).

WACHOWICZ, R. C. *et al*. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 3.

ZICMAN, R. B. História através da imprensa – Algumas considerações metodológicas. **Revista História e Historiografia n° 4**. São Paulo: EDUC, junho/ 1985.

ANEXO A - CRÔNICAS DE RAUL GOMES

CRÔNICA 1 – 16 julho de 1912

Raul Gomes, nosso collega da Folha da Manhã, que, como os leitores sabem, assumio o compromisso de externar suas apreciações acerca da nossa urbs, encetou já, em primeira mão, pelas columnas daquelle conceituado orgam da imprensa coritibana, a publicação desse util e interessante trabalho. Abrindo hoje espaço para a transcripção de tudo que elle disser de Pontaí Grossa, não precisamos encarecer a maneira porque o ha de faser, por isso que todos nós o couhecemos e sabemos o valor que elle dará ao seu trabalho:

Ha muitas maneiras de narrarmos impressões. Ha formas diversas de contarmos aquillo que vimos, aquillo que ouvimos. Uns os observadores, collocam suas notas para digressionar formidavelmente, estudando na tercidez da prosa, o caracter e o costume dos povos. O que observaram é a materia prima com que controem os edificios e de estructura admiravel dos seus escriptos. Outros, espiritos ligeiros, sem preocupações, limitam-se a ver e a guardar na retina e reter na memoria as apparências superficiaes das cousas.

Outros, artistas do lapis, embora sejam manejadores da penna, pegam tudo em 2 traços, isto é, em dois periodos, caricaturam um povo, contudo que elle tem de ruim, contudo que elle tem de bom. Nós nos comprometemos a publicar as impressões que recebemos, na última visita à adiantada cidade dos campos. Temos de transportál-as para as columnas deste jornal. Como a fará? pergunta o leitor, avido de curiosidade.

Não retardamos a resposta fácil, escreveremos os nossos (?) de fa- (?) com a rapidez e ao mod (?) sposa e repórter. Tendo visto muita co (?) anaense do ouvido muita cousa, Fiscal colligido optima quantidade (?) a dados estamos em condições se não com brilho necessário, ao menos com fidelidade, dizer nos nossos artigos o que é a victoriosa rainha dos campos. Essas idéas, desde aqui, nos formigavam no cerebro, trabalhando-o com insistência. A questão que nos suggeriu a lembrança de realisarmos a *enquête* sobre o valor actual das duas cidades em fóco ainda estava recente e o povo, ao ler a noticia da nossa resolução, naturalmente se poz em attitude de justa espectativa. E, por isso, quando viajamos para Ponta Grossa, mettidos num indecente vagon de 1ª classe, matutavamos sobre a responsabilidade assumida. Presos de cansaço, empoeirados, chegamos á cidade. A gare, espaçosa, estava cheia. Havia o movimento, a agitação, o barulho que se notam nas estações das grandes cidades.

— Hotel Palermo! Hotel Palermo, bradava um senhor, alto e sympathico, com uma voz abarytonada.

De outro lado, pregões diversos se faziam ouvir: Hotel Estrella ! Hotel Biella! Hotel Guzzoni.

Saimos, e fóra tomamos um carro do Hotel Palermo. Emquanto o vehiculo corria em direcção áquelle estabeleci mento íamos trocando idéas com um amigo pontagrossense, que nos fôra esperar á estação.

— Olha bem para este carro dizia-me elle.

— Que tem?
— Não lhe percebes uma qualquer cousa de venerável?
— Acho-lhe bastante velho, com os estofos cossados, com estes couros corroidos, com estas
portinholas em petição de miséria.
— Pois é a velhice, é a senilidade do carro que transportou no seu bojo o imperador Pedro II.
Sentado como nós, nestas almofadas o velho imperador andou por estas plagas, percorrendo os pontos mais pitorescos desta cidade.
Era um apontamento interessante. Registramo-lo e mergulhamos num silencio, pensando no Brazil de outrora, quando lhe reinava um monarcha bonanchão, sabio e democrata, que, alquebrado pelos annos e pela doença, não trepidava em visitar os Estados mais longiquos, de cidade em cidade a sentir as necessidades do povo que o amava. O carro parou. Entramos no hotel com o pé direito, como já succedera-ae descermos do vagon. Começavamos bem.
Logo de chegada se tem uma impressão verdadeira de se achar uma grande cidade, onde as forças próprias vivas trabalham constantemete. No pateo de frente se deparam aos viajantes 10 ou 12 carros de praça e vehiculos de conducção de. O movimento diario de passageiros augmenta e os desembarques parecem selo de batalhões. E que não são sómente touristes mas operários, immigrantes, que se eucaminham para a bella urbs. Ponta Grossa, plantada em meio dos campos, derrama-se (?) outeiros. (?) casaria avista-se de longe, (?) lhando com o vermelho dos (?) tetos novos o verde glauco (?) panha. (?) te princilap da cidade, (?) a parte mais antiga, a (?) elha emfim, está num (?) central cintado e cortado transversalmente em todas as direcções por largas ruas, todas muito retas e muito compridas. As ladeiras não se contam; não ha rua que não as possua. Os accidentes topográficos já constitue um elemento de belleza para a cidade. O aspecto varia; não ha monotonia que canse e, aborrece das cidades que se alastram, dentro de quadrados perfeitos, nas planícies intermináveis. Outrora a rectidão geometrica das vías urbanas, obdecendo a um plano antecedente de embellezamento, constituia o ideal para o aformoseamento das cidades. Actualmente essa idéa já encontra antagonistas sérios que argumentam em considerar beleza no conjucto dos contrastes. Por isto o visitante sente impressão agradabilissima em qualquer ponto da cidade aonde o leve a curiosidade. Do lago da matriz, do alto do cemiterio de outro logar qualquer se rasgam aos olhos de “tourist” espectaculos inedcitos e estupendos. Do primeiro que se lhe depara a cidade, estendendo-se pelas encostas do morro e conquistando para todos os lados as planicieis adjacentes ou subindo palas ladeiras de outros morros. De outro o observador tem occasiào de apreciar a maravilha de horisontes infinitos onde a côr suave dos campos vae se confundir com o azul embaciado dos céus. Além disso a cidade é apanhada quase a vol d’oiseau numa grande porção. Ponta Grossa é uma cidade de um perímetro vasto. Occupa uma entensão considerável pois que as suas 4 mil casas se encontram disseminadas geralmente com claros entre umas e outras. Os predios não se empremem os espaços vasios vão rareando celeremente. A cidade cresce com rapidez, conquistando os lindinhos terrenos baldios. As grandes

chacaras, vendidas a particulares em lotes, se enchem de habitações e entram para o effectivo do quadro urbano. O desenvolvimento não se realisa sómente na peripheria: faz se do centro para a peripheria e da peripheria para o centro. Está generalisado. As construcções se erguem nos bairros novos e nas ruas velhas, cujos claros numerosos desaparecem continuamente. Mas não se constroe só; as reconstrucções já se effectuam para reforma das casas velhas. E' isso o signal mais evidente da energia activa do povo. O emprego do capital em construcções é a resultante da confiança popular no futuro da localidade. E essa confiança nos pontagrossenses deve ser de notavel intensidade visto como não ha quasi rua na linda cidade onde não se veja um prédio se levantando.

CRÔNICA 2 – 18 de julho de 1912

Quem visita Ponta Grossa, ao mesmo tempo que sente a impressão nítida de se encontrar numa cidade onde o trabalho é uma verdade e onde a vida intensa se manifesta sob formas diversas, percebe, com alguma satisfação que, servindo e dirigindo um povo ordeiro e incansavel, está um governo municipal activo e empreendedor. A' perspicácia, á inteligência e ao patriotismo dos proceres da administração local jamais escapou a comprehensão da imprescendibilidade de certos melhoramentos. Si muitos não foram realisados a causa facilmente se nos apresenta no facto importante de ter tido o governo pontagrossense por norma agir com prudência, agir com critério, agir com calma porque no espirito das pessoas que o norteam não pesava sómente a preocupação de realisar obras para sacrificar o futuro da terra. Constituido como todos os governos municipaes, do prefeito e da camara. Da harmonia destes poderes é que surgem, se praticam e fructificam as boas idéas e os bons emprehendimentos. Uma questão politica, echos do furacão que se desencadeou no Estado, por volta de 1908, influiu na marcha da administração publica pontagrossense. Prefeito e camara, de começo, não viam as cousas do mesmo ponto vista. Por um apaixonado partidarismo, subsequente á formação da colligação paranaense, os dois poderes foram forçados a rumarem para orientes diversos. Comtudo, quando entravam em jogo os interesses locaes, a união era total; cada um dos ramos da administração abdicava de seu ideal político e collocavam-se ambos sob a égide da bandeira da felicidade, do engrandecimento e portanto do progresso pontagrossense. E' assim que os homens se sobrelevam no scenario da vida. O ideal é proprio dos indivíduos ; cada um pode defender o que melhor lhe aprouver. O que ninguém pode nem tem o direito de fazer é colocar esse ideal, que não passa dum interesse pessoal, acima do interesse collectivo. Na arena política do Estado degladiavam-se duas facções; esse combate, irradiado pelo Estado, travou-se também em Ponta Grossa. Havia alli dous grupos, cada qual possante e invicto, hasteando a bandeira predilecta, pannejando aos ventos de uma idéa. Para honra e gloria da grande, cidade, porém, nunca essas bandeiras flammejaram separadas quando a causa do desenvolvimento local periclitava. Não foi numa questão, não foi em duas questões mas em muitas dellas que isso se

verificou, como eloquentíssimo attestado do valor moral dum povo patriótico, que com esses actos nobres punha em relevo o coeficiente de seu adianto. Assim, jamais os serviços públicos ficaram descurados.A municipalidade se desobriga com hombridade de seus compromissos. Cobra, rendas mas em compemsação fornece luz explendida, calça algumas ruas, soccorre a população, cuida das vias de communicação, trata de resolver o problema do saneamento da cidade. A proposito fomos palestar com o prefeito municipal. E' o sr. coronel José Villela. Moço, pertencente a uma das mais importantes famílias locaes, s. s. é dotado de intelligencia e cultivo. Frequentou a escola polytechnica do Rio. Tivemos occasião de ver uma planta para o novo mercado publico por elle confeccionada. Achamol-a bellissima e podemos assegurar que, depois de construído, esse edifício vae ser, no genero, o mais grandioso do sul do Brasil. Nem S. Paulo, nem Porto Alegre possuem, mercados que se lhe possam comparar, pelos prédios onde funccionam. O sr. Villela, que é também commerciante, nos recebeu na sua vivenda, com fidalgada e amabilidade. De rompante, na serenidade com que falàva e na firmeza com que emittia os conceitos, convencemo-nos que conversávamos com um cidadão de valor. Ao lhe tocarmos em programma elle nos disse:

— Sim tinha um programma, que representava a bandeira de um partido. Eleito atravessei uma época de lucta. A crise politica que sobreveiu entorpeceu de alguma forma a minha acção.

— Comtudo...

— Trabalhei. Convencido da esterilidade da lucta politica, resolvi iniciar uma obra de conciliação e de harmonia visando os altos interesses municipaes. Si por um lado os partidos talvez lucrassem com a guerra, por outro o município perdia e perdia immensamente.

— De modo que...

— Achei e commigo o pensaram os nossos correligionários, que devíamos empregar todos os esforços findar a lucta, principalmente, entre os poderes executivo e o legislitivo. Dessa forma não foi longo o período da lucta.

— Qual o problema capital do programma de s. s.?

— O do saneamento. Para mim a questão da agua e do exgotto foi sempre de transcedencia relevante. Appareceram diversas propostas que pareciam exequíveis. Preferi fazer, porem, por concurrencia publica. Assim, nas bases do edital entrou a obrigação da construcção do mercado, cujo projecto adoptado é de minha autoria.

— E o serviço sahirá?

— Sai, tenho certeza. Será feito sob contracto onde ficarão plenamente garantidos os interesses municipaes.

— Certamente s.s. se preocupou com outros asumptos?

— Perfeitamente. As industrias e a lavoura mereceram minha attenção. Fiz que creassem leis em beneficio de ambas. Tenho-as favorecido quanto é possível. As industrias desenvolveram-se muito e, como é crença geral, é minha também que o futuro de Ponta Grossa repousará sobre o evoluir de suas industrias. Ella será uma cidade eminentemente industrial. O município é pequeno, não contem terras bastantes que possam dar logar á expansão agricola.

— Um factor da eclosão industrial é a força electrica?
— Sem duvida nenhuma. O sr. não calcula que de benefícios, num lapso de 6 mezes, ha prestado a empreza. As industrias, quer as grandes, quer as pequenas, tomaram um formidável impulso. A camara, como é de suppor, as favoreceu, dispensando-as de impostos, isentando as de direitos.
— E o povo é trabalhador?
— Muito. E' difficil se verem desoccupados pelas ruas. Não há aqui as «rodas» de palestras estereis. Cada homem que passa é um operário ou um homem de negocio. O povo paga correctamente os impostos, sem protestos nem retardamentos. Para a effectivação de um melhoramento os esforços conjunctam-se.
— E a renda ?
— E' pequena ainda mas ha margem bastante para augmental-a. A taxa por cada habitante é módica. E' inferior a de quasi todas as cidades paranaenses, inclunve a capital.
— Na sua gestão foi creado algum imposto?
— De magnitude não. Cogitei em diminuir alguns, entre elles 0 de «entrada de commércio», uma especie de patente commercial.
— Que diz s. s. sobre 0 calçamento?
— Que é um problema essencial e de necessidade a ser levado a effeito após a solução do problema da agua e do exgotto.
— Com isso tudo...
— Nessa cidade, incontestavelmente, se tornará uma cidade ideal sob 0 ponto de vista hygienico, dadas as suas magníficas condições próprias.
— Qual o estado das finanças municipaes?
— Optimo. Ponta Grossa nada deve. O município nunca contrahiu emprestimos. Os compromissos pequenos que algumas vezes foram assumidos tiveram logar aqui perante o
nosso commercio.
— Como vão se realisar os serviços de agua e exgottos?
— Será pago por titulos aos contractantes que tratarão de coloca-los convenientemente. A
municipalidade pensou, ha pouco, em levantar um emprestimo. Como as condições em que o
propuzeram não convinham deixou de faze-lo.
— E as pessoas com que s. s. trabalhou?
— Formo dellas a melhor opinião. Dedicadas, activas, intelligentes, me auxiliaram imensamente.
— Mais algumas perguntas e terminaremos a caceteação.
— Qual o estado da viação municipal?
— E' lisonjeiro.
— Afora o problema do saneamento está a municipalidade empenhada com algum outro?
— Sim. Com o das oficinas.
— Como?

— Pois a Brasil Railway está estudando o caso da contrucção das suas officinas que serão as maiores da A m erica do Sul. Estamos, por isso, trabalhando para que ellas sejam construídas aqui. Já offerecemos á companhia os terrenos necessários, gratuitamente. Os estudos preliminaresforam favoráveis aos nossos desejos. Ainda trocamos mais algumas palavras, e despedimo-nos. As notas que tinhamos já nos serviriam enormemente para os nossos fins.

CRÔNICA 3 – 20 de julho de 1912

Ponta Grossa é o coração do Paraná; incontestavelmente é o centro da sua vida comercial e industrial. Asseguram-lhe, fatalmente, essas qualidades preponderantes, a posição da cidade, no mappa estadoal, o facto delia ser no futuro o ponto de partida de ramaes ferroviários, ponto obrigatorio de parada de trens e ponto de cruzamento de importantes estradas de rodagem de penetração. Para Ponta Grossa, como para um coração humano, convergem dois systemas mais ou menos completos de viação, os quaes, em breve, se notabilisarão pela execução de um plano formidável de desenvolvimento ferroviário. Dessas circumstancias especiaes, decorre o movimento extraordinário que se observa na cidade, durante o dia e parte da noite. Pelas ruas movimenta-se gente em grande porção. A's lojas entram e saem cavalheiros e senhoras, azafamados e prestos. Carros, carroças e carrinhos cruzam-se, aquelles conduzindo passageiros, essas cargas e estes pequenos volumes. Nas grandes casas commerciaes o trabalho é enorme porque dellas se abastece todo o interior do Estado. Já nos encontramos, ha tempos, numa cidade grande, onde nos empolgou a impressão de que estavamos num deserto. Não viamos pelas ruas largas e cheias de casas, viva alma. Era tudo um Silencio e um abandono. Como que a morte por ali passara devastando vidas. Em Ponta Grossa nos succedeu justamente o contrario. 0 movimento urbano ultrapassa o tamanho da cidade. Ve-se gente por toda a parte. A' noite o povo flana nas ruas, penetra as lojas, enche os três cinemas, frequenta os clubs. Facto é porém que a população pontagrossense tem por onde andar, por onde circular. Não se acotovella nas ruas, premindo-se com força por falta de espaço. A cidade abrange um perímetro formidável e cortam-na em todas as direcções largas ruas. Ponta Grossa desconhece viellas e beccos. A rua mais estreita que vimos deixa á distancia a de S. Francisco. Existem na cidade 74 ruas, rectas, longas e largas, parecendo quasi todas vastas avenidas. Ha seis praças: Rio Branco, Floriano Peixoto, S. João, Largo Municipal, Santos Andrade e Benjamin Constante e três avenidas commendador Bonifácio Villela, coronel Villela e Fernandes Pinheiro. Acha-se em construcção a avenida Carlos Cavalcanti que ligará, em linha recta, a cidade ao bairro de Uvaranas, onde está o quartel do 5°. Regimento de infantaria. Ponta Grossa conta 3.800 casas, sendo quasi todas de tijolos e de feitura solida e resistente. A população da cidade calculada em 15.200. almas e a do município em 20 mil espalhadas por uma extensão aproximada de 36 léguas quadradas. Ultimamente foram construidos e estão em construcção 41 prédios, inclusive 2 sobrados. A

camara possue tres próprios que são o onde ella funciona actualmente, o do matadouro e onde se acha o Instituto Dr. João Cândido. O crescente desenvolvimento local trouxe comsigo o germem de emprezas constructoras, que hoje florecem pois que os trabalhos não são vencidos, tantos elles são. Entre outras destaca se a dos srs. Manenta & Celli, que se encarrega de qualquer serviço; apezar de fundada ha pouco tempo já tem feito serviços importantes, entre os quaes o do grupo escolar. Entre os empreiteiros notam-se os srs. Gustavo, Prochmann, Nicolau Firigotti, Max e Otto. Já accentuamos que a cidade cresce, isto é, desenvolve-se em todos os sentidos. Contudo pudemos observar que a tendencia da sua expansão é para Corrientes & Villa Madureira. Ha muitas construcções novas para esses lados, onde a vida é já bastante activa. Ouvimos de alguém, porém, que si as officinas ferroviárias forem installadas em Ponta Grossa, para o lado dellas é que a cidade augmentará. Em Ponta Grossa como infelizmente acontece na grande maioria das cidades brazileiras a iniciativa particular sobrepuja a iniciativa dos poderes públicos. Comparando-se a obra dos particulares ao esforço da administração verifica-se a desigualdade extraordinaria dos resultados alcançados de parte a parte. Em Ponta Grossa esse espirito emprehendedor parece que se avultará com a pratica do cooperativismo e das normas do espirito associativo os quaes se manifestam a miúdo. Um dos segredos do progresso local, que transformou o burgo apagado de ha dez annos atraz na «urbs» agitada e triumphal de hoje foi, indubitavelmente, a vontade energica e indomável do povo pontagrossense. Essa vontade poderosa é que vai fazendo surgirem os melhoramentos que outhorgarão á princeza dos campos o titulo incontestável de cidade ideal. E'ainda esse sentimento que vive a esboçar os melhoramentos imprescindíveis á bella cidade. Assim de um estudo ligeiro que se proceda sobre as actuaes necessidades de que se resente a cidade campesina conclue-se, com o povo, que é mister o estabelecimento urgente do serviço de aguas e exgottos. A cidade reclama hygiene publica, que, nem em estado rudimentar existe. A hygiene interviria nas edificações, obrigando-as a um molde preconcebido sob a orientação das determinações scientificas da actualidade. Por ella Ponta Grossa começaria a usar medidas prophylaticas cujo valor e utilidade ninguém contesta. Assim não mais se levantariam casas condemnaveis sob todos os pontos de vista. Hoje ali se vêem prédios anti-estheticos, anti-hygienicos, antiquados. Essas casas não recebem luz directa, não ha drenagem capaz de tornalas indemnes das humidades. A hygiene, classificada de «melhoramento» é indispensável. A sua organisação impõe-se com o cachet de uma cousa cuja preterição importa em serio, grave prejuízo á cidade. O calçamento è requerido como um melhoramento dos que merecem e se adaptam ao titulo de imprescindíveis. 0 calçamento da cidade acarretaria quasi a morte do pó, cujos inconvenientes ninguém ignora. Em tempo firme o pó quasi suffoaa a população. Ergue-se em ondas vermelhas, borra as paredes das casas, invade o interior das habitações, entra pelos estabelecimentos commerciaes, causando graves estragos. Com as chuvas o pó se metamorphosea em lama pegajosa. Ora o calçamento destruiria, esses males consequentes da polvadeira e concorreria para que cidade pudesse ser mais limpa. As ruas poderiam ser varridas e criteriosamente irrigadas.

As casas seriam pintadas a cores mais alegres do que o são, na maioria actualmente. Também o mercado é de uma palpitante necessidade. Os benefícios que delle adveriam seriam enormes. Entre outros normalisará o commercio de generos de primeira necessidade que, regulado por leis, não se faria em condições más quer para os compradores quer para os vendedores. A par desses melhoramentos imprescindíveis enflleira-se o da construcção de um matadouro. O que Ponta Grossa possue, na actualidade não preenche os fins a que se destina. A matança é feita por processo barbaro. Não ha fiscalisação severa sobre o gado a ser abatido. O transporte da carne para o retalho é feito em carros pouco convenientes e pouco asseiados. Conseguidos esses melhoramentos que do prompto prestarão reaes benefícios ao povo, não sera ousado um dia pensar no estabelecimento de linhas de bonds electricos, ligando os bairros suburbanos á cidade e offerecendo transporte fácil e rápido entre os pontos diversos da urbs. Já ha a concessão e julgamos que não retardará a conquista desse serviço utilissimo. Comtudo o pontagrossense tem duas qualidades que lhe asseguram a firmeza nos passos que ensaia: a prudência e a reflexão. A intelligencia do homem nascido na admiravel cidade reclama essa necessidade mas a sua prudência inata, a sua reflexão ingenita, guiadas pelo criterio, pela razão e pelo bom senso lhe esclarecem que cada cousa deve vir ao seu tempo e na ordem natural. A afoutesaux do nosso povo, para exemplo, tem causado males inenarráveis cujo resultado é Coritiba não possuir nenhum serviço publico bem feito e que lhe attenda, perfeitamente, as necessidades.

CRÔNICA 4 – 23 de julho de 1912

Falar do clima de Ponta Grossa... Mas elle é um dos melhores, um dos mais salubres de todo o Estado. Num alto, situada no segundo planato paranaense, em plena campanha, beijada por ventos contínuos, Ponta Grossa não é victima de variações climatologicas de consequências fataes. O verão transcorresse esses calores que suffocam e crestam tudo. Não ha ali o horror das soalheiras, tornando insupportavel a vida estival. Assim, também, si o inverno é rigoroso, o frio que elle traz é secco, bom, saudavel. Por isso aquelle povo é vigoroso, forte, com tonalidades soberbas nas faces transbordantes de saude. O corpo possante, espadaudo, com musculos que parecem ferro nos dá idéa do dos americanos do norte ou do dos paulistas. E não poderia ser por menos porque o meio faz ou adapta homem ás suas circumstancias. Um sabio que estudasse Ponta Grossa concluiria, sem conhecer o pontagrossense, por gisar, em traços inapagaveis, o seu typo inconfundível. A tonificação, o ar puro dos campos, infiltrado no organismo como uma therapeutica natural, entre outras consequências, torna o homem de pulmões formidáveis. Por isso é que a voz do pontagrossense é de um volume extraordinário e se distingue onde quer que seja ouvida. Também ali, naquella terra admiravel, não se nos deparam pelas ruas typos enfesados, esqueléticos, que mendigam com as mãos e com o olhar. Com a mão implorara o obulo da caridade publica e com os

olhos pedem a saúde ou a invejam nos outros. A vida forte e rija jamais origina vagabundos: o indivíduo cujo sangue é vermelho e quente não sofre da preguiça que é filha do lymphatismo. D'ahi o facto que já registramos de ser quasi nulla a vagabundagem em Ponta Grossa. Em compensação, com o desenvolvimento incontido das urbs que collea pelos arredores, vencendo o deserto e transformando-o em cidade, não ha duvida alguma que si não se tomarem providencias sérias e enérgicas as condições climatericas estupendas notadas não bastarão para evitar a eclosão de males incriminados como consequências da civilisação. A hygiene, então, correndo ao encontro dessas qualidades naturaes da terrra, realisará prodígios contrariando a marcha da invasão de moléstias que a intensidade da população acarreta. E infelizmente Ponta Grossa já carece de um serviço de hygiene, não avançamos perfeito, mas rudimentar. A hygiene já tem muito a fazer na cidade. Ponta Grossa, ha pouco tempo, deu um acontecimento sensacional : durante um anno todo não se verificou no seu âmbito um só obito! Desse tempo para cá não vem acontecendo o mesmo. No anno passado, por exemplo, morreram ali 345 pessoas, das quaes 38 foram victimadas por um mal de caracter geral. Em compensação os nascimentos subiram á bella quota de 614, havendo portanto um saldo a favor do augmento da população de 264. Por outro lado eftectuaram-se 172 casamentos. A hygiene publica, porém, entrando em acção occasionará o accrescimo de todas as ultimas sommas. Sobre melhorar as condições sanitarias locaes ella será uma atalaia solerte contra as moléstias peregrinas, transportadas e postas em circulação no povo pelos immigrantes e adventícios cujo numero cresce continuamente, com a felicidade das vias de communicação. Quando faziamos essas observações percorriamos a cidade recostado numa victoria de coberta abatida numa manhã de sol e azul e frescura deliciosa. Nessa occasião tratavamos de saber si em Ponta Grossa, como em Coritiba, existem « bairros » dentro da cidade constituindo quasi outras cidades, com vida, caracter, costumes á parte. Não foi difficil averiguarmos que sim. Ha bairros e bairros importantes que são núcleos de casas espalhadas por uma quantidade de ruas que addicionam ao quadro urbano ou já estavam dentro delle. Na maioria eram vastas chacaras, de alguns alqueires de terras, que os proprietários venderam por meio de cooperativas a pessoas menos abastadas. Com isso lucrou a cidade que augmentou e lucrou o povo porque muitos pobres se tornaram pequenos proprietrios, a principio de terrenos e agora já alguns de prédios catitas, que rendem de 20$000 a 50$000. Quantas são essas colmeias que têm nomes pittorescos e bizarros? São muitas, são innumeras. Outr'ora ficavam distantes do centro urbano, hoje não, já formam a própria cidade conservando, embora, as antigas denominações exóticas. Um dos mais celebres e mais populosos é « Corrientes », que vive das glorias de seu passado turbulento. Era uma especie de«Trintannos» ou do «Campo da Gallicia», bairro da desordem e da pandega. A velha cidade um dia recebeu uma injuncção de vida : esticou o corpo e appareceu «Corrientes», habitado logo por uma população densa, mas contendo em si elementos dos mais heterogeneos. Talvez por ser a cidade nova, serviu de arena ao exercício da valentia, da capadoçagem cujo maior prazer consistia em preparar ciladas e fazer pirraças e fosquinhas á policia. Hoje «Corrientes» se modificou e não

gosa mais da antiga fama perigosa. Nem por tudo isso o gracioso bairro deixa de agradar. E’ um gosto a gente se metter por suas largas ruas onde se alinham lindos chalets de madeira ou elegantes prédios de tijolos. «Ronda» é a ronda igual a de todas as povoações patrícias. Era o logar do descanso dos tropeiros, que ali armavam o seu pouso. As terras que a compunham foram retalhadas e passadas a muitos donos que as aproveitaram construindo nellas suas propriedades. Em seguida vêm « Pedroso », « Prado » « A villa Madureira », «Rio Branco », « Anna Rita », «Estrella», «Officinas», «Elvir», «Danta» e outros bairros e villas cujo futuro está garantido. Assim, Ponta Grossa evolue materialmente de uma maneira exquisita. Os arredores deshabitados são reunidos á cidade após serem repartidos por meio de cooperativas, a muitos donos. E' um optimo e inagualavel systema de se fazer enorme o perimetro urbano de uma cidade. Além disso esta fica com feição, original e encantadora porque não é bem uma cidade com monotonia de aspectos de architecturas, mas é uma serie de cidades ligadas, cada uma com o seu tic particular e dominante.

CRÔNICA 5 – 25 de julho de 1912

Ha de parecer extranho que, justamente, numa serie de escriptos de impressões sobre uma cidade o jornalista trate de um cemiterio, estudando-o na velocidade de uma nota. Nada mais justo, porém. O culto dos mortos é o maior dos cultos humanos. E’ a homenagem á sombra do ente que já viveu e se transforma no laboratorio da natureza. E’ o respeito do homem por uma vida que já passou, que scintillou no mundo, ou do alto das posições, dos galarins da gloria ou da austeridade de uma linha de caracter e de honestidade. O culto á memória dos mortos mostra o estalão da civilisação de um povo. E’ o que redime os proprios selvagens do julgamento das consciências boas: sem conhecerem bem o que fazem os selvagens rendem honrarias aos mortos, que para elles são sagrados. Por isso, nós, que, sentimos pelos anniquillados da vida a profundidade de um sentimento inenarrável, visitando Ponta Grossa quizemos ver o que era a sua necropole. E para lá fomos. O cemiterio é bellissimo. A cidade dos mortos está num alto, dominando a cidade e extende-se por um espaço enorme. Do portal a dentro, por toda a area do cemiterio, a impressão que tivemos foi optima. Ruas largas, alamedas bem traçadas, os carneiros bem conservados, tudo nos provou que uma permanente vigilancia se exerce sobre o cemiterio. Observamos que uma das características da necropole é a imponência dos tumulos. Alguns ha verdadeiramente ricos, onde gastaram sommas elevadas. São os de familias antigas e respeitáveis do logar, que mandaram erguer a casa onde repousarão os restos dos membros das gerações que se forem extinguindo. Ha quem enxergue nisso uma exteriorisação da vaidade. Não é bem assim. E’ uma questão de principios e de educação. Antes da morte, poucos lhe ligam a importância devida; depois que ella, na sua impassibilidade nos rouba um ente querido, é que nós lhe avaliamos a ferocidade e como que sentimos palpitar em nós a necessidade de engrandecer aquelle que foi sua victima. E’ a crença latente

na immortalidade da alma. Quando erguemos um tumulo a um parente, fazemo-lo certo de que esse monumento encerra sim plesmente a matéria de uma essencia superior que desligou da terra, vive nos espaços mas carece de homenagens sinceras que recordem a sua passagem longa ou curta pela terra. Interessante, logo á entrada do cemiterio, deparou-se- nos, inscripta numa taboleta o seguinte artigo de lei: Aquelle que escalar as paredes 20$ de multa ou 10 dias de cadeia. Destruir arvores, quebrar galhos, e aquelle que cortar flores 3 dias de cadeia. Sim, ò gentes que passaes não escaleis estes muros seculares. Não despertae de um somno aquelles que dormem tendo por enxergão a terra e por cobertor os céos. Não destruis estas arvores venerandas que aqui se levantam como seres numa prece eviterna. São cyprestes que choram perperpetuamente, de dentro da sua attitude sombria de cadaveres verdes. Não corteis as flores que são lagrimas corporificadas daquelles que partiram. São lagrimas de virgens, desabrochadas no frescor de uma rosa. São lagrimas de jovens surgidas na limpidez de uma camélia. São lagrimas de velhos despontadas na severidade de uma saudade, symbolo da saudade de um passado longinquo onde se envolvem no mesmo pó e na mesma tristeza, adolescencia azul nascendo entre claridades sonoras de dias triumphaes, noivados felizes com poemas extraordinários ao sol de amores apaixonados; velhice radiosa, com clarões de bondades illuminando as faces... Sim, ó almas piedosas, não corteis essas flores, singellos tributos ás almas boas... Aquella dôr que acabrunha todo o visitante das necropoles nos empolgava. Iamos percorrendo, cabisbaixo, as largas ruas sempre mergulhado num respeito muito grande. Os epitaphios iam se succedendo, fulgurantes e emocionaes. Aqui era uma simples «Saudade», que vale por todo um volume. Além era a seccura de uma: «Aqui repousa a matéria de...» Acolá liamos; «Os vivos são governados pelos mortos», lembrando a phrase de Comte. Mais adiante: «Tributo de gratidão ao seu amigo e protector», o qual era um espirito bonanchão de philosopho. Gratidão a um morto: é uma grandeza d'alma. E' um gesto admiravel. Mais adiante ferio-nos a vista um tumulo, com uma estatueta encimando-o e com esta única palavra em baixo: «Silencio». Quem traçou esta palavra unica e elouquentissima, é um philosopho. Silencio! e nada mais. Silencio para os que repousam, para os que a morte faz dormirem o somno da eterneidade e da transformação. Silencio, porque alli está um nome: deixai-o viver!

CRÔNICA 6 – 27 de julho de 1912[9]

A vida pontagrossense não differe muito da vida de nossas cidades. E' uma vida de acção reflectida numa somma elevada de trabalho. O povo moureja afanosamente. Uma ancia de se tornar abastado o insufla dessa febre de actividade, desdobrada numa série de emprehendimentos dos mais notáveis, desde que nos coloquemos num ponto de vista de relatividade. A vida é calma, transcorrendo placidamente, entre os labores do dia e os descansos e gosos da noute. Reina alguma carestia. Os alugueis das casas são excessivamente elevados. Ha entre um prédio que se loca

[9] A data no jornal saiu erroneamente como 25 de julho de 1912.

em Coritiba e um que se loca em Ponta Grossa, uma differença de uns 40 % se tanto. Os generos de 1ª necessidade, por sua vez, não custam pouco. No entanto não ascendem a preços fabulosos, mau grado o municipio não os produzir na quantidade sufficiente para o consumo local. Em compensação o trabalho é bem remunerado e não se vêm os effeitos temíveis da necessidade, causando as suas depredações nas classes pobres. Existe a pobreza. Mas é uma pobreza laboriosa e limpa que tem o bastante para não passar fome nem pedir esmolas. Sempre se nota uma ou outra voz reclamando contra as difficuldades da lucta pela vida. Esses esquecem, porém, que aos voluntários e trabalhadores jamais faltou occupação, na cidade. Dessa fórma o povo pontagrossense não se encastella num egoismo aparentado da usura. Pelo contrario. Existe na população um pronunciado espirio associativo, que o leva a se unir e a trabalhar sob o pallio de um mesmo pensamento de progresso e evolução sociaes. A sociedade pontagrossense é culta e dotada de predicados recommendaveis. A hospitalidade sobreleva-a e a caracterisa. O povo é de uma nobre delicadesa para com os que o visitam. A sociedade abre-lhes as portas, cumumulando-os de gentilezas. Não ha odios nem rivalidades, entorpecendo o desabrochar da vida local e embotando os bons sentimentos que palpitam no coração de cada cidadão. A solidariedade na alegria, na dor, na amargura é o elo poderoso que explica a felicidade reinante na sociedade pontagrossense. Esse espirito de união já frisamos, se nitidisa quando se impõe o dever de se unirem os filhos da cidade para a conquista de um beneficio geral. Pequenas paixões que existam, pequenas questões que existam, pequenas idyosincrasias que existam, tudo desapparece para realçar a linha que cada um é obrigado a seguir para chegar ao mesmo fim: alcançar um beneficio commum. O povo é bairrista. Mas não o é ao exagero. Gosta de honrar seus filhos, de homenagea-los orgulhando-se de seus feitos e de seus gestos. Esse sentimento mesmo tende a desappareeer com a dilatação das relações de toda a ordem com os centros adiantados do Estado e fora delle. Um facto interessante: esse povo tão manifestamente de espírito associativo é um povo triste. No semblante do pontagrossense, a par da côr e da robustez que se nota não se distingue o ar de alegria presumivel. O pontagrossense é um povo triste. A gargalhada, larga, sonora, expansiva, prova de uma alegria natural, elle não a solta em momento algum. O riso do povo pontagrossense é um riso apagado, forçado, com notas de tristeza e de melancolia. Parece que o pontagrossense é victima duma nostalgia latente. Saudade de alguma cousa inexplicável. Talvez o bucolismo poético dos campos infunda essa tristeza que torna grave, meditabundo, o povo pontagrossense. Este infunde um respeito descomedido. Assim, concorde a isso não se observa no povo a vivacidade de espirito, explodida na irreverencia de uma «piada», na graça saltitante de um commentario, no picante delicioso de um dito. Nada. Tudo que o povo diz é serio, é venerável, é respeitoso. Por ahi não é difficil concluir que o pontagrossense não pode deixar de ter costumes patriarrcaes. A vida delle é de familia. E' no lar ao lado da esposa, creada num ambiente severo á moda antiga e educada para os misteres caseiros. Consorte a mãe, eis ainda a divisa da educação que produziu a mulher sobre a qual fizemos nosso estudo ligeiro. A

resultante immediata disso é que não existe em Ponta Grossa um mundo social, trocando-se visitas de ceremonias e levando vida de convenções. Existem relações de amisade: as visitas se fazem somente entre as familias mais intimas, mais chegadas. Não ha ali festas familiares, recepções intimas, soirées agradaveis, onde os laços amistosos se estreitam e se apertam. Os encontros se dão nos salões das grandes sociedades, de vez em vez, aos bailes e festejos. Os homens são commedidos e honestos. As mulheres recatadas e dignas. As moças creadas sob a fusão dessas correntes têem uma apparencia de modestia, de recato, de ingenuidade, de bondade que vae ao extremo. Dominam pela altitude gentil, pelo porte aristocrático, pelo garbo com que se matèm em toda a parte. Como antithese de toda essa linha de vida, o espirito associativo assume dia a dia mais intensidade, brotando em sociedades que progridem e se afamam. E a sociedade pontagrossense é adiantada. As festas, bailes que promove são bellissimos, attestando não só a fidalguia do povo como o sou bom gosto. Dentre as sociedades alli funccionando notamos: O Club Litterario installado em 6 de fevereiro de 1896. Tem estado sempre á frente da vida social, realisando toda a sorte de festividades litterarias, recreativas, etc. E' grande o numero de socios, abrangendo a élite pontagrossense. A séde do Litterario é á rua 15 de Novembro. Em seguida vem o Pontagrossense, fundado em 1897. O quadro social desse club é avultado e os serviços moraes prestados á cidade são grandes. Essa associação fica situada á rua Augusto Ribas, em optimo prédio com vastos salões. Depois segue se o Democratas, á rua General Carneiro. Recreativa também e brasileira. Funcciona em prédio proprio. Outra sociedade é a Lyra dosCampos, que mantem uma banda musical, regida pelo sr. Jacob Holzmann. Germania, e Sociedade B . Germania são duas aggremiações tento brazileiras que dispõem de solidos elementos de vida. Ambas se acham á rua Balduino Taques, sendo que a 2ª possue predio proprio. Chrysalidas e Myosotes são gremios feminis da élite. Bouquet de Rosas reune em si um pugillo de moças esforçadas e intelligentes. As sociedades 28 de Setembro e 13 de Maio compõem-se de elementos operários e de homens de côr, gente toda do trabalho e da lucta.

CRÔNICA 7 – 03 de agosto de 1912

Um domingo pontagrossense... Bello o domingo que ali usufruimos. Chuvoso e frio, aborrecido e mau... Faltava-nos a coragem necessária para affrontar a intemperie. No hotel havia um grande movimento. No salão de recepções, na sala de jantar, no corredor, onde ha um sofá enormes grupos palestravam, commentando o successo máximo do dia, e a audição da Sideria. Mas, nós precisamos ver qualquer cousa dum domingo pontagrossense, fosse lá o que fosse. Tomamos um carro. A cidade estava desolada com o movimento morto. Tudo fechado, numa tristeza de abandono. De vez em vez cortava o silencio das ruas o barulho de um carro rolando e o placatá dos cavallos soando nas calçadas molhadas. Lá em certa altura da nossa corrida divisamos um amigo, através da vidraça embaciada do carro.

Pudemos chama-lo, convidando-o a entrar e nos fazer companhia. Assim elle nos diria o que soubesse do assumpto que nos preoccupava.

— Um domingo pontagrossense ? Não é lá p'ra que o amemos muito. A cidade perde o encanto dos dias communs, porque os homens do trabalho se recolhem os lares, tornando desertas as ruas. As lojas cerram as portas, as casas de commercio, de importação e exportação fazem o mesmo. Quando não chove, á tarde, as moças passeiam, em bando, vão á praça Floriano Peixoto, onde, por vezes, ha retraite. Ali, então, nessas horas, acontece o que acontece onde se encontram homens e mulheres. Flirtam, namoram, conversam. São as batalhas da futilidade humana para a victoria das affeições, das quaes nasce o matrimonio. N'outros domingos promovem «assustados» num dos clubs.

— Assustados? interrompemos, desconhecendo o termo.

— Sim. E' uma palavra pontagrossense. Assustado é um sarau engendrado ás presas, sem preparativos e onde se comparece sem trajos de rigor ou vestidos com apuro. Rapazes e moças vão a elles com as roupas domingueiras. Deixam de flanar nas ruas ou praças e atiram-se ás dansas nos clubs. O assustado para a mocidade é uma delicia sem nome. Também moças ha que não saem; «fazem a janella». Ficam em casa apreciando a passagem dos transeuntes. Nos domingos, as familias mais intimas visitam-se. Afinal, com modificações insignificantes, o domingo pontagrossense é igual ao de cidades onde o elemento brazileiro é predomínio em toda a linha.

— Sim, porque em Rio Negro, por exemplo, o domingo é typico. E' nesse dia que a cidade se enche, principalmente, até ás 12 horas. A gente das colonias vem para a cidade em carrocinhas. Uns, vêm ao templo, outros, a simples passeio e a maioria, para compras.

— Em Ponta Grossa, o domingo é mais ou menos o que disse. Espirito religioso? E' difficil traçar uma apreciação justa sobre esse assumpto. Aqui não há fanatismo, não ha intolerância. O christianismo predomina, ou pela exegese dos catholicos ou pela dos protestantes. Ha uma tendencia para a liberdade. A razão do povo não vive obscurecida pela sombra da paixão. Não que a massa já tenha evoluído ao ponto de se libertar por completo dos dogmas. Não. A corrente extrangeira, a que se aldeou com a população local influiu nas idéas religiosas, modificando-as. Tanto que não existe em Ponta Grossa o numero de igrejas preciso para o seu numero de habitantes. Isto é, a cidade progride, mas com o desdobrar de seu perímetro não foram surgindo, proporcionalmente, igrejas. A superstição existe, essencialmente, nas classes mais atrazadas. Ha quem acredite em bruxarias, em feitiçarias. As crenças em amuletos, as pequenas superstições existentes em toda a parte ali se notam. A superstição não tem patria. Encontramol-a em toda a parte, nos paizes adiantados como nos atrasados. Si é mal é endemico a todas as nações. Ninguém sabe como ellas envoluem e desapparecem. Todos, porém, as constatam como inherentes a todas as civilisações, na historia de todos os paizes. Interessantes aqui são os oratorios. São pequenos templos, de propriedade particular, onde tudo é simples, é humilde. Surgiram, muita vez, de uma promessa de um facto sem importância. O mais famoso daqui é a tradiccional «Casado Divino». E' um predio

modestíssimo, á rua Santos Dumont. E' muito frequentado esse templo de orações. Os devotos o procuram amiudadamente, indo ali para fazer suas rezas e suas promessas. O Santo foi achado em outubro de 1882, pela mulher Selvarina Julia Xavier, nos campos de Carambey. Hoje o santo achado, julgado milagroso, está na casa de d. Selvarina. Existe ali uma pequena capella, onde num altar ajaesado, com toalhas, fitas, flores, está o santo. Junto a casa do divino constituiu-se uma especie de museu. Em compridas montras e prateleiras vêm-se offerendas de toda a especie. São braços, cabeças, pernas, etc, uns em cera, feitas com certa arte, outros em madeira, pedra, etc. E' um verdadeiro museu de uma serie enorme de objectos, que ali se foram accumulando em 30 annos de crenças piedosas. Ha sempre terços, rezados por diversos capellães. Accore á casa do Divino gente de toda a parte, que vem ali cumprir suas promessas. Esses romeiros trazem comsigo alfaias, muitas ricas, que offerecem ao santo. O clero, parece-me, não olha com bons olhos essa crença no divino. E' um culto que lhe faz séria concurrencia, tanto mais que ali a devoção não se troca por dinheiro, nem é a manifestação insincera de um sentimento que não palpita no coração dos fieis.

Já era bastante. O nosso amigo fora longe. Entramos numa confeitaria e fomos libar um cálice que nos esquentasse, desenregelando-nos do frio que nos caustica. Vamos, neste artigo, tocar na parte mais notável, no ponto culminante, daquillo que vimos escrevendo sobre a cidade de Ponta Grossa. Foi talvez isso que provocou a idéa de irmos á Ponta Grossa. Foi talvez isso que nos levou ao compromisso de dizermos o que é a rainha dos campos, na actualídade. Assim, mister cuidado, mister attenção, ao traçarmos estas li nhas. Rigor; rigor na expressão, rigor na phrase, cautella na emissão da nossa opinião sobre o asaumpto. Sim! Perguntamos: em Ponta Grossa existe um meio literario? E' certo que temos de perguntar dum ponto de vista de relatividade, de complacência. Mas essa relatividade que não ascenda ao extremo; que essa complacência não ultrapasse o limite riscado pelo bom senso. Relatividade, porque em Ponta Grossa nunca houve seria dedicação pelas letras.

A mocidade desviava-se para carreiras praticas, de utilidade immediata. O povo não se preoceupava muito pelas cousas de arte. Liam, gostavam das emoções vulgares da arte: uma boa leitura, um bom momento musical e só. Dahi o não se citar facilmente um nome pontagrossense no seio das velhas gerações Paranaenses. De annos a esta parte começou uma reacção. Alguns talentos se revelaram, algumas intelligencias se mostraram, apaixonando-se,pela litteratura, comprehendo a, assimilando e produzindo alguma cousa, modesta, simples, mas que é o producto de um esforço e de um trabalho. Appareceram em jornal e em revistas alguns trabalhos, firmados por jovens pontagrossenses. Auroreara uma época nova para a cidade que marchava, victoriosamente, na senda do progresso. Iniciava se o labor, litterario que ameniza a rudez da existência. A mocidade uniu se, ao lado della collocaram-se alguns velhos e todos entregaram- se ao trabalho, com vontade, numa ancia de aprender, de produzir. E surgiram revistas, fizeram se conferencia, publicaram-se folhetos. Agora tudo isso constituiu um «meiô»? Não trepidamos em responder affirmativamente. Tornou se um meio intellectual muito resumido e

modesto. Comparado a outros lhes ficará inferior. No entanto para uma cidade que nunca possuiu siquer jornalistas, esse meio era um coefficiente digno de registro e de admiração. Seria, como é, a genese de um meio que, dentro de 5 ou mais annos, honrará sobremaneira o Estado. A carência de litteratos pontagrossenses notada nos catálogos de nomes illustres do Estado, em breve desapparecerá. Os claros reservados a Ponta Grossa serão preenchidos. Não por nomes de um valor extraordinário capaz de sobrelevar ao dos demais municípios. Não! Mas quando o Parana começou sua vida litteraria quem elle contava como poeta iliustre? Fernando Amaro. Este poeta para o seu tempo e para as circunstancias em que viveu merece distincção; em relação dos poetas coevos que viviam nos demais Estados elle desapparecia, como um fazedor vulgar de versos. Hoje, o Parana orgulha se do nobre vate paranaguense e com justo motivo. O mesmo succede a Ponta Grossa. Alli aparecerem alguns talentos. Estão se formando. São os primeiros e o meio que elles constituiram não pode ser adiantado mas existe, de facto e promettedor.

CRÔNICA 8 – 06 de agosto de 1912

A Imprensa. **Mocidade intellectual feminil. Mocidade intellectual masculina, intellectuaes adventicios. Palestra com uma joven pontagrossense.**

Já registramos, em traços rápidos, em notas muito ligeiras, muito leves, a existência d'um «meio» litterario, em Ponta Grossa, não importa de que estalão. Ha na cidade uma imprensa, com dous orgãos bem feitos, bem redigidas, bem norteados. O mais antigo é O Progresso, propriedade e direcção do dr. Elyseu de Campos Mello. Esse orgam foi fundado ha 5 annos, em Maio de 1907, Imparcial e dedicado á defeza dos interesses municipaes, desobriga se com brilho de sua missão. De formato grande, bem impress0, offerece leitura aproveitavel e variada. Circula trisemanalmente e conta um numeroso e distincto corpo de collaboração onde figuram os nomes dos drs. Flaviano Silva, Octavio Toledo, Oliveira Ramos, Paula Braga, Jeronymo Cabral, que o dirigiu por muito tempo, com brilho e superioridade, e Alcidio Ribeiro, Costa Faria, Cardoso de Menezes, José Pedro Trindade, Annibal Noronha, Modesto Bittencourt, Mario Xavier de Barros, Anísio Müller, Affonso Wanderley, Affonso Correia, Irineu Cunha e senhorita Zaida Zardo e outros. O Progresso tem uma historia que registra um passado de luctas e de agitações. Sempre foi um franco atirador e um campeão independente. Outro jornal que honra a Ponta Grossa é O Correio dos Campos, do qual são redactor o talentoso e illustrado jornalista Hugo Reis e proprietário o sr. Cláudio Madureira. Semanario independente, o «Correio» combate desassombradamente pelos interesses populares. Suas columuas sempre estiveram abertas á collaboração dos que gostam de assumir uma attitude direita na marcha dos successos. O «Correio» tem agitado e discutido questões magnas, com muito critério e cometencia. O seu corpo de collaboradores é vasto e o « Correio » conta, além disso, com correspondentes esforçados na capital e n'outros pontos do Estado. 0 «Correio», como o «Progresso» têm grande circulação. Devido a já sua

longa existência o «Progresso» tem exercido uma notável influencia no meio pontagrossense, franqueando suas columnas para a mocidade, que nelle começou a exercitar suas pennas, com producções litterarias. Diversos nomes em voga no «meio» pontagrossense surgiram no «Progresso», firmando escriptos sobre generos diversos. Ha, também, na cidide uma revista essencial mente dedicada ás letras, e é a Via-Lactea. Dessa publicação, apparecida ha pouco, são redactores os intelligentes e esforçados moços Craveiro de Sá, Wanderley Junior e Costa Faria. Via-Lactêa é mantida por um grupo enthusiasta de moços e moças e nas suas paginas têm sido insertos bons trabalhos em prosa e verso, da lavra de jovens pontagrossenses. Na lista dos que « amam a arte » notam-se nomes bastante futurosos. Vamos citar aquelles que colhemos. Talvez omittamos alguns. Mas essa omissão será perdoada como impropositał. Em primeiro lugar vêm alguns dos moços, bastante intelligentes, e que se revelam talentos em formação. São as senhoritas Palmyra e Maria Luiza Xavier, Chiquinha e Annita Philopowski, Sezina Ferreira, Jorsalina Villela. De moços há Paulino e Olegario d'Almeida, Julio Eleuterio, Vespasiano Madureira, Joaquim Pedro da Silva Carvalho, José Pedro da Silva Carvalho, Edvaldo Camargo, Heitor e Cláudio Madureira, Flavio Guimarães, Amantino Antunes, Agostinho Ribas, Augusto de Andrade Ribas, Julio Bittencourt, José Cardoso de Menezes e José Pedro Trindade. Entre os adveuticios notam se: Costa Faria, Jeronymo Cabral, Hugo Reis, Craveiro de Sá, Flaviano Silva, Oscar Borges, Campos Mello, Egydio Pilloto, Wanderley Junior, Paula Braga e senhoritas Marianna Duarte, Herminia e Annita Cordeiro, Cordelia Amaral. Como se vê é uma lista numerosa. Muitos desses nomes são desconhecidos no Estado; muitos não são talentos que assombrem, mas a maioria possue energia, força de vontade e dedicação ao estudo. Inserimos em seguida uma palestra que tivemos com a senhorita Annita Fhilipowski, que, moça, vivendo num meio acanhado, mostra se senhora, no entanto, de talento e clarividencia. Logo de começo perguntamos á nossa gentil entreristada. Ha em Ponta Grosaa um meio literario?

— Creio poder responder affirmativamente. Não constituem esse meio um elevado numero de elementos, porém ha entre elles alguns bastante e merecidamente considerados no mundo intellectual paranaense, e que com dedicação digna de louvor mantem a folha literaria que aqui se publica; e outros, que ainda principiantes, mas que pelo talento e applicação ao estudo promettem um futuro bastante lisongeiro para a literatura pontagrossense.

— Existem como parte integrante elementos femininos?

— Sim..,

— Esses elementos femininos são muitos?

— Infelizmente não. Ha mesmo um numero muito limitado de moças que escrevem. As senhoritas pontagrossenses dedicam-se com preferencia á musica e á pintura, e creio que se pode attribuir esse desamor ás letras, á critica, que essa arte mais qué todas as outras está sujeita.

— Podeis citar os nomes que vos occorrem ?

— Marianna Duarte, Giovanina Bianchi, Josephina Rodrigues, Cordelia do Amaral,

Daluz Pupo, Maria Luiza Xavier e Herminia Cordeiro são os nomes que agora me vêm a lembrança.

— Essas senhoritas estudam, leem, preoccupam-se bastante com a letras?

— Eis uma pergunta á qual não posso responder com absoluta precisão. Mas tudo me leva a crer que sim, pois de sua lavra já teem sido publicadas producções bem ideadas, destacando-se entre ellas um bello conto de Marianna Duarte inserto no numero commemorativo do primeiro anniversario da «Folha Rosea».

— Achaes que ha entre ellas talentos promettedores ?

— A essa pergunta, também, não posso dar uma resposta satisfactoria. Na minha incompetência intellectual e saber limitadissimo...

— Competência inteliectual e saber razoavel, senhorita...

—...não me acho habilitada a classifical-as. Porém todas as senhoritas, cujos nomes citei, são moças de bastante talento. Daluz Pupo, por exemplo, educada em Ponta Grossa, onde não ha meios para se adquirir o preparo preciso para habilitar-nos a expor uma idéa — já tem publicado alguns sonetos bem imaginados.

— Ha tempos que escreveis?

— Ha um anno aproximadamente. N ’uma dessas noites de inverno, que para nós não tem a boa palestra que com pessoas de intimidade nas cidades se gosa «au coin du feu»; que no campo são monotonas e parecem interminaveis, tornando-se indispensável a cada um qualquer distracção para combater o tedio, eu experimentei escrever o meu primeiro conto. E depois escrevia sempre. Mas não daria nunca a publicação os meus modestíssimos escriptos se a isso não me instigasse minha professora de pintura, d. Giovanina Bianchi, á quem dediquei inédita a primeira producção minha que foi publicada — A legenda do ciúme — que os redactores do «Progresso» tiveram a benevolencia de inserir nessa folha acompanhadas de algumas palavras animadoras para mim. Confesso, porém , que foi muito receiosa que enviei essa composição á redacção: temia, em vista do seu nenhum merecimento, ver o meu envolto n’uma critica; decerto justa, mas sempre incommoda.

— Possuis muitos trabalhos inéditos?

— Não . Apenas algumas impressões, com posições insignificantes como tudo que tenho produzido.

— Das vossas amigas que escrevem qual a que produz mais?

— Giovanina Bianchi, que com brilhantismo já collaborou na «Folh a Rosca» e tem de sua lavra uma bellissima série de poesias.

— Já se nota desenvolvido o gosto artístico no grosso da sociedade feminil pontagrossense.

— De um modo bastante satisfactorio.

— Conheceis algumas senhoras ou senhoritas que pintam, que cantam, que são virtuosas musicaes? Podeis citar nomes?

— A pintura é a arte que com mais ardor é cultivada em nosso meio. A escola que aqui funcciona é dirigida por duas hábeis e esforçadas professoras italianas, conta approximadamente vinte alumnas das quaes teem se distinguido Noemia Solano, Luzita Silveira, Marianna Duarte, Mariquinhas Bittencourt, Palmyra Xavier ,

Conceição Ribas e ainda outras, cujos nomes não me occorrem , que tem recebido francas demonstrações de contentamento da parte das professoras, que se manifestam muito satisfeitas quanto á sua applicação e decidida vocação pela arte. O canto, com excepção de D . Rosa Mattos, professora de musica que possue uma bella ebem educada voz, não é cultivado entre nós. Apenas algumas meninas começaram a aprender. Mas
em compensação a musica tem mais muitas e apaixonadas amadoras. Citaremos apenas alguns nomes, pois um de todos me lembro: Noemia Solano, quer ao piano quer ao violino, tem se salientado em todos os concertos que tem tomado parte; Maria Luiza Xavier, pianista que tem revelado muito gosto na execução; Lucilía Xavier, que possue um gosto artístico muito notavel; Durvina Ribas, Zoraide Ribas, Luzita Silveira, Sylvia Rocha, Palmyra Xavier, Chiquinha Xavier, Sezina Ferreira e muitas outras que estudam, dedicam-se com proveito á arte musical, manifestando dessa maneira que as anima o amor ao bello e que em Ponta Grossa não são, como se diz por ahi, desconhecidas as coisas de arte.
Feitos os agradecimentos, retiramo-nos, satisfeitos por podermos registrar, em nosso canhenho, tão boas notas. Para o fim a que nos propunhamos era um elemento excellente.

CRÔNICA 9 – 08 de agosto de 1912

O insigne Gustavo Leblon, o grande prescrutador d alma das multidões, j´s escreveu algures que um povo forma uma pyramide. Da base ao apice, cm ordem excellente, se disseminam elles pelo seu valor. Em cima estão os sábios, os intellectuaes, e successivamente por seu valor, até em baixo onde se encontram as camadas ignorantes. Entre os illustres porém não se deparam somente os verdadeiramente intellectuaes. Uns há que desviaram seus talentos para um ramo de actividade, outros para ramos diversos. Assim, uns se destacam neste campo; outros se destacam naquella e é d o conjuncto de tudo isso que se afere o grande desenvolvimento de um povo. E’ segundo o maior ou menor volume e altura da tal pyramide que se pode aquilitar do maior ou menor adianto de uma nação. Um povo que só apresentasse literatos como notabilidades seria um povo de vida ephemera. Assim , em Ponta Grossa seria erro nosso só procurarmos catar nomes de intellectuaes, dando esta classificação num sentido restricto, a quem se preoccupa |com cousas da intelligencia. Tratamos, também de saber dos negociantes intelligentes, dos industriaes emprehendedores. Esses nomes virão a seu tempo, surgindo na occasião opportuna. Contudo não será demais já catalogarmos, de relances alguns, como os dos srs. drs. Álvaro Martins, Ozorio Guimarães, coronel José Pedro, coroneis Ernesto Villela, Salathíel de Paula, Trajano Madureira, Henrique Thielen, Rodolpho Ribas e outros tantos, aos quaes Ponta Grossa deve muito, deve bastante. Uns são filhas daqucIla terra; outros são filhos adoptivos, ligados a ella por laços estreitos de coração, e que como como o 1º «derramaram pelas ruas da cidade grandes capitaes». A cada uma dessas personalidades, em

tempo opportuno, nós nos referiremos a miudo, contando alguma cousa da sua acção e do seu valor. Feitas estas ponderações urge registrarmos com que elementos locaes e proprios conta o «meio» pontagrossense para se desenvolver. A proposito damos a palavra á nossa illustre collaboradora senhorita Annita Philipowski:

«Nós moças de Ponta Grossa, que fontes tivemos e temos para saciar nossa sede de saber? Em uma escola de primeiras letras recebiamos o ensino das materias elementares, e este mesmo frequentemente interrompido pelos impedimentos da professora, e nada mais. Para frequentar o curso secundario na capital poucos paes podem arcar com as despezas. A escola normal prepara as moças especialmente para professoras, porém poucas são as que teem vocação e a indispensável dedicação para esta carrei|ra, e por este motivo vem a ser, quasi todas, mestras bem medíocres. Quando se abrio o instituto «Dr. Jo.ão Cindido», em nossa cidade podia estabelecer se também um curso secundário para meninas ensinando com especialidade geographia geral, electricidade, escripturação mercantil, contabilidade, tachigraphia e uma das linguas mais geralmente falladas como a franceza, ingleza ou allemã. Ficariam, como preparo nessas matérias, habilitadas para occuparem cargos no correio, telegrapho, telephone, ou como guarda livros e correspondentes commerciaes. Seria prematuro reclamar universidades ou academias no Paraná onde se salientassem mulheres como Mme. Curie lente da Sorbonne, Luiz e Jacobsen na Dinamarca, Anna Rogstad membro do parlamento na Noruega e ultimamente até uma secretaria de legação, Clotilde Luici, nomeada pelo governo do Uruguay para a respectiva legação em Bruxellas. Ponta Grossa; porém, a segunda cidade em população e progresso commercial e industrial, já devia ter um estabelecimento de ensino secundário para meninas, que as preparasse para a lucta, pela vida, porque aquella de entre nos que quizer, abandonando a rotina commum, sahir desse circulozinho estreito e oppressor, adquirir, os meios para se lançar n'uma esphera mais ampla, para levar uma vida menos dependente; erafim, ha de recuar vencida ante a impotência de ver realisada a sua elevada aspiração na falta de uma escola que lhe faculte para esse fim o saber necessário. Dois poderosos factores para a evolução rapida de um meio são instrucção publica e a existência de bibliothecas. »

As palavras que acima transcrevemos pintam a carencia de meios para completa educação de moças, e, podemos dizer, de moços. O instituto João Cândido não é sufficiente. Por seu programma, por sua organiaaçáo, por tudo elle não basta. Da confusão e da balburdia deste amontoado de notas, colligidas ás pressas e transplantadas para estas columnas sem pretenções litterarias, vai surgindo Ponta Grossa de hoje, com sua feição característica. Vamol-a mostrando com suas qualidades, com seus defeitos, sem augmentar aquellas nem diminuir estes. Não commentamos nem deduzimos: descrevemos, apenas. Fallando do meio litterario apontamos o que elle é. Falando dos nomes que o compõem, catalogamos, apenas. Falando dos factores que influem num meio litterario, a falta de bibliothecas e a necessidade da instrucção publica. Agora, rematando as notas sobre Ponta Grossa

intellectual, impõe-se-nos um dever: falar da influencia de uma livraria na vida pontagrossense. Em 1904, á rua 15 de Novembro de Pontagrossa, abriu-se uma loja de livros. Num compartimento estreito, em estantes singellas, se viam amontoados. Era o 1° estabelecimento no genero existente na cidade. Era uma tentativa. Era um golpe de audacia. Vender livros sómente, ganhar alguma, cousa com esse ramo de negocio, parecia empreza temeraria. Havia, porém, dentro daquelle esboço de livraria uma intelligencia, uma vontade e uma acção na pessoa de um moço. Era o José Costa Faria, o popularissimo Casusa. Esse rapaz, apercebendo-se da necessidade que já se fazia sentir na terra de uma livraria montou-a, fazendo a arriscada. Começaram a afluir 0s freguezes. Os livros foram saindo. A livraria se tornou, a pouco e pouco, um ponto de palestra de de amigos das letras. Diariamente para ali se encaminhavam os que gostam de ler. Conversavam, discutiam, trocavam idéas e os livros se vendiam, as revistas e os jornaes eram comprados e a loja prosperava. A tentativa do Casusa florescia numa bella realidade, de enormes proveitos. O circulo dos freguezes augmentou. Aos velhos se reuniam os novos: a mocidade para ali se dirigia á busca do tosão do ouro do livro novo que a instruísse, que a enriquecesse dessa preciosa riquesa que é o saber. Em 1906 o Casusa adquiriu um prélo pequeno. Na cidade não existia desse apparelho formidável que vomita os mais perigosos petardos do mundo, como sejam o jornal e o livro. E o Casusa, que na juventude fôra cavalheiro de imprensa, terçando no «Rio Negrense», publicou “A Reclame”. Pouco depois apparecia o «O Progesso», já impresso noutra officina. O meio evolvera, progredira; entre a Ponta Grossa de 1904, camponeza rustica e a de 1908, senhorita educada, ia uma notável differença. Assim, a Ponta Grossa desse tempo já não penetrava mais para comprar livros num cubiculo apertado da rua 15 onde um homem mal se mexia. A livraria do Casusa crescera, e melhorara-se. Vieram os armários, vieram as montras, veiu uma officina. O Casusa, perspicaz e activo, não se aperreara á ganancia, ficando para traz quando a cidade galopava na senda do progresso. Marchou ao lado do meio, seguindo lhe as pegadas, com vigor. A livraria ia desempenhando sua funcção e exercendo sua influencia.

Os moços intelligentes continuavam a procural-a. De palestras ali, surgiram quantas idéas, quantas lembranças felizes. A «Folha Rosea», a bella revista, nasceu duma cavaqueira de intellectuaes; na livraria do Casusa, o Costa Faria no mundo das letras. Esse mercador de livros não se limitou nunca ao papel de burgez: ao passo que vendia livros, escrevia. O balcão de sua loja valeu sempre pelo burêau de um jornalista, de um conteur e, também... de poeta! Por isso, a lívfaria crescia sempre. Hoje ella se acha ínstallada num espaçoso edifício. Ha amplas saias, com vastos armaríos, lindas montras. Ha escriptorio com mesas e estantes. Ha a sala das officinas, grandes, bem arranjadas. O Casusa já não é simplesmente o proprietario, o caixeiro, o typographo, o guarda-livros, o fae tôtum. Tem socio, caixeiro, typographos, guarda-livros, etc. A livraria é um primor. Aqui em Corítiba só uma se lhe compara: é a própria matriz da casa, a Livraria Economica do snr. Leopoldino Rocha. Indubitavelmente, uma cidade que possue uma livraria como essa não é atrazada. Quem a visita não foge a esta certesa: Ponta Grossa lê bastante e sabe

ler! No entanto, para chegar á actual situação, o Casusa não palmilhou somente uma florida estrada. Tudo lhe não foram só flores e alegrias. A' sua tenacidade, á sua perseverancia, á sua energia, á sua actividade, elle deve, naturalmente, a prosperidade da livraria. Um typo vulgar de commerciante não se atiraria a empreza problemática do genero dessa. Quem só visasse o lucro, o ganho fácil, não se metteria num negocio desse. O Casusa certamente venceu porque tinha talento, venceu porque não era um caçanikeis venceu porque não o animava a ancia burgueza de se apatacar.

CRÔNICA 10 – 13 de agosto de 1912

Ponta Grossa é um centro eminentemente industrial. Forçosamente tem de ser. Traçam-lhe esse destino as suas condições excepcionaes. Elle não conta elementos para se destacar pela lavoura, pela producção agrícola. Seus campos não são tão grandes que sirvam para creação de gado em grande escala. Do facto de ser um entreposto commercial notável não resulta vantagem saliente que lhe garante um futuro radioso. De forma que a bella cidade ve-se abrirem na linha de sua vida dous caminhos: o do estacionamento ou do desenvolvimento illimitado. Obrigal-a-á áquella desgraça a inacção, sobrecarregada pela concurrencia de outros centros, que luctarão por circumscrevel-a a um papel insignificante. Atiral-a-á para trilha infinita e ella se expandirá industrialmente, offerecendo as horas ao espirito de iniciativa de seu povo tão affeito ao trabalho. Porque não ha que se illudir. A posição excepcional de Ponta Grossa assegura-lhe um ponto destacado de combate industrial e de combate commercial. Ponta Grossa já se atirou a ambos, com energia, com enthusiasmo, com esperança das gentes moças. Ella se volta para o norte e se lhe depara São Paulo, o titan temivel, extendendo as mãos para o Sul, derramando por sobre este a collossal producção de sua industria e de sua importação. A via ferrea transporta para as bandas stocks monumentaes: é contra essa obra de conquista commercial que Ponta Grossa se levanta, reagindo stoicamente. Virando-se para o Sul enxerga Rio Grande do Sul, armado cavalleiro para uma guerra, em qualquer terreno que seja. Por outro lado, dentro do proprio Estado, Coritiba a enfrenta, batendo se contra ella, procurando dominal-a e ao interior. Isto posto reconhecejnos o circulo de fogo em que se acha Ponta Grossa. Para ella desfallecer um instante é a derrota. Desacautellar-se e perder terreno, é anniquillar-se compromettendo o seu futuro. Em boa hora, porém, o espírito intelligente do seu valente povo compenetrou se do seu papel na linha de morte e Ponta Grossa floresce e caminha galharda, como um importante centro industrial. Dessa opinião é illustre moço com quem palestramos.

— A cidade já é mais ou menos industrial. Será o 2º centro industrial do Estado porque esse titulo e essa designação caberão a Guayra. Um dos factores do rápido desenvolvimento das industrias, aqui é a força electrica, gerada nas importantes usinas do rio Pitanguy. Dentre em breve a cidade procurará chamar a si o

fornecimento de todos os mercados do interior. Ha de se fabricar aqui o que importamos de S. Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.
— E esses mercados ?
— Estão hoje presos áquellas praças, se bem que em condições mais favoráveis do que ha pouco tempo.
— Mas, o desenvolvimento das industrias se faz folgadamente?
— Não tanto como era de desejar. O povo brasileiro commette um erro com o facto de não protejer criteriosamente as industrias nascentes. Para umas elle dispensa uma protecção mais exagerada; outras quasi abafa com o peso terrível dos impostos. Esses impostos não só recaem sobre a matéria prima como incidem sobre a exportação, occasionando o encarecimento da manufactura, difficultando, assim, em ser collocada nos mercados. A situação da industria paranaense comparada a dos outros Estados é inferior. O motivo dessa circumstancia se encantra na disparidade das legislações. Lá fora só se procura favorecer a industria; aqui só se procura asphixial-a. Removidos esses inconvenientes, estabetecidas a igualdade de condições, o Paraná não temerá os seus co irmãos, não se devendo extranhar se elle os sobrepujar.
— E o espirito industrial em Ponta Grossa existe?
— Muito accentuado. Quer ver? A inclinação do povo é para o industrialismo. Em geral cada commerciante é um industrial. Junto aos armazéns commerciaes fundam se fabricas. Estas se tornam o prolongamento daquelles. O capitalista,promptamente, associa-se para a installação de fabricas. Esse espírito industrial, garante a victoria da cidade. Por ahi vão surgindo fabricas. Estão em formação grandes sociedades para fundação de estabelecimentos manufactureiros. Breve ahi virá uma fundição importante. Não demorará a apparecer uma moderna fabrica de papel, aproveitando como materia prima a cellulose. Cogitam da installação de lacticinios. Tudo isso a eclosão de forças latentes duma cidade cuja sensacional guerra em prol de sua grandeza se travará no terreno industrial.

CRÔNICA 11 – 17 de agosto de 1912

Já nos temos referido, por diversas occasiões, á empreza de electricidade. Digamos o que colhemos sobre ella. Desde o primeiro instante comprehendemos que Ponta Grossa está servida por uma enpreza modelo. A rede é soberba, a fonte de producção poderosa, as installações são magníficas e a luz optima. Presentemente a propriedade da empreza pertence aos srs. Martins & Carvalho, sendo gerente o dr. Álvaro Martins, notável engenheiro brazileiro. O dr. Alvaro Martins nasceu, em Março de 1876, em Laranjeiras, no Estado de Sergipe. E’ filho do sr. Germano Mar|tins, de origem portugueza e da lexma. sra. d. Mariana Araujo Martins. O dr. Alvaro se criou em Alagoas, vindo depois pira o Rio de Janeiro, onde estudou mathematicas elementares. Nessa cidade fez, com brilhantismo, o curso da Escola Polytchnica, concluindo-o em 1901. Em seguida á formatura seguiu para o Paraná, como ajudante do dr. Capanema. Durante alguns annos esteve nesse cargo, ascendendo mais tarde ao de chefe da construcção e depois engenheiro superintendente da São

Paulo-Rio Grande. Obtendo uma licença em 1910, dedicou-se aos serviços da empreza de electricidade, Martins & Carvalho, da qual é um dos socios. O dr. Martins contrahiu matrimonio com uma filha do coronel José Pedro de Carvalho. Na "interviw" que tivemos com o illustre dr. Alvaro Martins, elle nos relatou o seguinte a respeito da Empreza de Electricidade de Ponta Grossa: "Em Março de 1909, época em que nos foi transferido o Contracto da Empreza de Electricidade desta cidade, a situação relativa aos trabalhos desta Empreza era expressa do modo seguinte: Á rua Ermelino de Leão, fora estabelecida a Usina Geratriz provida dos apparelhos seguintes:

1 Caldeira Multibular da Casa Walter & Cª, com 50 metros quadrados de superfície de aquecimento, provida dos accessorios os mais precisos ao seu funccionamento;

1 Machina á vapor, vertical, desenvolvendo, no maximo 50 cavallos vapor, e conjugada directamente com um Dynamo de Corrente Continua da Casa Lahmeydr, para a distribuição a 3 fios com 2 x 230 Volts por 75 ampéres;

1 Quadro de Destribuição, provido dos apparelhos seguintes:

1 Rheostato de excitação;
1- Voltmetro 500 Volts;
2 Amperemetros até 80 amp;
2 Seguranças com fuziveis;
1 Interruptor Bipolar.

A Rêde de destribuição, estabelecida sob cerca de 200 lampadas incandescentes de 16 a 20 vellas, destinadas a illuminação das casas particulares e edifícios municipaes. Comprehendendo que sob as condições estabelecidas para os serviços de Electricidade nesta cidade não era, de modo algum, possivel aproveital-os ao desenvolvimento que já se tornava necessário, requeremos a Camara uma prorrogação de 15 annos de praso, dando á Municipalidade alguns favores não previstos no contracto transferido. Esta prorogação foi concedida em virtude da Lei n. 220 de 15 de Maio do mesmo anno, e, em harmonia com esta Lei, nos obrigamos a installar uma nova Unidade cuja energia dynamiça attingisse a 80 Kilowatts. Esta Unidade futura devia ser produzida por um Motor thermico; mas, como a clausula V do Contracto transferido, nos permittia definir o emprego do typo e natureza do Motor, e, ainda mais, como tinha sido nosso pensamento desde o momento em que nos foi transferido o referido Contracto, melhorar e desenvolver, tanto quanto nos fosse possível, os serviços de nossa Empreza, não só quanto á destribuição de Energia sob a fórma de Luz, quanto ainda sob a fórma de fôrça para o aproveitamento e estimulo ás pequenas industrias que, aqui, precisam ser desenvolvidas, não hesitamos em definir a adopção do Motor Hydraulico, apesar de bem conhecermos as dificuldades que tinhamos de vencer. Além disso, como tinhamos vivos desejos de contribuir tanto quanto nos fosse possivel para a transformação economica desta localidade Paranaense, e como consideramos que

um dos maiores elementos de prosperidade ás industrias locaes, constituido por uma distribuição economica de Energia Electrica, não poupamos esforços no sentido de estabelecermos ao longo, do Rio Pitanguy estudos correspondentes a 4 secções distinctas, para que, da comparação, entre os projectos relativos á cada secção, podessemos definir, com segurança, a preferencia da secção denominada Cachoeira. Dado sorte, estabelecemos o nosso projecto definitivo, não só quanto a parte hydraulica cujos detalhes para a execução das obras e adopção do typo da Turbina e seus accessorios essenciaes ao bom exito do funccionamento da Installação, mereceram, de nossa parte, estudo cuidadoso. Este projecto assim estabelecido prevê a installação de 3 Unidades distinctas com um total de 450 kilowatts, das quaes a primeira já se acha instalada desde Julho do anno findo e cujo funccionamento diario, dia e noite, tem sido irreprehensivel. Desde o desenvolvimento das pequenas industrias foi necessário adquirir todos os materiaes relativos a 2ª Unidade cuja montagem será iniciada dentro da próxima semana. Actualmente estão colocados 16 Motores, com um total de 90 HP e promptos para serem collocados mais 8 Motores com um total de 73 cavallos. Os serviços de iluminação estão sendo feitos com 2000 lampadas, das quaes 300 lampadas incandescentes de 16 a 25 velas destinadas ao serviço de illuminação publica e 12 lampadas intensivas de 300 velas, tambem, destinadas aos serviços de illuminação publica. Os serviços de iluminação nas casas particulares são feitos com cerca de 1685 lampas de 10 a 100 vellas.

CRÔNICA 12 – 22 de agosto de 1912

(Notas dum Reporter)

Frisada a importância industrial da cidade urge vermos qual o estado desse capital ramo da actividade local. Ultimamente tem sido montadas em Ponta Grossa muitas fabricas. Innumeras dellas surgiram após a inauguração dos serviços da Empresa de Electricidade. A distribuição de força electrica foi a vara de Moysés tocando na pedra arida, mas num terreno propicio donde brotaram, promettedores, diversos estabelecimentos fabris. A energia electrica está se popularisando na cidade. E empregam-na commumente, em misteres os mais variados. Aqui ella move os mechanismos complicados, de uma enorme fabrica; ali ella acciona uma bomba; além ella esquenta um ferro de éngommar; faz rodar uma machina de costura, faz zumbir um apparelho de massagens. Os quadros abaixos são siginificativos. Elles mostram o numero de motores existentes e, os que começarão brevemente a funcionar na cidade.

Demonstração da applicação de Motores electricos ás industrias em Ponta Grossa:

Motores installados e funccionando nos estabelecimentos seguintes:	Energia dos motores em H. P.	Applicação ás industrias	EM 29 DE JUNHO DE 1912	
			Epocha da installação	OBSERVAÇÕES
Henrique Thielen	10—	Cervejaria	Setº. de 1911	—
» »	0,68	Elevação d'agua	»	Acciona 1 Bomba p. elv. dagua
J. Cardozo de Oliveira	1,50	Torrefação	Outº. de »	—
Holzmann & Comp.	5—	Cinematographo	» »	—
Hospital da S. Paulo-Rio Grande	1,50	Elevação d'agua	Novº. de »	Acciona 1 Bomba p. elv. dagua
Madureira Branco & C.	3—	Fabrica de palhões	»	—
G. Marques & Comp.	16—	Fabrica de pregos	Dezº. » »	—
Vicente Motti	5—	Fabrica de massas	Fevº. de 1912.	Tem tambem estufas para seccar as massas
Eduardo Richter	3—	Fabrica de salsich.	»	—
Manente & Celli	10—	Carpintaria	Março » »	—
Peixoto & Silva	1,50	Torrefação	»	—
João Krygerowsky	1,50	»	»	—
H. Madureira	20—	Fabrica de meias	»	Tem ferros de engommar
Lysandro Antunes & C.	10—	Serraria	Abril » »	—
G. Hagemeier	1,50	Fabrica de salsich.	»	—
Quartel do 5.º Regim.	0,68	Elevação d'agua	»	Acciona 1 Bomba p. elv. da agua
TOTAL em HP, dos Motores installados:	90.86	—	—	Os Motores trabalham em geral 10 horas diarias.

Motores já contractados e por installar-se nos estabelecimentos abaixo:

H. Thielen	25	Fabrica de gelo	Julho de 1912	
J. Jacob Bührer	3	Offic. Mechanica	» » »	
Roberto Lobo	5	Fabr. de Cigarros	Agosto » »	
Eugenio Gambassi	5	Idem Caramellos	» » »	
Germano Schuleter	3	» de moveis	» » »	
José Krocawskay	1.6	Torrefação	» » »	
A. Sant'Anna	10	Moinho de Centeio	Setembro »	
Th. Klüppel & Filho	20	Serraria	Ontubro »	
TOTAL em HP, dos Motores por installar:	72.50	—	—	

Em Ponta Grossa funccionam, actualmente as fabricas de:

- sabão, vellas, verniz, tintas, etc., de Hoffmann & Dõtzel;
- pregos de G. Marques & C.;
- macarrão de Vicente Motti;
- macarrão de Dante Mansani;
- caramellos e bombons de Alcebiades Guimarães;
- caramellos e bombons de Eugênio Gambassi;
- palhões de Madureira & Faria;
- cerveja de Henrique Thielen;
- cerveja de Guilherme Metzentin;
- cerveja de João Baptista & Comp;
- cerveja de Mathias Kurcheidt;
- cerveja de Baer &' Filhos;
- cerveja de Frederico Lampe;

- gazoza de Paulo Canto;
- gazoza de Francisco Teinel;
- moveis de Frederico & Cª;
- bebidas: capilé,groselha etc.de João Brandalisi;
- tecidos de Guimarães, Villela & Almeida;
- meias e tecidos de malha, de Heitor Madureira.

Existem, ainda, oito olarias, sendo que uma dellas, dos srs. Sabatella *&* Madureira, produz objectosde ceramica. Ha cinco fabricas de cal no Itaiacoca. Funccionam nove fabricas de farinha de mandioca, 8 de vinho nacional, destacando-se as dos srs. Firmino Rocha, Amando Cunha, David Pelíssari e familia Natal. Ha mais as fabricas de presuntos e banhas dos srs. José Buckler e João Cavallin; de salsichas de Eduardo Richter; de banha de Christiano Justus e Gotliebe Hillienberg; de escovas, pincéis e pentes de Ricardo A. Anevola. No rol desses estabelecimentos notam-se vários que honrariam qualquer centro industrial dos mais adiantados. Veremos, assim, que a fabrica de tecidos dos srs. Villela, Guimarães & Almeida é de 1ª ordem. Verificaremos que a fabrica de cerveja do sr. Thielen será dentro em pouco a mais notável do Estado. Capacitar-nos-emos que a fabrica Concordia de meias e tecidos de malha é a unica no Estado. Vamos dar uma descripção de cada um desses centros de trabalho.

CRÔNICA 13 – 24 de agosto de 1912

(Notas dum Reporter)

Logo depois que a firma Martins & Carvalho adquiriu a empreza de electricidade, tratou de melhorar os serviços refundindo-os, a começar pela fonte de energia. Para esse fim foram obtidas concessões neccessarias para aproveitamento da queda d'agua do rio Pitanguy. Este rio nasce nas cercanias do Tronco, distante 40 kilometros de Ponta Grossa, em território de Castro. O distincto engenheiro, dr. Alvaro Martins, para utilisação do Pitanguy, fez as plantas indispensaveis, com perfis e secções dos mais minuciosos detalhes do conjuncto das obras — hydraulicas. Assim, entre as cotas 855 e 840, numa reunião de saltinhos, dispostos num comprimento de um kilometro, installaram-se todas as obras essenciaes ao aproveitamento total da descarga normal de 5.200 litros por segundo dada pelas aguas do Pitanguy. Em lugar pittoresco, foi construida, num praso relativamente curto, sem estardalhaços nem reclames, a represa, em alvenaria de pedra e algamassa de cimento, armada sobre rocha compacta. O curso do rio é caudaloso e as suas aguas augmentam, constante mente, com as chuvas de modo que isso constituia serios entraves, á formação da represa. Foi, então, acima, feito 0 dique provisorio de uma represa, da qual se dirivou um canal desviando as aguas do rio. Desse modo puderam os operarios construir a represa difinitiva, sem mais obices. Esse trabalho, dirigido criteriosamente, foi ultimado de modo a ter a empreza a

convicção de que 0 dique respectivo supportará, facilmente, a força da corrente na maior das enchentes. Além de que a previdencia da engenharia armou a represa com una valvula de segurança, um vertedor de descarga, com a capacidade de 9.000 litros por segundo, quasi o duplo do numero fornecido rio. Dentro do canal, para regularisação do nivel d´agua, existe uma comporta de 3 metros de largura, com apparelhos proprios para suspensão. Uma segunda comporta de iguaes dimensões se rota á direita da represa, para deixar entrar o liquido no canal. O canal adductor, da extensão de 880 metros, aberto através de rocha grés é. em sua maior parte , revestido por argamassa com cimento. A profundidade delle é, em media, de 1 m. 9 m. com capacidade de 4.500 litros por segundo. Para diminuir os embates prejudiciaes da massa liquida sobre as paredes do cal foi adoptada a porcentagem de 0.00065 por mil. Na extremidade do canal fica um reservatorio capaz de alimentar conjunctamente 3 turbinas em plena carga. Nesse reservatorio ha, para manter 0 nivel constante, um vertedor e para a limpesa e descarga total do canal uma comporta de tamanho igual ás que já nos referimos. Entre o reservatorio e cada uma das linhas adductoras foram montadas, a capricho e com elegancia, 3 caixas de pressão e 3 comportas independentes. O comprimento da linha adductora é de 74 metros e a ligação com a caixa de pressão será estabelecida por um tubo conico de 1.30 de diametro. A linha adductora corre sobre pilastras de alvenaria, solidamente enterradas no solo, para ser minorado o effeito da dilatação. Antes da entrada na usina geradora a linha assenta num forte bloco de alvenaria e cimento. O edificio da usina é vasto e construido com toda a solidez. Os alicerces erguem se, profundos e massiços, sobre rocha, feitos de alvenaria de pedra. O canal de fuga, perfurado em pedra, e sobre o qual se levanta a usina, conta 4 metros de largura, 6 m.5 de fundura e 42 de extensão. A usina comprehende 3 divisões internas. A 1ª é o comprimento da entrada, com proporções sufficientes e trazido sempre em ordem. O 2º é o salão das machinas, onde estão os apparelhos geratrizes do potencial electrico. O 3°, completamente independente, é o quarto de alta tensão. O trabalho para effectivação de toda a planta foi enorme. Foram gastos 2400 m. cubicos de alvenaria, com argamassa de cimento. As excavações alcançaram o numero de 9.000 metros cúbicos, quasi todos em rocha grés.

Parte mechanica

Sabe-se quanto, actualmente, está adiantada a electricidade na Europa, como nos Estados Unidos. É maravilhoso o que a vontade e a intelligencia humanas têm feito nesse ramo do saber e da utilidade. As invenções se multiplicam ; as innovações se succedem; os aperfeiçoamentos se introduzem de maneira rápida e assombrosa. As fábricas atiram-se a uma 1 fomidavel luta e aproveitam tudo aquillo que as possam armar para esmagar os concurrentes. Cada machina que sae de um estabelecimento industrial é um typo differente, melhorado, quando ás vezes, não representa a conquista de uma invenção nova.

continua

CRÔNICA 14 – 27 de agosto de 1912

(Notas dum Reporter)

(Continuação)

Parte mecânica

Pois bem, a empreza Martins & Carvalho escolheu, para a sua installação hydraulica, o typo mais adiantado de turbinas a *Francis*, frontal com eixo horizontal, o qual é a ultima palavra do genero á venda na Europa. A construcção dessa turbina se fez de accordo com as condições especificadas em um projecto distincto, que exigia uma altura de *12* a 15 metros sob uma quantidade d'agua de 1.500 litros por segundo. Por isso não é de admirar que se compunha a necessidade absoluta de calcular, com rigorosa exactidão, todos os orgãos desse apparelho delicado, de modo a apresentar, sobre aquellas oscillações de nivel o mesmo rendimento. A confecção do projecto esteve a cargo da importante e famosa casa Amme Gieseck & Kenegen, de Braunschweig. Esse famoso estabelecimento, cujo renome é mundial, ultimamente tem se incumbido de fornecer material hydraulico para óptimas e grandes installações no Brazil por intermédio da casa Siemens Schuckeerwercke, do Rio de Janeiro. A turbina dispõe, como é de
ver, de todos os accessorios, para o seu funccionamento perfeito, sendo que, para a sua regularisação, existe um aparelho "Servo-motor", e de máxima pressão. O capricho da construcção desse regulador motiva o successo que consegue em todas as installações que o possuem. O característico desse aparelho é que o attricto nelle está reduzido ao *minimum*. A turbina, funccionando com uma secção de 5 metros, gasta 1.500 metros, no máximo, por segundo e desenvolve 600 rotações por minuto. Para a fiscalização do funccionamento da turbina foram installadas 2 manometros de precisão, tachymetro e 1 vacuometro. A usina geradora comporta 3 unidades diversas, que produzem cada uma 150 kilowats. Cada unidade sendo constituida da turbina com os seus accessorios, do gerador e do seu excitador, recebe um tubo adductor distincto, ficando garantida desse modo, independencia completa das unidades futuras.

Parte etectrica

O gerador electrico produz corrente triphasica, sob a tensão de 500 a 550 volts, com cos. (phi) — 09,50 cyclos por segundo. É de typo moderno, e feito para supportar as condições especiaes do nosso clima. Possue a capacidade dynamica de 130 kilowats. O conjuncto do gerador liga-se directamente com o eixo da turbina por meio de luva elástica. O excitador de 3 k. w. está collocado sobre o prolongamento do proprio eixo.

Quadro de distribuição

O quadro de distribuição compõe-se de 3 painéis em marmore branco, suportados por elegantes columnas metallicas, collocacadas em elevação sobre o solo da usina. Sobre o primeiro destes painéis estão dispostos todos os instrumentos de precisão para regularisação e distribuição da corrente, e as alavancas, perfeitamente isoladas que commandam os apparelhos automaticos e o regulador para o campo magnético do gerador. Ligação entre o gerador e o quadro é feita por meio de cabos armados, providos de todo o isolamento, assentados em canal cimentado no sub-solo da usina. A tensão do gerador é elevada em um transformador trifásico, com isolamento a [ilegível] de 10.000 a 11.000 walts, isolado no quarto de alta tensão, tendo sido feita a sua isolação de modo a poder [ilegível]pela corrente de ar [ilegível] que circula em canaes [ilegível] no sub-solo do mesmo [ilegível].

Quarto de alta tensão

No quarto de alta tensão, qual é um dos compartimentos da usina além do transformador elevador de tensão, com seus accessorios e de suas ligações, está installada uma estação completa de protecção contra as descargas atmosphericas e super-tensões. Egual estação foi installada na central distribuidora. A linha de transmissão é continuamente ligada á terra por meio de apparelho especial, trabalhando com jactos da agua de resistencia previamente calculada.

Linha, de transmissão

A linha de transmissão tem a extensão de 8.300 metros. É constituída de 3 cabos de cobre nú, endurecido. Esses cabos são fixados sobre isoladores de porcellana branca, para alta tensão, notando-se que um está montado na extremidade superior dos postes e 2 outros montados sobre crusetas de imbuia, de modo a apresentarem a fórma de um triângulo equilatero, cujo lado foi determinado tendo em vista a tensão de cada phase. A distancia maxima entre cada parte é de 40 metros. A linha foi calculada para no futuro, transportar toda a energia gerada 3 x 150 k, w. sob a tensão de 10.000 a 11.000 wats. Os postes são pintados, extendidos e alinhados em tangentes compridas.

Linha telephonica

A linha telephonica entre a usina e a sub-estação foi assentada sobre os mesmos postes da linha de alta tensão, mas o seu funccionamento é tão perfeito que não se percebe inducçào alguma. Nas estações extremas foram collocados 2 apparelhos especiaes, completamente isolados, de voz extra forte e munidos de apparelhos especiaes de proteção contra accidentes athmospericos e supertensões permitindo assim o uso delles sem perigo algum, em qualquer emergencia. Como medida de fiscalização ha ligação entre a usina e a subestação de 30 minutos.

Sub-estação

- N’um dos mais bellos pontos da cidade, n'um alto, donde se descortina um panorama surprehendente, donde se devisam horisontes longínquos, ergue-se cheio de elegância na simplicidade de suas linhas, o edifício da sub-estação. Está na extremidade inferior da espaçosa praça Santos Andrade. De estylo proprio, o predio prehenche o fim ao qual se destina. Construido numa area regular, elle é de dimensões conveniente. Internamente divide-se em 4 salas, sendo uma dellas central, para entrada, a das machinas, a do escriptorio technico e a onde está collocado um transformador para alimentar o dector mais proximo á central distribuidora, ' No salão de apparelhos eátá montado um transformador de 150 kw, reduzindo a tensão de 11.000 a 3.000 volts que são transportados a 5 substações, na cidade contendo, cada uma, um transformador de 30 kw. Reduzindo a tensão de 3.000 a 230 volts. [ilegível] tensão é que é feita a distribuição dos serviços de [ilegível] enquanto a linha de 3000 [ilegível] ?limenta motores. ?trada da linha de trans? na central distribuidora, [ilegível] como a saida dos feeders de 8.000 volts, é feita por um torreão elegante, bastante alto e todo illuminado, dando um effeito admiravel. As substações na cidade são constituidas por graciosos torreões, com bastante altura para entrada dos “feeders” de 3.000 volts e a saida das linhas de distribuição. A cobertura desses torreões é de telha *Esternit*, em fórma de escamas. A disposição interna dá logar a se lhe montar mais um transformador igual aos 2 que já ali existem. Todos os apparelhos estão montados sob o rigor da technica e dispostos com muito gosto, com arte e até luxo. Na central distribuidora vê-se no centro, installado o transformador abaixador da pressão; na parede do fundo do salão estão de um lado os apparelhos de protecção geral contra os meteoros athmosphericos e symetricamente arrumados de outro os apparelhos de protecção de fios ligados á terra, atravez de uma resistência triphasica, não inductiva, com resfriamento, por meio de oleo. Como esta protecção refere-se aos accidentes determinados por modificações que se possam dar dentro do systema de 10.000 volts produzindo supertensão de natureza ondulatoria, ella acha-se installada em células incombustiveis fechadas por grades elegantes. No lado opposto do mesmo salão da central distribuidora, acham-se installados: um armario hermeticamente fechado contendo um interruptor maximum automatico tripolar com isolamento a oleo, instrumento de precisão para medição da corrente de 3.000 volts ; os desligadores e uma bateria de para-raios “Ralais”, ligados, também a uma resistência tripolar inductiva, com resfriamento por meio de oleo. Os cabos de ligação entre as linha de transmissões, a protecção e o armario de distribuição são dispostos com technica e arte. A fachada principal do edifício é iluminada profusamente. No alto, lê-se nitidamente a palavra illuminada: “Electricidade”. A rede está bem estabelecida e dotada de apparelhos necessarios á sua segurança.

CRÔNICA 15 – 5 de setembro de 1912

(Notas dum Reporter)

Em artigos anteriores, explanando observações proprias, destacando opiniões alheias e publicando descripções sobre a força motriz procuramos acentuar que à Ponta Grossa está destinado um porvir eminentemente industrial. Já actualmente a tendencia do povo para esse productivo e grandioso ramo da atividade humana é irresistível. A cidade mesma se nos apresenta aos olhos com o *que* peculiar aos centros industriaes. A vida febril, agitada, apressada, o movimento operario, pela manhã e á tarde á entrada para o serviço e á saida para o descanso. Comtudo um facto nos chocou, desde o primeiro momento a attenção. Em Ponta Grossa se não vêm essas collossaes chaminés, enovelando fumo o dia todo nem esses canos que vomitam espiraes negras de sol a sol. Também pela madrugada não se é despertado pelo barulho ensurdecedor das machinas apitando. Os operarios dirigem-se para as fabricas sem que as sirenas lhes recordem a hora do inicio do cumprimento do dever. Nesse ponto Coritiba é totalmente differente da sua co-irmã dos campos. Durante o lapso que medeia entre 6 e 6 1/2 aqui o rumor dos apitos das fabricas é enorme. De todos os pontos elle se ergue, cortando o espaço. É que na nossa capital o vapor ainda reina, accionardo as machinas. Em ponta Grossa zumbem sempre com a mesma intensidade, nas fabricas os motores electricos. Limpos, simples, uma creança os faz andar, mexendo numa chave, sem perigo algum. Dia e noite a rotação é a mesma, a força é , a mesma e o asseio é o mesmo. Si as fabricas de Ponta Grossa possuissem sirenas o ruido pela manhã seria superior ao de Coritiba porque, relativamente, lá existem mais fabricas, numa area muito menor. As grandes fabricas já substituiram os motores. Algumas até, a exemplo do que se pratica nos Estados Unidos, puseram de parte os seus machinismos a vapor, trocando-os por motores electricos. Isso notamos, entre outras, na fabrica Concordia do intelligente industrial Heitor Madureira. Dos estabelecimentos que visitamos se destacaram, desde logo, a cervejaria Henrique Thielen, a já citada fabrica Concordia, a fabrica de tecidos e a fabrica de pregos. A fabrica de cerveja do sr. Henrique Thielen é, indubitavelmente, modelar. Sem receio de contestação podemos affirmar que no Estado, não ha outra, em proporções e montagem, que se lhe compare. Acha-se situada num vasto e bem acabado predio, á rua Vicente Machado n. 24, dando fundos para a rua coronel Claudio. É seu proprietario o esforçado industrial coronel Henrique Thielen, gerente o sr. Nicolau Bach e fabricante chimico o sr. Hugo Ulrich, vindo de Vienna. A fabrica dispõe de enormes accommodações, em edifício de pedra e cal e madeiras, amplos galpões e vastos armazéns no sub solo. Tem um poço artziano de 10 metros de fundura e um poço commum de 35 metros. A agua é optima, tendo a analyse que lhe foi feita nos laboratorio de Vienna, Berlin, Müchen, apresentado explendidos resultaos. O laudo affirmou a sua magnifica qualidade para o fabrico a cerveja. A cervejaria foi,

ultimamente, bastante augmentada, sendo aperfeiçoados todos os seus mechanismos, trazidos recendente da Europa, pelo sr. Henrique Thielen.

ANEXO B - RECORTES DE CRÔNICAS DO JORNAL *O PROGRESSO*

Recorte da crônica de 18 de julho de 1912 – jornal O Progresso.

Ponta Grossa de hoje

(*Continuação*)

Quem visita Ponta Grossa, ao mesmo tempo que sente a impressão nitida de se encontrar numa cidade onde o trabalho é uma verdade e onde a vida intensa se manifesta sob formas diversas, percebe, com alguma satisfação que, servindo e dirigindo um povo ordeiro e incansavel, está um governo municipal activo e emprehendedor.

A' perspicacia, á intelligencia e ao patriotismo dos proceres da administração local jamais escapou a comprehensão da imprescendibilidade de certos melhoramentos.

Si muitos não foram realisados a causa facilmente se nos apresenta no facto importante de ter tido o governo pontagrossense por norma agir com prudencia, agir com criterio, agir com calma porque no espirito das pessoas que o norteam não pesava sómente a preoccupação de realisar obras para sacrificar o futuro da terra.

Constituido como todos os governos municipaes, do prefeito e da camara, da harmonia destes poderes é que surgem, se praticam e fructificam as boas idéas e os bons emprehendimentos.

Uma questão politica, echos do furacão que se desencadeou no Estado, por volta de 1908, influiu na marcha da administração publica pontagrossense.

Prefeito e camara, de começo, não viam as cousas do mesmo ponto vista. Por um apaixonado partidarismo, subsequente á formação da colligação paranaense, os dois poderes foram forçados a rumarem para orientes diversos.

Comtudo, quando entravam em jogo os interesses locaes, a união era total; cada um dos ramos da administração abdicava de seu ideal politico e collocavam-se ambos sob a égide da bandeira da felicidade, do engrandecimento e portanto do progresso pontagrossense.

E' assim que os homens se sobrelevam no scenario da vida.

O ideal é proprio dos individuos; cada um pode defender o que melhor lhe aprouver.

O que ninguem pode nem tem o direito de fazer é collocar esse ideal, que não passa dum interesse pessoal, acima do interesse collectivo.

Na arena politica do Estado degladiavam-se duas facções; esse combate, irradiado pelo Estado, travou-se tambem em Ponta Grossa.

Havia alli dous grupos, cada qual pesante e invicto, hasteando a bandeira predilecta, pannejando aos ventos de uma idéa.

Para honra e gloria da grande, cidade, porém, nunca essas bandeiras flamejaram separadas quando a causa do desenvolvimento local periclitava.

Não foi numa questão, não foi em duas questões mas em muitas dellas que isso se verificou, como eloquentissimo attestado do valor moral dum povo patriotico, que com esses actos nobres punha em relevo o coefficiente de seu adianto.

Assim, jamais os serviços publicos ficaram descurados.

A municipalidade se desobriga com hombridade de seus compromissos.

Cobra, rendasm as em compensação fornece luz explendida, calça algumas ruas, soccorre a população, cuida das vias de communicação, trata de resolver o problema do saneamento da cidade.

A proposito fomos palestar com o prefeito municipal.

E' o sr. coronel José Villela. Moço, pertencente a uma das mais importantes familias locaes, s. s. é dotado de intelligencia e cultivo. Frequentou a escola polytechnica do Rio.

Tivemos occasião de ver uma planta para o novo mercado publico por elle confeccionada.

Achamol-a bellissima e podemos assegurar que, depois de construido, esse edificio vae ser, no genero, o mais grandioso do sul do Brasil. Nem S. Paulo, nem Porto Alegre possuem mercados que se lhe possam comparar, pelos predios onde funccionam.

O sr. Villela, que é tambem commerciante, nos recebeu na sua vivenda, com fidalgada e amabilidade.

De rompante, na serenidade com que falava e na firmeza com que emittia os conceitos, convencemo-nos que conversavamos com um cidadão de valor.

Ao lhe tocarmos em programma elle nos disse:

— Sim tinha um programma, que representava a bandeira de um partido.

Eleito atravessei uma epoca de lucta. A crise politica que sobreveiu entorpeceu de alguma forma a minha acção.

— Comtudo...

— Trabalhei. Convencido da esterilidade da lucta politica, resolvi iniciar uma obra de conciliação e de harmonia visando os altos interesses municipaes.

Si por um lado os partidos talvez lucrassem com a guerra, por outro o municipio perdia e perdia immensamente.

— De modo que...

— Achei e commigo o pensaram os nossos correligionarios, que deviamos empregar todos os esforços para findar a lucta, principalmente, entre os poderes executivo e o legislativo. Dessa forma não foi longo o periodo da lucta.

— Qual o problema capital do programma de s. s.?

— O do saneamento. Para mim a questão da agua e do exgotto foi sempre de transcedencia relevante.

Appareceram diversas propostas que pareciam exequiveis. Preferi fazer, porem, por concurrencia publica. Assim, nas bases do edital entrou a obrigação da construcção do mercado, cujo projecto adoptado é de minha autoria.

— E o serviço sahirá?

— Sai, tenho certeza. Será feito sob contracto onde ficarão plenamente garantidos os interesses municipaes.

— Certamente s. s. se preoccupou com outros assumptos?

— Perfeitamente. As industrias e a lavoura mereceram minha attenção. Fiz que crea-sem leis em beneficio de ambas. Tenho-as favorecido quanto é possivel. As industrias desenvolveram-se muito e, como é crença geral, é minha tambem que o futuro de Ponta Grossa repousará sobre o evoluir de suas industrias. Ella será uma cidade eminentemente industrial.

O municipio é pequeno, não contem terras bastantes que possam dar logar á expansão agricola.

— Um factor da eclosão industrial é a força electrica?

— Sem duvida nenhuma. O sr. não calcula que de beneficios, num lapso de 6 mezes, ha prestado a empreza. As industrias, quer as grandes, quer as pequenas, tomaram um formidavel impulso. A camara, como é de suppor, as favoreceu, dispensando-as de impostos, isentando as de direitos.

— E o povo é trabalhador?

— Muito. E' difficil se verem desoccupados pelas ruas. Não ha aqui as «rodas» de palestras estereis. Cada homem que passa é um operario ou um homem de negocio. O povo paga correctamente os impostos, sem protestos nem retardamentos. Para a effectivação de um melhoramento os esforços conjunctam-se.

— E a renda?

— E' pequena ainda mas ha margem bastante para augmental-a. A taxa por cada habitante é modica. E' inferior a de quasi todas as cidades paranaenses, inclusive a capital.

— Na sua gestão foi creado algum imposto?

— De magnitude não.

Cogitei em diminuir alguns, entre elles o de «entrada de commercio», uma especie de patente commercial.

— Que diz s. s. sobre o calçamento?

— Que é um problema essencial e de necessidade a ser levado a effeito após a solução do problema da agua e do exgotto.

— Com isso tudo...

— Nessa cidade, incontestavelmente, se tornará uma cidade ideal sob o ponto de vista hygienico, dadas as suas magnificas condições proprias.

— Qual o estado das finanças municipaes?

— Optimo. Ponta Grossa nada deve. O municipio nunca contrahiu emprestimos.

Os compromissos pequenos que algumas vezes foram assumidos tiveram logar aqui perante o nosso commercio.

— Como vão se realisar os serviços de agua e exgottos?

— Será pago por titulos aos contractantes que tratarão de collocal-os convenientemente.

A municipalidade pensou, ha pouco, em levantar um emprestimo.

Como as condições em que o propuzeram não convinham deixou de fazel-o.

— E as pessoas com que s. s. trabalhou?

Formo dellas a melhor opinião. Dedicadas, activas, intelligentes, me auxiliaram immensamente.

— Mais algumas perguntas e terminaremos a cacetação.

— Pois não, com todo o gosto, meu rapaz; eu gosto muito das novedade da cedade, pois sou homem do commercio e entendido das lei.

— Disse o professor que um inglez...

— Ah! entonces é a historia do gringo! Continúa.

— Um inglez viajando pela zona tropical da Asia, contou a um habitante dessas paragens que no paiz delle havia gelo, ao que o homem de todo se negou a acreditar, porque era muito ignorante, porque disse o professor; e se elle soubesse o que era a agua que via no rio, o que era o ar que respirava, e que conforme a temperatura a que é submettida a agua torna-se vapor e que passa do estado liquido ao gazoso e ao sólido...

— Oh, rapaz! tu és um sabio mas não vá ficar louco. Toma conta, mas conta lá o caso.

— Pois é, si o pobre do homem pudesse ver ao menos as cousas de maior vulto que tinha diante dos olhos, de certo acreditaria no que lhe dizia o Inglez que de certo era muito bom para elle, porque diz o professor que está escripto: « *Tu viste e acreditaste. Felizes os que puderem acreditar sem ver.*

— Tá bão, isso tambem é da bôba; tudo isso que dizes é exquesito, mas isso é bobage dos doutô....

A conversa foi interrompida pela vóz arripiada da patroa, que disse a comida estar na mesa.

Ao matte chimarrão, ás 11 horas da noite, o Doutor ainda devaneou sobre jurisprudencia, com uma sapiencia que abysmava a sua veneranda esposa, deixando o rapazinho atrapalhado, pelo motivo de ter medo de rir-se.

Foram deitar-se.

Mas o rapazinho antes de dormir ainda parafusou largo tempo sobre qual seria o projectil que poderia atrevessar tal couraça de obtuzidade.

Está claro que não poude descobrir, porque a sciencia no seu alto potencial mechanico de artilharia intellectual ainda não poude perfural-a.

No dia seguinte, o pequeno Alberto viajando para a casa de seus paes, ainda parafusava:

Qual será o projectil? —*Luiz Cabral.*

***

O artigo acima, ás vezes, em certos trechos, destituido de senso, me foi confiado pelo proprio auctor.

O leitor conhece Luiz Cabral?

Este jornal, ha pouco tempo, publicou um perfil seu.

Luiz Cabral é um ebrio habitual, que, possuindo certo cultivo intellectual, com humour sabe criticar factos e individualidades.

Agua Ingleza Baruel

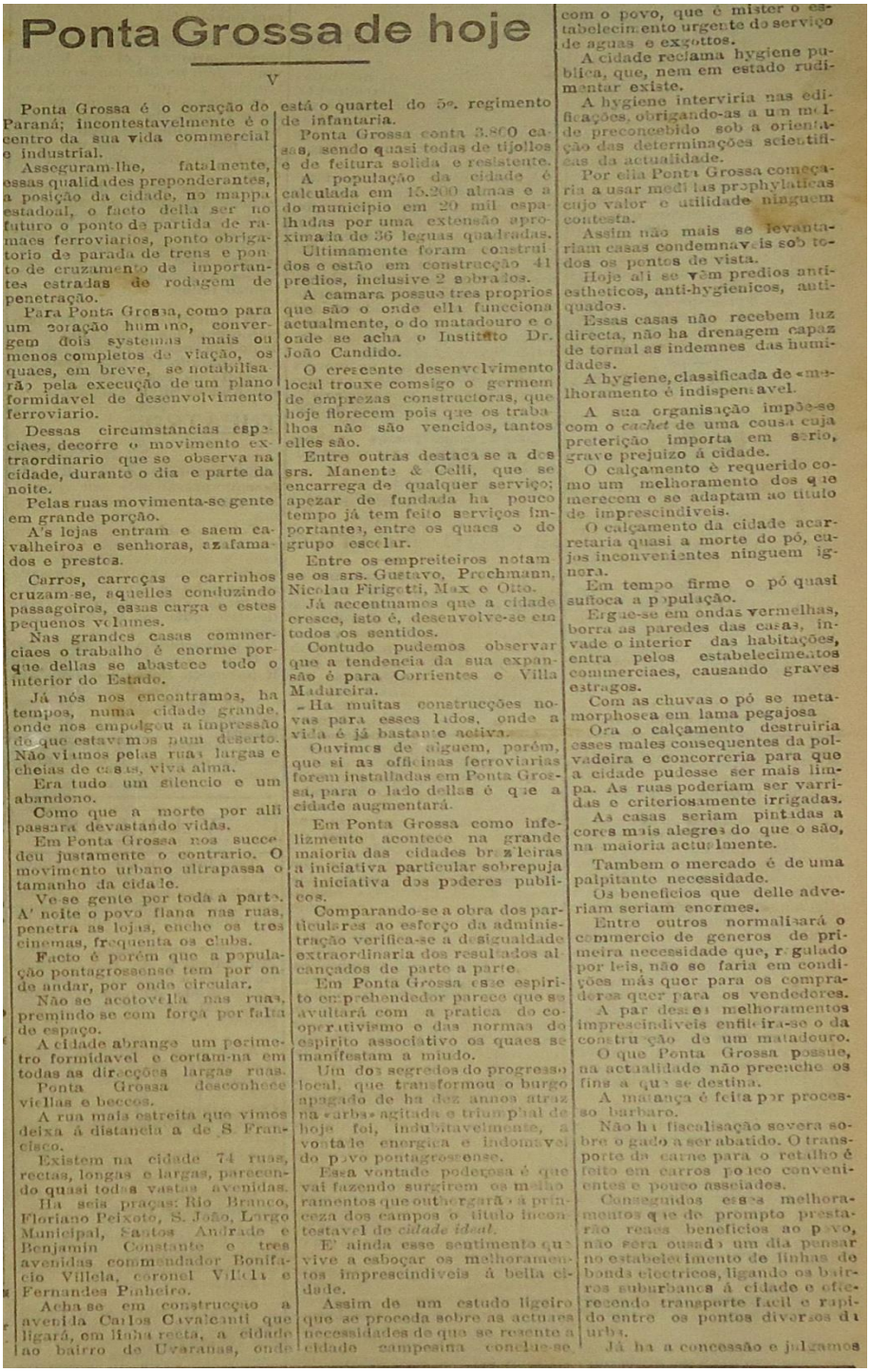
formula do pharmaceutico Th. LIBERO — Approvada pela Directoria Geral da Saude Publica da Capital Federal. E' um preparado de plantas da nossa flora, receitado constantemente, e ha muitos annos, por distinctos ellinicos, nos mais rebeldes casos de anemia, chlorose, leucorréa, perda de appetite e em outras molestias congeneres. Encontra-se na

Pharmacia Minerva

— PONTA GROSSA —

FONTE: Casa da Memória Paraná.

Recorte da crônica de 20 de julho de 1912 – jornal O Progresso.



Ponta Grossa de hoje

V

Ponta Grossa é o coração do Paraná; incontestavelmente é o centro da sua vida commercial e industrial.

Asseguram-lhe, fatalmente, essas qualidades preponderantes, a posição da cidade, no mappa estadoal, o facto della ser no futuro o ponto de partida de ramaes ferroviarios, ponto obrigatorio de parada de trens e ponto de cruzamento de importantes estradas de rodagem de penetração.

Para Ponta Grossa, como para um coração humano, convergem dois systemas mais ou menos completos de viação, os quaes, em breve, se notabilisarão pela execução de um plano formidavel de desenvolvimento ferroviario.

Dessas circumstancias especiaes, decorre o movimento extraordinario que se observa na cidade, durante o dia e parte da noite.

Pelas ruas movimenta-se gente em grande porção.

A's lojas entram e saem cavalheiros e senhoras, azafamados e prestes.

Carros, carroças e carrinhos cruzam-se, aquelles conduzindo passageiros, essas carga e estes pequenos volumes.

Nas grandes casas commerciaes o trabalho é enorme porque dellas se abastece todo o interior do Estado.

Já nós nos encontramos, ha tempos, numa cidade grande, onde nos empolgou a impressão de que estavamos num deserto. Não viamos pelas ruas largas e cheias de casas, viva alma.

Era tudo um silencio e um abandono.

Como que a morte por alli passara devastando vidas.

Em Ponta Grossa nos succedeu justamente o contrario. O movimento urbano ultrapassa o tamanho da cidade.

Ve-se gente por toda a parte. A' noite o povo flana nas ruas, penetra as lojas, enche os tres cinemas, frequenta os clubs.

Facto é porém que a população pontagrossense tem por onde andar, por onde circular.

Não se acotovella nas ruas, premindo se com força por falta de espaço.

A cidade abrange um perimetro formidavel e cortam-na em todas as direcções largas ruas.

Ponta Grossa desconhece viellas e becos.

A rua mais estreita que vimos deixa á distancia a de S. Francisco.

Existem na cidade 74 ruas, rectas, longas e largas, parecendo quasi todas vastas avenidas.

Ha seis praças: Rio Branco, Floriano Peixoto, S. João, Largo Municipal, Santos Andrade e Benjamin Constante e tres avenidas commendador Bonifacio Villela, coronel Villela e Fernandes Pinheiro.

Acha-se em construcção a avenida Carlos Cavalcanti que ligará, em linha recta, a cidade ao bairro de Uvaranas, onde está o quartel do 5º. regimento de infantaria.

Ponta Grossa conta 3.800 casas, sendo quasi todas de tijollos e de feitura solida e resistente.

A população da cidade é calculada em 15.200 almas e a do municipio em 20 mil espalhadas por uma extensão aproximada de 36 leguas quadradas.

Ultimamente foram construidos e estão em construcção 41 predios, inclusive 2 sobrados.

A camara possue tres proprios que são o onde ella funcciona actualmente, o do matadouro e o onde se acha o Instituto Dr. João Candido.

O crescente desenvolvimento local trouxe comsigo o germem de emprezas constructoras, que hoje florecem pois que os trabalhos não são vencidos, tantos elles são.

Entre outras destaca-se a dos srs. Manente & Celli, que se encarrega de qualquer serviço; apezar de fundada ha pouco tempo já tem feito serviços importantes, entre os quaes o do grupo escolar.

Entre os empreiteiros notam-se os srs. Gustavo, Prochmann, Nicolau Firigetti, Max e Otto.

Já accentuamos que a cidade cresce, isto é, desenvolve-se em todos os sentidos.

Contudo pudemos observar que a tendencia da sua expansão é para Corrientes e Villa Madureira.

Ha muitas construcções novas para esses lados, onde a vida é já bastante activa.

Ouvimos de alguem, porém, que si as officinas ferroviarias forem installadas em Ponta Grossa, para o lado dellas é que a cidade augmentará.

Em Ponta Grossa como infelizmente acontece na grande maioria das cidades brazileiras a iniciativa particular sobrepuja a iniciativa dos poderes publicos.

Comparando-se a obra dos particulares ao esforço da administração verifica-se a desigualdade extraordinaria dos resultados alcançados de parte a parte.

Em Ponta Grossa esse espirito emprehendedor parece que se avultará com a pratica do cooperativismo e das normas do espirito associativo os quaes se manifestam a miudo.

Um dos segredos do progresso local, que transformou o burgo apagado de ha dez annos atraz na «urbe» agitada e triumphal de hoje foi, indubitavelmente, a vontade energica e indomavel do povo pontagrossense.

Essa vontade poderosa é que vai fazendo surgirem os melhoramentos que outhergarão á princeza dos campos o titulo incontestavel de *cidade ideal*.

E' ainda esse sentimento que vive a esboçar os melhoramentos imprescindiveis á bella cidade.

Assim de um estudo ligeiro que se proceda sobre as actuaes necessidades de que se resente a cidade campesina conclue-se com o povo, que é mister o estabelecimento urgente do serviço de aguas e exgottos.

A cidade reclama hygiene publica, que, nem em estado rudimentar existe.

A hygiene interviria nas edificações, obrigando-as a um molde preconcebido sob a orientação das determinações scientificas da actualidade.

Por ella Ponta Grossa começaria a usar medidas prophylaticas cujo valor e utilidade ninguem contesta.

Assim não mais se levantariam casas condemnaveis sob todos os pontos de vista.

Hoje ahi se vêm predios anti-estheticos, anti-hygienicos, antiquados.

Essas casas não recebem luz directa, não ha drenagem capaz de tornal as indemnes das humidades.

A hygiene, classificada de «melhoramento é indispensavel.

A sua organisação impõe-se com o *cachet* de uma cousa cuja preterição importa em serio, grave prejuizo á cidade.

O calçamento é requerido como um melhoramento dos que merecem e se adaptam ao titulo de imprescindiveis.

O calçamento da cidade acarretaria quasi a morte do pó, cujos inconvenientes ninguem ignora.

Em tempo firme o pó quasi suffoca a população.

Ergue-se em ondas vermelhas, borra as paredes das casas, invade o interior das habitações, entra pelos estabelecimentos commerciaes, causando graves estragos.

Com as chuvas o pó se metamorphosea em lama pegajosa

Ora o calçamento destruiria esses males consequentes da polvadeira e concorreria para que a cidade pudesse ser mais limpa. As ruas poderiam ser varridas e criteriosamente irrigadas.

As casas seriam pintadas a cores mais alegres do que o são, na maioria actualmente.

Tambem o mercado é de uma palpitante necessidade.

Os beneficios que delle adveriam seriam enormes.

Entre outros normalisará o commercio de generos de primeira necessidade que, regulado por leis, não se faria em condições más quer para os compradores quer para os vendedores.

A par destes melhoramentos imprescindiveis enfileira-se o da construcção de um matadouro.

O que Ponta Grossa possue, na actualidade não preenche os fins a que se destina.

A matança é feita por processo barbaro.

Não ha fiscalisação severa sobre o gado a ser abatido. O transporte da carne para o retalho é feito em carros pouco convenientes e pouco asseiados.

Conseguidos estes melhoramentos que de prompto prestarão reaes beneficios ao povo, não será ousado um dia pensar no estabelecimento de linhas de bonds electricos, ligando os bairros suburbanos á cidade e offerecendo transporte facil e rapido entre os pontos diversos da urbs.

Já ha a concessão e julgamos

FONTE: Casa da Memória Paraná.